



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Setor de Pós-Graduação

ALMIR DE OLIVEIRA FERREIRA

FUTEBOL, TECNOLOGIA E APRENDIZAGEM: CORPO, PERFORMANCE E
CRIATIVIDADE

MESTRADO EM TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA E DESIGN DIGITAL

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Setor de Pós-Graduação

ALMIR DE OLIVEIRA FERREIRA

FUTEBOL, TECNOLOGIA E APRENDIZAGEM: CORPO, PERFORMANCE E
CRIATIVIDADE

MESTRADO EM TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA E DESIGN DIGITAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital sob a orientação do Prof. Doutor Sérgio Roclaw Basbaum.

SÃO PAULO

2010



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Setor de Pós-Graduação

BANCA EXAMINADORA

SÃO PAULO

2010

DEDICATÓRIA

“Vocatus atque non vocatus, Deus aderit”.
“Chamado ou não chamado, Deus se fará presente”.
Carl Jung

Ao meu pai Atalício Fotunato Ferreira, in memoriam,
por ter me ensinado a ser o que sou, o que o mundo-da-ciência não ensina.

À minha mãe, Maria Irene Oliveira, in memoriam,
por incentivar-me a percorrer novos caminhos e a lutar pelos sonhos,
mesmo a despeito da privação de nossa convivência.

Aos meus filhos, Yohan e Lorryne,
pelo amor incondicional e pela inspiração.
“Nunca se separem, eu os amo muito”.

A minha esposa, Valéria,
por viver fielmente a minha vida,
num tempo em que estive numa constante presença ausente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, em diferentes situações e diferentes momentos, encorajaram-me a lutar por este projeto. Sem nunca pedir nada em troca. Toda gratidão, lhes devo, meus amigos.

Ao prezado Professor Doutor Sérgio Roclaw Basbaum, pela sua erudição, pela sua sabedoria, por ter tido a paciência de ensinar o que me fora negado, durante minha vida. Pelos desafios, para que eu pudesse compreender a importância e a necessidade da auto-superação. A ele, a minha eterna gratidão.

A querida amiga, Professora Ângela, que acreditou em mim e instigou minha inscrição no processo de seleção do mestrado. Obrigado.

Aos estimados Professores Doutores do TIDD e a Prof. Dr^a Heloísa Shymanski, com os quais tive o prazer de conviver durante esse período, e que contribuíram nesse processo, com seus saberes e competência. A todos meu respeito e admiração, por tudo que me ensinaram.

À Edna, Secretária do TIDD, pela doce amizade, carinho, dedicação e presteza em atender-me, sempre com informações precisas e sorriso no rosto.

Ao amigo, professor Valdemir, com quem pude debater algumas idéias, que contribuíram para a consecução do bolsa mestrado.

Aos amigos da EE. Prof. Dr. Joaquim G. Moreira Porto, que sempre estiveram solícitos e disponíveis nas circunstâncias mais diversas e adversas. Obrigado pelo carinho, prontidão e incentivo em toda esta minha jornada.

EPÍGRAFE

Para permanecer vivo, educando a paixão, desejos de vida ou de morte é preciso educar o medo e a coragem de ousar. Medo e coragem em assumir a solidão de ser diferente. Medo e coragem de romper com o velho. Medo e coragem de construir o novo.

Madalena Freire

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa são os processos de ensino e aprendizagem do futebol nos clubes e escolas, e o crescente papel que o emprego da tecnologia vem desempenhando na formação dos atletas profissionais deste esporte. A pesquisa leva em conta a história da constituição do futebol, envolvendo desde manifestações em culturas antigas até sua forma moderna, e sua subsequente transformação em um espetáculo que desperta emoções e move multidões em diferentes contextos e lugares do mundo, com enorme presença e importância na cultura brasileira. A partir de um panorama das formas que a preparação dos atletas de futebol assume neste contexto, tendo em conta o impacto do pensamento científico e da tecnologia sobre a performance do atleta profissional de futebol, o trabalho recorre às direções oferecidas pela fenomenologia merleau-pontyana para propor uma maneira de compreender os modos como a corporeidade se traduz nas capacidades de um corpo encontrar soluções criativas em meio a situações de alta complexidade cognitiva exigidas no futebol.

Levando-se também em conta o papel dos jogos eletrônicos que simulam partidas de futebol, e o modo como estes jogos ressignificaram o treinamento deste esporte, busca-se estabelecer uma relação tal entre a aprendizagem do futebol, as fases de desenvolvimento da criança, a ludicidade e a performance, que favoreça transpor as barreiras da representação, em direção à capacidade criativa.

Neste percurso, recorre-se, como referência, principalmente, aos trabalhos de Merleau-Ponty e seus comentadores; aos trabalhos de Foucault sobre a disciplina do corpo; aos relatos do uso de jogos eletrônicos por jovens atletas; a textos de Gallahue, Unzelt, e Frisselli & Mantovani.

Palavras chave: Futebol, corpo, tecnologia, cognição, aprendizagem.

ABSTRACT

This work takes as its object of study the processes of teaching and learning soccer in professional teams and schools, and the increasing role played by the use of technology in the development of professional soccer athletes. The research takes in account the history and evolution of this sport, its ancient and modern forms, up to its recent up-grade as a popular spectacle that raises emotions and moves masses in different contexts and countries around the globe, with enormous presence in Brazilian culture. Designing a broad picture of the strategies of athlete's preparation in such context, and considering the impact of scientific thinking and technology upon the soccer player's performance, the research takes advantage of directions offered by Merleau-Pontyan's Fenomenology to propose a way of understanding the ways by which embodiment turns into one's hability of finding creative solution for high-complexity cognitive challenges demanded by a soccer game.

Taking also in account the role of electronic games which simulate soccer games, and how such games re-signify soccer's training, we aim to establish such a relation between learning soccer, children's development, ludicity and performance, which favors a superseding of the barriers of representationalism, towards creativity.

Through the work, we use as reference, mainly, Merleau-Ponty and his followers; the works of Michael Foucault about body and discipline; accounts of electronic games use by young athletes; and works by Gallahue, Unazelt, and Frisselli & Mantovani.

keywords: Soccer, body, technology, cognition, learning

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	5
1. HISTÓRIA DO FUTEBOL	5
1.1 - A trajetória Histórica do futebol	5
1.2 - A importância do futebol no imaginário coletivo brasileiro	28
1.2.1 – A questão do Elitismo e do Racismo	33
1.2.2 – A questão da identificação do brasileiro com o futebol	38
CAPÍTULO II	42
2 – HISTÓRICO DO FUTEBOL	42
2.1 – Do futebol-arte ao futebol-força (moderno)	42
2.2 – O processo de introdução das escolhinhas de futebol	51
CAPÍTULO III	60
3 – CORPO, APRENDIZAGEM E CONHECIMENTO	60
3.1 – A fenomenologia e o corpo	65
3.2 – O corpo como fonte de conhecimento	70
3.3 – O corpo próprio: movimento e criatividade	75
3.4 – O disciplinamento do corpo	79
3.4.1 – O regime disciplinar	82
CAPÍTULO IV	86
4 – A APRENDIZAGEM NO FUTEBOL	86
4.1 – O desenvolvimento motor (da criança)	87
4.2 – A influência dos jogos digitais (games de futebol) na aprendizagem do futebol	96
4.2.1 – A construção de novos modelos de aprendizagem no futebol	96
4.2.2 – Descrição do FIFA 2008 pc	99
4.2.3 – Características funcionais	100
4.2.4 – Análise e discussão	103
4.3 – O processo de aprendizagem e o futebol	108
CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto central o estudo do corpo na aprendizagem do futebol. Para tanto se recorrerá pesquisa bibliográfica, visto ser imprescindível para entender as dimensões envolvidas no problema que ora se busca compreender, ser necessária a exegese de vários autores. Até porque, como se elegeu a fenomenologia como base epistemológica que dará a sustentação teórica a esta pesquisa, segundo o olhar de filósofos como Husserl, Heidegger e principalmente Merleau-Ponty, isto implica entranhar-se no fenômeno – corpo que aprende o futebol – imergindo num universo de reflexões, devido à complexidade inerente à gênese de todo e qualquer fenômeno que se visa perceber/compreender, o que, portanto, sugere um intenso movimento, de modo a apreender a maior gama de conhecimentos possível acerca desse fenômeno no sentido de compreendê-lo melhor.

Tal processo de entranhamento sugerido por Merleau-Ponty resulta em ultrapassar a aparência do imediatamente dado, e atentar para a interpretação do fenômeno em sua complexidade, sabendo que grande parte deste é por nós ignorada quando o entendemos simplesmente de forma reducionista, simples e fragmentada, adotando a perspectiva de um sujeito ideal como única na compreensão da verdade acerca do fenômeno que se busca decifrar.

Sua perspectiva converge com a visão da biologia da cognição de Humberto Maturana¹ e Francisco Varela² ao dizerem.

¹ Humberto R. Maturana Ph.D. em Biologia (Harvard, 1958). Nasceu no Chile. Estudou Medicina (Universidade do Chile) e depois Biologia na Inglaterra e EUA. Como biólogo, seu interesse se orienta para a compreensão do ser vivo e do funcionamento do sistema nervoso, e também para a extensão dessa compreensão ao âmbito social humano. É professor da Universidade do Chile. Maturana, Humberto R., Varela, Francisco J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. – tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. – São Paulo: Palas Athena, 2001.

Tendemos a viver num mundo de certezas, de solidez perceptiva não contestada, em que nossas convicções provam que as coisas são somente como vemos e não existe alternativa para aquilo que nos parece certo. Essa é nossa situação cotidiana, nossa condição cultural, nosso modo habitual de ser humanos. (MATURANA e VARELA, 2001:22).

Destarte, à fenomenologia cabe perceber-se como uma oportunidade onde os fenômenos são passíveis de compreensão com base numa perspectiva onde o conhecimento em sua complexidade é estabelecido, à ótica de questionamentos em relação à certeza, à exatidão, à segurança, enfim à verdade única imutável, que, portanto, não se constitui em senda unívoca. Ao olhar da fenomenologia, um pensamento não se reduz ao seu próprio universo, como algo acabado, pronto, imutável. À fenomenologia é imprescindível, no afã de conhecer, se configurar num universo de possibilidades, que implica pensá-la na perspectiva onde o estabelecimento do conhecimento e da verdade ocorra à égide da relatividade dos fenômenos. Até porque como diz Gadamer (2002:65), “Quando perguntamos pela verdade não está em questão apenas o fato de que, ao mesmo tempo em que reconhecemos uma verdade, a encobrimos e esquecemos”

Portanto, com intuito de compreender o objeto deste estudo, no primeiro capítulo se recorreu ao entendimento de como se deu a trajetória do futebol em diferentes épocas, culturas e contextos sociais, bem como os interesses, anseios e motivos o levaram a se tornar referência mundial dentre os demais esportes -- haja visto na atualidade este esporte ser praticado por aproximadamente 265 milhões de pessoas. Nessa perspectiva buscar-se-á entender quais características este esporte apresenta, e como contextualiza e ressignifica suas ações em cada cultura. Em outro momento, o texto irá debruçar-se sobre a chegada do futebol ao Brasil, que tipo de sociedade o acolheu e como se deu a disseminação desse esporte em

² Francisco J. Varela Ph.D. em Biologia (Harvard, 1970). Nasceu no Chile. Depois de ter trabalhado nos EUA, mudou-se para a França, onde passou a ser diretor de pesquisa no CNRS (Centro Nacional de Pesquisas Científicas) no Laboratório de Neurociências do Hospital Universitário da Salpêtrière, em Paris, além de professor da Escola Politécnica, também em Paris. (ibid.)

nosso país. Focalizar-se-á a questão do elitismo, do racismo e, ainda, as contribuições e conseqüências do futebol no imaginário coletivo da sociedade brasileira. Portanto, se discutirá como a população brasileira se identifica com o futebol, visto ser esse fenômeno espaço que permite ao povo extravasar/expressar sentimentos, desejos e anseios. E, ainda, como este atende, em determinados momentos, aos interesses políticos e econômicos de governantes e cartolas.

Num segundo momento quer se pensar nas transformações sofridas pelo fenômeno futebol no decorrer de sua história, mesmo porque é público e notório que a cada quatro anos o advento da Copa do Mundo gera intensa mobilização na população em geral, e não só no Brasil. E, nesse cenário, mudanças significativas na maneira de jogar de cada seleção. Por isso quer-se discutir a transformação do futebol-arte em futebol-força suas implicações na mudança da estrutura e elaboração dos treinamentos de futebol e, ainda, como ocorreu o processo de introdução das escolhinhas de futebol no Brasil, a ideologia que defendem e o trabalho que desenvolvem no sentido de formar atletas de alto nível ou cidadãos.

Nesse capítulo serão abordadas questões do corpo como sujeito pensado, do qual emana um universo de possibilidades, corpo vivido – corpo que interage, com o mundo à sua volta –, porque é entranhado nele que se percebe e dá-se a perceber num movimento intencional em direção ao conhecimento. Assim discutir-se-á a fenomenologia e o corpo segundo Merleau-Ponty; o corpo como fonte de conhecimento, corpo próprio visto na perspectiva do movimento e da criatividade; as questões relacionadas ao disciplinamento do corpo e do regime disciplinar -- estes com base no pensamento de Michael Foucault,

No quarto capítulo a investigação se dará, segundo os estudos de Gallahue e Ozmun, que propõem, para o estudo do desenvolvimento humano na perspectiva desenvolvimentista, um modelo que percebe o desenvolvimento motor como um processo

desencadeado na concepção e que só cessa com a morte, mas esse estudo se limitará à criança e ao adolescente. Será discutido ainda como é deflagrado o processo de aprendizagem do futebol, dentre outras coisas com foco nos diferentes tipos de abordagens que o professor pode utilizar para despertar o interesse dos alunos/atletas e também embasar os treinamentos, à ótica do estágio de maturação de crianças e adolescentes. Junta-se a esse acervo a questão dos games específicos do futebol como recurso facilitador do trabalho com alunos/atletas na faixa estaria contemplada nas categorias de base.

Os caminhos percorridos até aqui visando conhecer o fenômeno que se pretende entender se constituiu numa tarefa árdua – pois é difícil ao olhar humano conseguir abstrair-se, ou seja, assumir uma postura de distanciamento/suspensão, que lhe permita uma interpretação destituída de sua pessoalidade. Assim pensa-se ser imprescindível ao ser humano, para o ato de decifrar os enigmas contidos no objeto que se visa conhecer, assumir essa sua limitação interpretativa, de modo a deixar vir a lume a teia de significações contida no fenômeno. Acessar a compreensão total do fenômeno em sua complexidade implica em ampliar a percepção que se têm deste.

Sabe-se, portanto, ser inerente para esse entendimento/percepção a capacidade de apreensão do entorno à luz de que há uma relação de reciprocidade intrínseca entre as partes que compõe o todo, a saber, *sujeito* e *objeto*. A Fenomenologia, diz Carmo (2007:27), “...mantém os pares como opostos que se excluem, e que, ao mesmo tempo, mutuamente se interpelam, numa circularidade”. Essa visão nos remete à idéia de acoplamento estrutural de Maturana e Varela (2001), onde há uma relação congruente entre sistema vivo e meio. Dessa forma, me sinto impelido a pensar o corpo como ‘*forma de expressão*’, concebendo-a como aquela ação, através da qual o indivíduo se permite exteriorizar, deixar fluir em seus movimentos/gestos motores, sua individualidade, sua interioridade, ou seja, sua subjetividade ímpar.

Capítulo I

A HISTÓRIA DO FUTEBOL

1.1 – A trajetória história do futebol

Na busca da compreensão do objeto de estudo desta pesquisa, julgou-se oportuno investigar a trajetória percorrida pelo futebol até os dias atuais, bem como motivos, interesses, significações para sua prática. Portanto, as características que o tornam um ícone mundial dentre as demais modalidades esportivas e, como essa modalidade esportiva desperta e move multidões em diferentes contextos e lugares do mundo, onde este esporte se desenvolva. Até porque, como se sabe, a prática dos jogos nos quais se utilizam bolas suscita no ser humano um fomento incomparável.

Destarte, recorreu-se ao recorte de estudos de autores que discorrem sobre essa temática, de modo a possibilitar uma visão acerca de como se deu a propagação do futebol no mundo. “Pesquisas e documentos comprovam-lhe a prática desde a pré-história, período em que era praticado com uma bola de granito na pré-história, como afirma o professor Barkans da Universidade de Munique. O futebol, na verdade, foi praticado por todos os povos da Terra”. (BORSARI & MESQUITA, 1975:11). Era prática comum entre os primeiros homens a diversão chutando frutas ou mesmo crânios humanos. Essa forma de jogo pode ser considerada como o mais remoto antepassado do futebol, em sua forma mais primitiva, e apesar destas teorias carecerem de uma maior fundamentação científica, indicam uma forte atração do homem desde o início dos tempos por objetos esféricos. (OLIVEIRA, 1995, apud Frisselli e Mantovani, 1999:3)

Oliveira faz menção a pinturas em um túmulo egípcio onde as pessoas estariam em uma atitude de jogo, e também ao registro de jogos com bola na Babilônia. Provavelmente a conotação dada ao objeto esférico nessas pinturas e registros fosse religiosa, representando o sol para os egípcios e a lua para os babilônicos. (OLIVEIRA, 1995, apud Frisselli e Mantovani, 1999:3).

As primeiras manifestações de *football* (do inglês foot, pé; e Ball, bola) surgem entre 3.000 e 2.500 a.C., e nos levam à China, durante a dinastia do imperador Huang-Ti, quando era costume chutar crânios de inimigos derrotados. Indícios arqueológicos dessa prática também foram encontrados entre arianos nômades, tártaros, na Pérsia e na África Ocidental. O futebol dos chineses de Huang-Ti, no entanto, aproximava-se ainda mais do nosso, porque os crânios – depois substituídos por bolas de couro nos exercícios militares – deveriam ser lançados pelos soldados com os pés para além de duas estacas cravadas no chão. Teriam sido essas as primeiras traves da história. (UNZELTE, 2002:9)

Futebol na China – O Tsu-chu



A primeira forma documentada de futebol de que se tem notícia vem da China, com o *tsu-chu*, que em chinês significa “lançar com o pé” (tsu) uma “bola recheada, feita de couro” (Chu). O esporte, criado para fins de treinamento militar, foi desenvolvido por Yang-Tsé, integrante da guarda militar do imperador da dinastia Xia, em 2197 a.C. Suas regras foram redigidas em um manual de instruções militares. Posteriormente o *tsu-chu* transformou-se também em passatempo da nobreza chinesa. Somente 20 séculos depois, já na dinastia Han, a atividade passaria a ser praticada pelas demais classes sociais. Chan fu e Wan Chi Son, citados por poetas da corte imperial como exímios praticantes do jogo, podem ser considerados os primeiros “craques” de todos os tempos. (UNZELTE, 2002:10).

Esse jogo era disputado em um campo retangular, cujas dimensões eram de 30 x 60 metros, delimitados por fios de seda presos em estacas de madeiras fincadas no solo. As traves eram duas estacas de bambu separadas por uma distância de 40 centímetros uma da outra, unida por um fio de seda. A bola era feita de couro cru e recheada de crina. Media cerca e 22 centímetros de diâmetro. Para a prática deste jogo cada uma das equipes utilizava 12 jogadores, que se enfrentavam conduzindo a bola com os pés sem deixá-la tocar o solo, tendo como objetivo passar a bola por entre as estacas de bambu.

Quando Tóquio, a capital do Japão, sediou os Jogos Olímpicos de 1964, 12 painéis decorativos foram exibidos aos visitantes do evento. Neles, estavam retratados nobres da corte imperial japonesa chutando uma bola feita de fibras de bambu. Do outro lado de uma cerca, sem participar do jogo, viam-se escravos aguardando que a bola lhes caísse às mãos, para então devolvê-la, como hoje os apanhadores, no Brasil chamados de “gandulas”. Com essas reproduções, os japoneses pretendiam provar que, muito antes de ser regulamentado pelos ingleses, o futebol já era conhecido no Oriente, pelo nome de *Kemari* (ke = chutar; mari = bola).



Esta aquarela mostra Kemari, uma versão japonesa cerimonial do jogo. Ilustração cortesia do Museu Nacional do Futebol, em Preston, Reino Unido.

Ao contrário do que ocorria no *tsu-chu* chinês, as mulheres não podiam participar do *kemari* japonês. Patrocinado e difundido pelos imperadores Engi e Tenrei, esse tipo de futebol não contava pontos e nele se proibia qualquer contato corporal entre os participantes. O campo (*kakari*) era quadrado, e em cada um dos lados havia uma árvore: cerejeira (*sakura*), salgueiro (*yanagi*), bordo (*kaede*) e pinheiro (*matsu*). Os jogadores (*mariashi*, de *mari* = bola e *ashi* = pé) eram oito. Ainda hoje o *kemari* é considerado um esporte japonês tradicional. (UNZELTE, 2002:11-12).



Representação da superfície de jogo para “Kemari” cercado por quatro tipos de árvores.

O importante no *kemari* é manter a pelota no ar, evitando que toque o solo o maior tempo possível, realizando “embaixadas” e passando a pelota aos outros participantes. Uma das regras é chutar apenas com o pé direito, sem levantá-lo muito. Também não se deve flexionar exageradamente a parte superior do corpo, para manter a elegância e graciosidade nos movimentos, já que se trata de uma demonstração para as divindades.

O *kemari* é praticado por um grupo de 6 a 8 pessoas e era um misto de cerimônia e divertimento praticado na corte imperial japonesa.

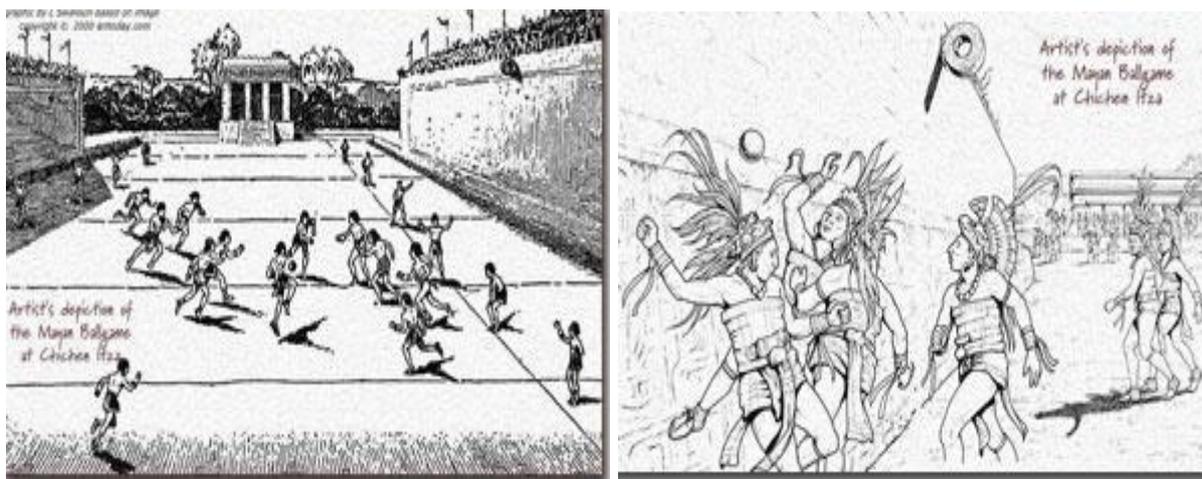


Entre os anos 900 e 200 a.C., na Península de Yucatan, atual México, os maias praticavam anualmente um jogo com as mãos e os pés. O objetivo era arremessar uma bola de borracha maciça nos furos circulares localizados no meio de seis lacas de pedra quadradas. No centro das duas linhas de fundo, havia dois templos elevados, onde o atirador-mestre da equipe perdedora era sacrificado. Seus restos mortais eram atirados a jaguares e serpentes. (UNZELTE, 2002:13)

Alguns pesquisadores acreditam que o jogo de bola foi inventado em Teotihuacan e de lá se espalhou para outras regiões na América Central. O Campo de Bola de Chichén Itzá é o maior do México e um dos mais bonitos. Abaixo Campo de bola construído entre 900 e 1100 d.C. estilo arquitetônico Tolteca Maia.



Ilustração de um jogo de bola Maia, onde o objetivo era passar uma bola de borracha pelo anel de pedra, que era fixo na parede, sem o uso de mãos.



Os Campos de Bola eram partes de quase toda a cidade Maia. Os campos foram projetados como muitos dos campos de futebol de hoje. Foram colocados aros de pedra elevados na parede, em cada extremidade. Este jogo que os Maias praticavam estava entre o futebol e o basquete. Era jogado com uma bola de borracha dura (os Maias conheceram a borracha nesta época). Supõe-se que os times mantinham a bola em jogo utilizando todas as partes do corpo, e ganhavam pontos se passassem a bola pelo anel de pedra. O Campo de Bola de Chichen Itza tem as mesmas dimensões de um campo de futebol. Depois da invasão do Toltecas, o Campo de Bola assumiu uma nota mais sombria, pois o time perdedor era

sacrificado frequentemente. Chichen Itza deveria ter tido os melhores atletas, devido ao tamanho do seu campo e, isto indica que, frequentemente, foi palco de muitos jogos importantes. (<http://library.thinkquest.org/C0115986/origem.html>)

O parente mais próximo do futebol era o *epyskiros*, disputado com os pés, em um campo retangular, por duas equipes de nove jogadores. Em campos maiores – como acontecia em Esparta, onde o *epyskiros* era praticado no século I a.C. – podiam-se posicionar até 15 jogadores de cada lado. Feita de bexiga de boi e recheada com ar e areia, a bola deveria ser arremessada para as metas, localizada no fundo de cada lado.

O Futebol na Grécia – O Epyskiros



Este desenho esculpido no mármore do Museu Nacional de Arqueologia em Atenas mostra um atleta grego equilibrando uma bola na coxa e, supostamente, está demonstrando uma técnica de treinamento para o menino. A bola é um "folis", uma bola inflada. Os gregos jogavam uma forma de futebol, desde que o jogo era popular nas ruas de Roma, mas os gregos não deixaram nenhuma descrição para nós.

Julius Pollux, escritor grego do século II, cita uma linha de meta no fundo de cada lado do campo, para onde a bola deveria se arremessada a fim de se contarem os pontos. No século III, o dramaturgo Antífanos refere-se às expressões que os jogadores usavam durante o jogo, como “bola longa”, “passe curto” e “para frente”. A presença da bola é freqüente nas gravuras, esculturas e inscrições descobertas pelos arqueólogos. Segundo pesquisador francês Bernard Gillet, para os gregos ela significava a “juventude” ou a “arte de curar”. (UNZELTE, 2002:12-13).

Portanto, percebe-se que em meio às diferentes épocas e contextos culturais, estes jogos exigiam de seus adeptos habilidade técnica e destreza apuradas, além da necessidade de determinação e perseverança no sentido da consecução do objetivo desses diferentes tipos de jogos - que foram sendo ao longo dos tempos reestruturados, em consonância com os interesses e necessidades de cada povo, segundo o momento histórico e cultural vivido. Portanto, se constituindo paulatinamente em subsídios para o surgimento do futebol como o conhecemos atualmente. Fato que demonstra como os jogos desde os tempos mais remotos exercem um fascínio inexplicável sobre seus praticantes, além de se constituir num elemento importante dentro da cultura dos diferentes povos, no decorrer de sua trajetória histórica.

Neste sentido HUIZINGA (2005:6) diz que “encontramos o jogo na cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos”.

Quando as legiões romanas dominaram e ocuparam a Grécia, em 150 a.C., o episkiros migrou para Roma, e recebeu o nome de *harpastum*. O jogo era praticado num campo delimitado por duas linhas, as metas. Cada equipe se colocava junto a essas linhas, até ser dada a ordem para começar. Assim, todos se precipitavam sobre a bexiga de animal (coberta por uma capa de couro), que podia ser carregada com os pés ou as mãos. O *harpastum* era muito parecido com o *rugby*. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL, 1997: 474).

O jogo romano "Harpastum" era jogado com uma bola menor, com dois times em um campo retangular marcado por linhas de limite e uma linha de centro. O objeto era jogar a bola sobre as linhas de limite dos adversários. A bola era passada entre os jogadores. Cada membro do time tinha sua própria tarefa tática específica e os espectadores se interessavam pelos procedimentos e a pontuação. Este jogo permaneceu popular durante 700 ou 800 anos, mas, embora os romanos tenham levado este jogo para a Inglaterra com eles, é duvidoso se

este pode ser considerado como precursor do futebol contemporâneo.

(http://www.fifa.com/fifa/history_E.html)

Há referências claras a esse tipo de jogo em uma carta de Sidonius Apollinares, bispo de Clermont entre 496 e 485 e estudioso do Império Romano. A bola, chamada *follis* pelos romanos, era feita de bexiga de boi e coberta por uma capa de couro. Ela deveria ser passada de pé para pé, cabendo a um dos jogadores arremessá-la através da linha de meta adversária, marcando, assim o ponto. Como exercício físico-militar dos soldados romanos, uma partida podia durar horas. Com as conquistas romanas, o harpastum chegou a outras regiões da Europa (inclusive à Bretanha, por volta do ano 43). (UNZELT, 2002:14)

Na Idade Média apareceu em Florença o *cálcio*, jogado com os pés e as mãos por equipes de 27 jogadores, num campo com duas metades iguais. O objetivo do jogo era levar a bola de couro, cheia de ar, até dois postes situados nas extremidades. Ainda na Idade Média, na Gália e depois na Bretanha, surgiu o *soule*, praticado com uma bola de couro cheia de feno ou farelo, em que era permitida a utilização dos pés e a distribuição de socos e até rasteiras. Como a disputa terminava às vezes em morte, surgiu à expressão “violento esporte bretão”. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL, 1997: 474).



Em 1060, após a batalha de Hastings, os comandados de Guilherme, o conquistador e senhor da Normandia, levaram o jogo para a Inglaterra, onde caiu imediatamente no agrado popular. (GOLDMAN & DUNK, 1990 apud Frisselli & Mantovani).

Com a travessia do Canal da Mancha por Guilherme, “O Conquistador”, a Soule chegou às Ilhas Britânicas. No entanto, esta atividade não foi bem aceita pelos Britânicos, pois estes já possuíam uma modalidade semelhante, o *Hurling Over Country*. Também são nebulosas as suas origens, embora as opiniões dos especialistas historiadores Britânicos sejam quase unânimes em afirmar que, tudo se deveu a um ataque Viking no séc. VIII a Kingston-on-Thames, na costa inglesa. Depois dos bárbaros Vikings terem matado, violado e saqueado, os ingleses conseguiram matar o chefe inimigo e, para exteriorizarem o seu ódio, decapitaram-no e atravessaram toda a aldeia dando pontapés na sua cabeça até a deterioração total. (www.marcagolos.com/historia.html)

“Na Grã-Bretanha, entre 1060 e 1510, mais ou menos, o jogo com bolas provocou muita confusão e acidentes, pois as partidas, denominadas *HULING OVER COUNTRY*, eram jogadas entre povoados. Disputava-se a posse de uma bola colocada entre dois povoados: venceria aquele que levasse a bola ao edifício público central do outro povoado”. (BORSARI & MESQUITA, 1975:12)

Nas Ilhas Britânicas, berço do futebol moderno, o primeiro registro de um esporte semelhante ao futebol consta no livro *Descriptio Nobilissimae Civitatis Londinae*, de Willian Fitzstephe, datado de 1175. À época celebrava-se a expulsão dos invasores vikings, e tratava-se de uma festividade pública popular, uma competição entre vilas, em que o objetivo era conduzir – impulsionando, especialmente com os pés – uma bola até determinado local, atravessando ruas, praças, campos, pastos, etc.

Sua total abertura e falta de regras propiciavam ambiente para acidentes, agressões, até assassinatos! A situação era tão crítica que o rei Eduardo II, num édito de 1314, proibiu a prática do jogo, definindo-o como ‘anti-cristão’, dada a ferocidade e animosidade que despertava nos praticantes.



“A disputa era brutal, sangrenta, com graves conseqüências, gerando algazarra e guerra entre os povos. Por isso, foi proibido por alguns monarcas, durante a vigência de seus reinados, especialmente Haroldo (Normandia, 1060) e Henrique VIII (Inglaterra, 1510)”. (BORSARI & MESQUITA, 1975:12).

Percebe-se que o futebol, a despeito de apresentar nesse período um misto de desorganização e agressividade, também apresenta um caráter lúdico tal que incita à sua prática por diversos povos nos diferentes lugares do mundo, se constituindo em solo onde brotam fatos curiosos, como se pode constatar em Borsari:

“(…) em 1927, devido ao conflito com a Escócia, o Eduardo II reiterou a proibição, deste jogo, pois temia que seus soldados deixassem de lado as armas pelo apaixonante jogo. Inclusive, há relatos que no intervalo entre batalhas escoceses e ingleses tenham disputado

partidas de futebol. Em 1349, Eduardo III confirma a proibição, pois temia que seus soldados deixassem de praticar os esportes militares, como o arco e flecha e a luta com espadas, em favor do futebol. Henrique VIII, atendendo ao pedido de intelectuais que consideravam o jogo uma verdadeira barbárie, novamente proíbe o jogo, que apesar de tudo era extremamente apreciado pelos súditos britânicos”. BORSARI & MESQITA (apud Frisselli & Mantovani, 1990.)

Em Florença, no dia 17 de fevereiro de 1529, o futebol tem um marco histórico, quando na Piazza Santa Croce dois grupos de 27 jogadores para cada lado decidem resolver suas diferenças políticas e rivalidades em uma partida de *cálcio*. Apesar da conotação de disputa guerreira da partida, esse jogo pode ser considerado uma verdadeira evolução nas relações interpessoais da época, já que ao invés de armas a disputa envolveu uma bola, e apesar da partida ser disputada com bravura e violência e durado várias horas, não houve mortos. Como os relatos não apontam um vencedor, fica registrado o primeiro empate na história do futebol. CABRAL (apud Frisselli & Mantovani)

Piazza Santa Croce



Uma característica interessante desse jogo, que se pode destacar é a premência em vencer, de modo a impor, ao adversário/rival, as convicções políticas do grupo vencedor. Essa necessidade de vencer acabou por obrigar os grupos a se preocuparem com certa organização no sentido de viabilizar, atingir o êxito almejado.

A partida, que entrou para a história, é reproduzida até hoje, todos os anos pela população de Florença no primeiro domingo depois da festa de São João, padroeiro da cidade, realizada no dia 24 de junho. (UNZELTE, 2002:15-16).

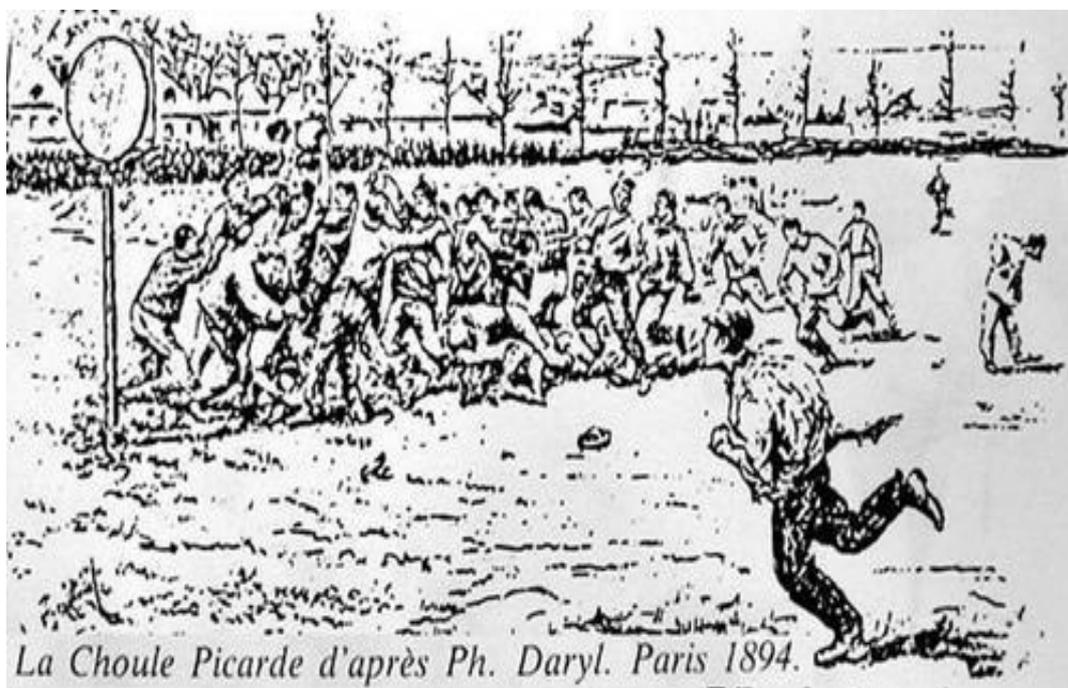
Jogo do "Calcio" jogado durante a demonstração no carnaval anual de Florença, em Junho.



Em 1580, Giovanni di Bardi estabeleceu regras para o “*calcio*”. O jogo passou a ser arbitrado por dez juízes, no intuito de impedir os empurrões e os pontapés muito comuns naqueles tempos. A bola podia ser impulsionada tanto com os pés quanto com as mãos e tinha de ser introduzida em uma barraca armada no fundo de cada campo. O duque de Toscana, Julio de Médicis e os papas Clemente VII, Leão IX e Urbano VIII foram alguns dos praticantes do jogo. (UNZELTE, 2002:16).

Durante a Idade Média, na região onde atualmente fica a França, desenvolveu-se o *soule*, versão do harpastum, introduzido pelos romanos de Júlio César entre os anos 58 e 51 a.C. As regras do *soule* francês variavam de região para região, da Normandia à Picardia, onde era chamado *choule*. Na França, o *soule* ganhou respeito ao ser levado para os jardins

aristocráticos e ser praticado pela realeza. O próprio rei Henrique II foi em entusiasta do jogo, tendo como ilustre companheiro Pierre Ronsard, chamado de O Príncipe dos Poetas. (UNZELTE, 2002:14-15).



Esse jogo, disputado com violência pelos populares ou com maiores refinamentos e usado para matar o tempo pela nobreza, consistia em passar uma bola por entre dois bastões fincados no solo. É importante mencionar que quando iniciada sua prática, pela nobreza, o “*soule*” já tinha seu refinamento escudado nas regras do “*calcio*” italiano.

Na Inglaterra e na escócia, apesar do futebol continuar violento e sangrento e das proibições reais, o jogo em vez de perecer, evoluiu. No século XVII o rei Carlos II reitera a proibição do jogo tornando crime sua prática. Porém, logo depois, reconhecendo sua força política e achando que poderia usá-la em benefício próprio, revoga seu decreto e se torna um adepto. Talvez esteja aí o “pai dos cartolas”³. (FRISSELLI & MANTOVANI, 1990:5)

³ É a forma como são chamados os dirigentes dos clubes de futebol, devido principalmente à forma como administram os clubes e pelo poder que possuem para tomar decisões, que atenda aos interesses do clube por ele

A violência persistia e continuou quando, no século XVII, o jogo foi transformado no *hurling at goals*, praticado por equipes de quarenta a sessenta jogadores, que, divididos em dois campos, tinham por objetivo levar a bola até a baliza adversária.

A resistência dos reis estendeu-se até o século XVIII e, só no início do século seguinte, com a atenuação da violência e tentativas de regulamentar o jogo, a preferência dos ingleses pelo esporte prevaleceu. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL, 1997: 474).

Em 1823, durante um jogo estudantil, na *rugby school*, um dos estudantes insiste no uso das mãos e dos pés para tocar a bola. Esse fato gera uma divisão entre os estudantes que queriam utilizar também as mãos, e entre os estudantes que defendiam apenas o uso dos pés, e originam uma divisão clara das regras o *football* e o *rugby*. Apesar de ambos usarem o mesmo campo, número de jogadores e intenção tática semelhante, ou seja, todos correndo atrás da bola com o objetivo de fazê-la transpor os postes, o uso somente das mãos ou dos pés estabelece marco para a criação do futebol moderno. (FRISSELLI & MANTOVANI, 1990:5)

Na década de 1830, Thomas Arnold, que reformou o ensino superior inglês e destacava a importância do esporte na educação, usou o *hurling at goals* para criar as bases do *rugby*.

Rapidamente o jogo foi adotado por escolas e universidades. As regras, porém, não estavam unificadas e, em alguns colégios, houve reação contra o uso das mãos no jogo. Para contornar o problema, a Universidade de Cambridge publicou, em 1846, o primeiro regulamento, que foi aprovado e homologado. Como as divergências não cessaram, em 26 de outubro de 1863, os partidários do futebol apenas com os pés fundaram a *Football*

representado. Porém, não raro se ver muitos desses dirigentes defendendo seus próprios interesses (principalmente no aspecto financeiro), ou seja, levar vantagem nessa relação, independentemente dos interesses dos clubes ou dos jogadores. Possivelmente o nome se deve à classe social que usava cartolas, a mesma destes dirigentes.

Association, para uniformizar o uso das regras. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL, 1997:475)

É interessante notar que os relatos históricos mencionam o diretor do colégio, Thomas Arnold como o grande incentivador do rugby e o estudante William Welbb Ellis como o pai do *rugby*, que viria depois a originar o futebol americano. Mais uma vez observamos o aspecto esportivo das colonizações. GOLDMAN & DUNK (apud Frisselli & Mantovani, 1990:5).

O início de uma verdadeira organização do futebol, como esporte, somente começou a surgir em 1857. Novamente na Inglaterra, onde o jogo tornou-se o esporte número 1, é fundado o primeiro clube de futebol da história, o *Sheffield*. Outros se seguiram a ele, evidenciando a necessidade de uma melhor organização nos campeonatos colegiais e entre clubes, o que culminou com a elaboração do “The Simplest Play” em 1862; e com a reunião histórica realizada em 26 de outubro de 1863, na **Taverna Freemason em Great Queen Street**, em Londres, onde os representantes das escolas e clubes estabelecem definitivamente a divisão entre a forma de jogar e as regras do futebol e do rugby, formando a **The Football Association**, nome mantido até hoje pela Liga inglesa, e dando a forma definitiva ao jogo do futebol. GOLDMAN & DUNK; CABRAL; BORSARI & MESQUITA; OLIVEIRA; HISTÓRIA ILUSTRADA DO FUTEBOL BRASILEIRO E MACK (apud Frisselli & Mantovani, 1999:6)

A cisão definitiva do futebol, originada a partir do descontentamento daqueles praticantes, que defendiam o uso das mãos ao invés do uso dos pés ocorre por volta de 1871, com a fundação da *Rugby Union*.

A prática do futebol em seu início, ainda amador, privilegiava a utilização dos recursos individuais de cada jogador, onde as disputas corporais se faziam constantemente presentes na condução do jogo em direção ao êxito, ou seja, à conquista da bola e conseqüentemente da

vitória. Todavia, resguardadas as devidas proporções coibia-se a violência, visto ser o tornar o jogo atraente e civilizado. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1997:475).

Em 1868 instituiu-se a figura do árbitro. Em 1871, Charles Alcock, então tesoureiro e secretário da Football Association, sugere a criação de uma Taça a ser disputada entre os clubes pertencentes à associação. Os Wanderers, capitaneado pelo próprio Alcock, sagraram-se campeões, derrotando os Royal Engineers por 1 X 0, para um público pagante de 2.000 pessoas. (FRISSELLI & MANTOVANI, 1990:6)

Em 1872, ainda em uma fase de codificação das regras, acontece o primeiro jogo internacional oficial entre Inglaterra e Escócia, e o resultado é 0 x 0. A grande surpresa dessa partida foi a formação tática dos escoceses, que recuaram mais dois homens para a defesa jogando em um 1-4-6. Outro aspecto interessante, é que os escoceses utilizaram um tipo de futebol onde o passe foi valorizado, ao invés do estilo de jogo que valorizava o drible, muito em moda na época. (FRISSELLI & MANTOVANI, 1990:6)

Em 1875, foi estabelecida a regra do tempo de 90 minutos para disputa das partidas de futebol.

Em 1877 o gol começa a ter um travessão superior, e em 1878 os árbitros passam a utilizar-se de um apito. No ano de 1880 o Blackburn Rovers e o Nottingham Forest, dois clubes ingleses, criam um sistema clássico com 2 zagueiros, 3 meias e 5 jogadores de ataque. (CABRAL apud Frisseli & Mantovani, 1990.)

Em 1882 é criada por Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales a **International Board** para definir as regras do futebol, papel que faz até hoje como assessora da **FIFA**. Em 1891 a Board modifica as regras, instituindo a penalidade máxima, o uso das redes e a proteção dos goleiros contra ataques corporais. As regras assumem então uma forma definitiva, sendo pouco alteradas ou modificadas nos últimos 100 anos. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (apud Frisselli & Mantovani, 1990:6)

Rastreando-se o percurso do futebol na África, chega-se à África do Sul, onde os registros indicam que o primeiro jogo de futebol aconteceu nos idos de 1862, em Port Elizabeth, entre dois combinados de brancos, um de nascidos na colônia (Colonial Born) e outro de nascidos na metrópole (Home Born). Curiosamente, antes mesmo de serem estabelecidas oficialmente as regras do futebol pela “Football Association”, na Inglaterra Revista Época (24/05/2010) – o futebol jogado naquela época era muito diferente do futebol praticado hoje, por exemplo, as equipes possuíam 18 jogadores, porém a essência do jogo era a mesma.

Em 1892, foi fundada a primeira federação sul-africana de futebol. A guerra dos Bôeres, entre 1899 e 1902 – o conflito que é uma espécie de “evento fundador” da atual África do Sul –, contribuiu indiretamente para a popularização do futebol: os soldados britânicos jogavam bola nas horas vagas, diante de uma platéia de negros e imigrantes indianos. Em 1899, um time de negros viajou para o Reino Unido para disputar uma série de partidas. “Foram tratados como atração circense e humilhados em campo”, afirma Lloyd Hill, professor da Universidade de Johannesburgo e pesquisador do tema. (Revista Época, 24/05/2010).

Assim como na Inglaterra o futebol na África do Sul, em seu início enfrentou uma cisão entre o rúgbi e futebol propriamente dito, pois ambos são provenientes de um mesmo conjunto original de regras. Todavia, no caso específico da África do Sul a cisão rúgbi – futebol, aliada a prática do racismo, se constituiu num obstáculo para disseminação do futebol a todas as camadas sociais. “Na Inglaterra, o rúgbi se tornou um esporte de elite; o futebol, o favorito das classes populares. Na África do Sul racista, o rúgbi virou o esporte dos brancos; o futebol, o dos negros”. (Revista Época 24/05/2010)

Gradativamente o futebol foi sendo retirado das atividades físicas, nas escolas sul-africanas para brancos em detrimento do rúgbi. Já em meio à população negra o futebol se

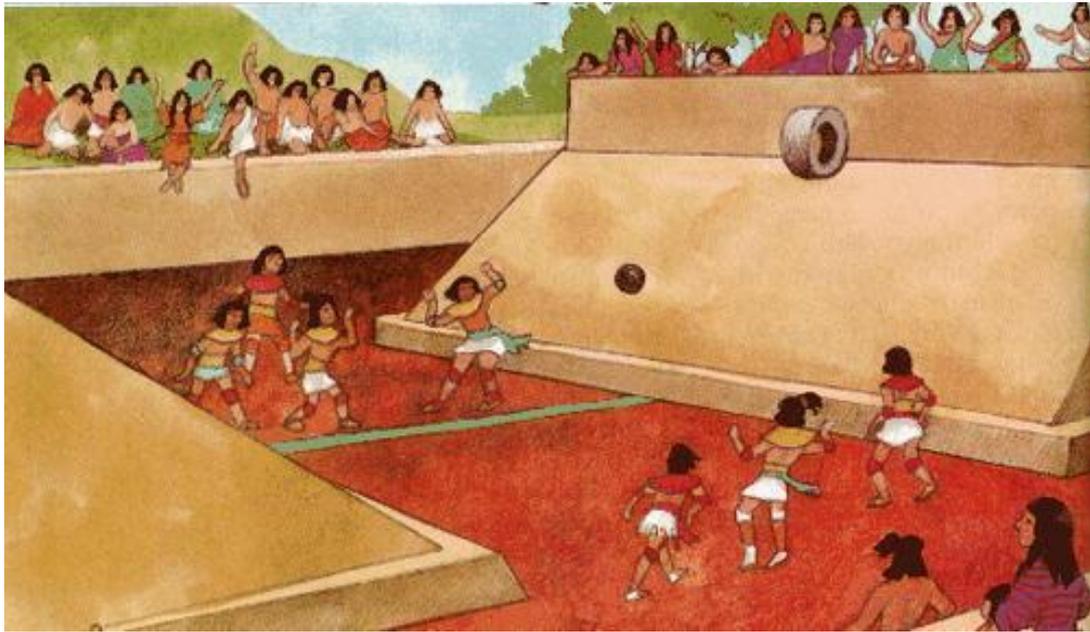
espalhou rapidamente, inicialmente entre os *kholwas* (negros cristãos) da região de Durban, através de missionários americanos que acreditam ter o esporte um forte apelo civilizatório; e, posteriormente, entre os mineiros de Johannesburgo.

Durante décadas havia federações para atender separadamente a brancos, negros e mestiços. “Quando a FIFA aceitou a filiação da África do Sul, em 1958, foi a “federação branca” que ela reconheceu. O país já vivia, desde 1948, sob o regime do apartheid.” (Revista Época, 24/05/2010). Entretanto, em 1961 após forte pressão a FIFA, mesmo relutando, suspende a África do Sul, por se recusar aceitar a formação de equipes inter-raciais.

Nas Américas, (HISTÓRIA ILUSTRADA DO FUTEBOL BRASILEIRO, 1968, apud Frisselli & Mantovani, 1990:6.), faz-se menção a Herrera y Tordesillas, historiador espanhol da época, que descreve um jogo, de caráter recreativo, jogado com os pés com uma bola de borracha, material extraído de seringueiras representava o sol de uma cerimônia sagrada há aproximadamente 1.500 a.C. Também na mesma obra são citados os relatos do missionário francês Charlevoix, mencionando o mesmo tipo de bola e do cronista Sahagun, depois de suas viagens pelo México e São Domingos (República Dominicana).

Segundo os índios da selva amazônica da Bolívia, a tradição deste jogo tem origens remotas. No séc. XVIII, um sacerdote espanhol das missões jesuítas do Alto Paraná, descreveu um costume dos guaranis: *"Não lançam a bola com a mão, como nós, mas com a parte superior dos pés descalços"*. Entre os índios do México e da América Central, a bola era golpeada geralmente com o quadril ou com o antebraço, embora as pinturas de Teotihuacan e de Chichén-Itzá revelem que em certos jogos se chutava a bola com o pé e com o joelho. Quando o jogo terminava e o sol chegava ao amanhecer depois de atravessar a região da morte, muito sangue já havia rolado. Segundo alguns estudiosos, os Astecas sacrificavam os vencedores, pintavam seus corpos com faixas vermelhas e lhes cortavam a cabeça, dando seu sangue em oferenda para que a terra fosse fértil e o céu, generoso.

Representação do jogo "Tlachtli



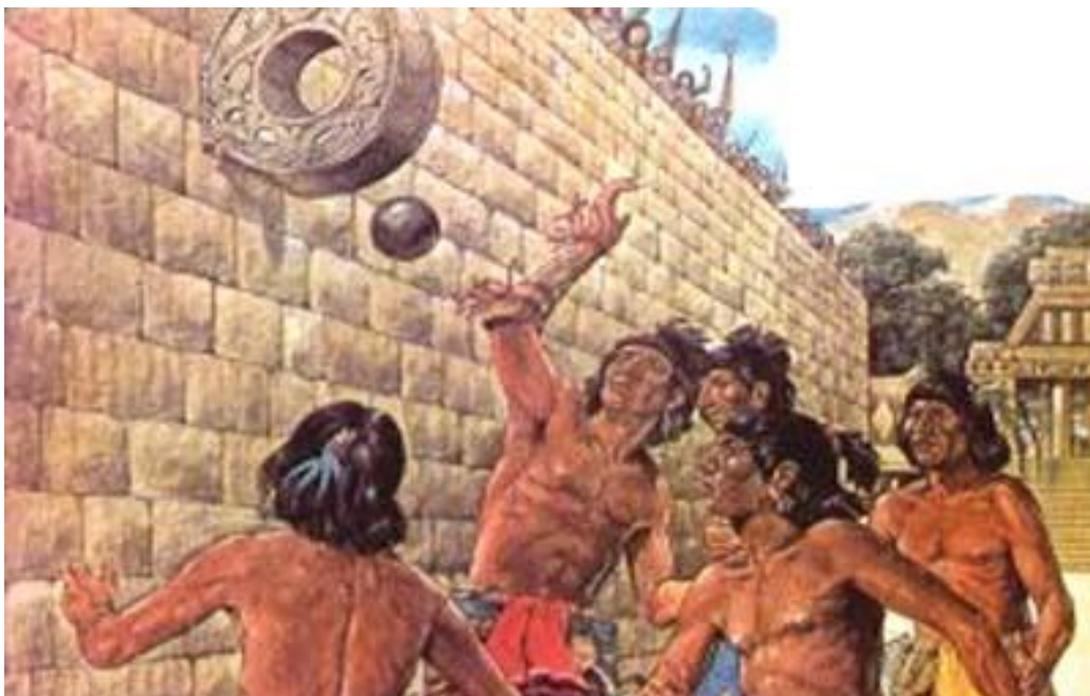
Ruínas da terra "Tlachtli



Anel de pedra que trouxe a bola



Principal objetivo era colocar a bola pelo anel usando os cotovelos, cabeça, quadris ou pés



Alguns outros tipos de jogos são descritos como jogados pelos índios Aztecas e por outros índios, no Chile e na Patagônia. Infelizmente os primeiros europeus em continente americano pouco se importaram em escrever relatos sobre as atividades de lazer dos nativos e locais e em sua ânsia para saquear os tesouros do novo continente, e provavelmente até tenham destruído alguns relatos sobre o jogo; porém é certo que os jogos com bola, sendo ou não semelhantes ao futebol atual, nas Américas, eram muito populares entre os índios e tinham um caráter recreativo e não violento como na Europa.

Apesar do “*cálcio*” organizado existir desde 1500 e nos primórdios o futebol ter sido introduzido e disseminado na Normandia através do “*harpastum*”, levado pelos conquistadores romanos, a reivindicação dos italianos da paternidade do futebol não procede. Devido aos relatos, parece que o processo de consolidação do futebol, como esporte, realmente ocorreu na Inglaterra, e respeitando todas as contribuições extremamente relevantes, desde a pré-história até a reunião na Taverna Freemason, não se pode negar que o início do processo de estabelecimento da maneira de se jogar o futebol moderno, tenha ocorrido na Inglaterra. (FRISSELLI & MANTOVANI, 1990:7)

Os ingleses se encarregaram de difundir o futebol pelo mundo. Levaram o esporte para a Argentina (um dos primeiro países fora do Reino Unido a praticar o futebol), Alemanha, Portugal, França, Dinamarca, Países Baixos, Suíça e outros (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987).

Duarte (1994) e Unzelte (2002) relatam que no início do século XX, o futebol começava a se organizar. Existiam federações nacionais, mas não existia uma federação internacional que pudesse controlar as relações entre as federações nacionais. Após a iniciativa do holandês Carl Anton Wilhelm Hirschmann, que em 8 de maio de 1902 redigiu um estatuto que regeria as relações futebolísticas, a federação inglesa, a mais antiga e

tradicional, aprovou a idéia e colocou em prática a organização da federação internacional. Em 21 de maio de 1904, era criada a FIFA. Hirschmann continuou tendo uma participação importante, pois foi ele que redigiu todos os regulamentos da nova entidade. O francês Robert Guérin foi escolhido como o primeiro presidente. Os sete países fundadores foram França, Bélgica, Espanha, Suíça, Países Baixos, Dinamarca e Suécia. No ano seguinte, incorporou-se à entidade, Alemanha, Áustria, Itália, Hungria e Inglaterra (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1987; DUARTE, 1994).

Pela primeira vez falou-se em um Campeonato Mundial. Foram abertas as inscrições, mas não houve nenhum pretendente. Hoje a disputa para ser a Sede de um Mundial é imensa. (DUARTE, 1994).

De acordo com DUARTE (1994), a I Guerra Mundial foi o grande obstáculo para o esporte entre 1914 e 1919. Na década de 20, surgiu novamente a idéia do Mundial. Com a eleição de Jules Rimet, para a presidência da FIFA, teve início uma nova fase para o futebol mundial. Quando deixou a entidade, em 1954, esta tinha 85 filiados. Para quem assumiu com 20, foi um fato notável, além de o francês ser o realizador do primeiro mundial.

Os torneios olímpicos de futebol começavam a ganhar um grande destaque. Em 1924, o Uruguai surpreendeu mostrando aos europeus como se praticava o esporte na América do Sul. Repetiu o fato em 1928, ganhando a medalha de ouro (DUARTE, 1994). A 28 de maio de 1928, no Congresso de Amsterdã, Jules Rimet e seus companheiros decidiram a realização do I Campeonato Mundial. Ficou estabelecido que esse torneio se realizaria a cada quatro anos e que o primeiro seria realizado em 1930 no Uruguai, como homenagem às suas conquistas olímpicas em 1924 e 28 (UNZELTE, 2002).

Após o início muito tumultuado, a Copa do Mundo tornou-se a competição de uma modalidade esportiva mais importante do mundo, chegando inclusive a ter mais países filiados à FIFA do que a própria ONU (Organização das Nações Unidas). O sucesso dos

mundiais é incontestável, milhões de espectadores assistem às competições. Foram realizadas 17 Copas do Mundo: 1930 (Uruguai); 1934 (Itália); 1938 (França); 1950 (Brasil); 1954 (Suíça); 1958 (Suécia); 1962 (Chile); 1966 (Inglaterra); 1970 (México); 1974 (Alemanha); 1978 (Argentina); 1982 (Espanha); 1986 (México); 1990 (Itália); 1994 (Estados Unidos); 1998 (França) e 2002 (Coréia do Sul e Japão), sendo este último o primeiro torneio realizado em dois países simultaneamente e Alemanha (2006). CUNHA. (Futebol evolução do futebol no cenário mundial. - revista eletrônica (Cooperativa do Fitness, 2009). No ano de 2010, realizou-se, na África do Sul, a primeira Copa em continente africano.

1.2 – A importância do futebol no imaginário coletivo brasileiro.

Pensar na importância do futebol no imaginário coletivo brasileiro implica envolver-se numa viagem por sendas instigantes e, difícil de delimitar, visto ser esse esporte um fenômeno entranhado em nossa cultura de tal modo, que no afã em compreendê-lo melhor, acaba-se por transitar por searas sociais, raciais, políticas, econômicas, enfim sócio-culturais – assim, a intersecção desses fatores em sua relação com o fenômeno futebol, evidencia o quão difícil é perceber de forma definida quem influencia e quem é influenciado, nessa intensa relação futebol-sociedade-futebol.

Nesse momento me sinto encorajado a fazer uma analogia ao pensamento Merleau-Pontyano, na *Fenomenologia da Percepção*, no tocante à visceral relação sujeito/objeto, quando cita que o toque de sua mão direita em sua mão esquerda não lhe permite saber de forma definida quem toca ou quem é tocado. Desse modo, ao analisar a relação existente entre o futebol e a sociedade, tem-se a oportunidade de utilizar uma válvula regulatória, que permitirá vislumbrar a totalidade e as particularidades de um dado contexto, onde os objetivos transcendem a questão da função e utilidade do esporte, e se fundamentam na sua implicação

e consequência social. Pois, enquanto uma atividade da sociedade, o futebol é a própria expressão da sociedade historicamente construída.

Em nosso entender há uma relação intrínseca entre o futebol e a sociedade brasileira, a qual é perceptível em meio às diversas estirpes sociais, bem como em diferentes contextos sociais, casas, clubes, bares, etc., há sempre uma palavra, uma frase, enfim um diálogo ou discussão em torno de uma partida de futebol. A discussão gira em torno dos diversos atores, componentes imprescindíveis para que tal fato ocorra. Ária, que encanta pela capacidade de envolver a platéia, embalada pela plasticidade das jogadas, dos sons que ecoam da batida dos pés na bola em direção ao gol e do toque da bola na rede que se põe a balançar após uma finalização certa ao alvo – tarefa difícil de ser conseguida, que faz ecoar desses milhares de pessoas o grito uníssono de gol. Esses momentos vivenciados intensamente se cristalizam de tal forma nos indivíduos, que passam a fazer parte do seu acervo de memórias.

Essas experiências imanentes se alocam de tal forma nos indivíduos que se constituem paulatinamente não só em possibilidade de obtenção de uma satisfação momentânea, todavia, num universo de sensações, que deverão ser transferidas para momentos posteriores para outras searas de sua vida cotidiana. Até porque os amantes do futebol não se contentam em viver suas emoções apenas nos estádios ou na frente dos aparelhos de televisão: a euforia da vitória ou a decepção da derrota via de regra transcendem esses locais, chegando às ruas, bares, enfim... ora contagiando outras pessoas numa sinergia positiva, como por exemplo quando de uma vitória da seleção brasileira em jogo de copa do mundo, e infelizmente com atos de vandalismo e agressões quando da derrota de seu time preferido.

Dessa forma, o futebol se torna um *link* que traz em seu bojo uma gama de significações as quais possibilitam não só aos seus adeptos, mas à sociedade em geral, uma infinidade de assuntos para discussão após o término de um jogo de qualquer campeonato, seja em nível estadual ou nacional. Com efeito, é possível ver-se a seguinte dinâmica: tarde de

domingo, dia de clássico as torcidas se agitam num intenso movimento, que se assemelha a um cortejo pelas ruas em direção ao estádio. Ritual repetido durante todo ano em nosso país – dito por muitos o “país do futebol” –, que já virou tema de novelas, filmes, músicas enfim e até se tornou enredo de carnaval no Rio de Janeiro – “domingo eu vou ao maracanã, vou torcer pro time que sou fã, vou levar foguete e bandeiras não vai ser de brincadeira ele vai ser Campeão. Porque meu time bota pra ferver e o nome dele são vocês que vão dizer ô ô ô ô ô ô ô ô...”. (Composição de Neguinho da Beija-Flor).

Toda essa movimentação iniciada no começo da tarde de domingo, adentra a noite e se prolonga até a próxima rodada do campeonato. Vários canais de televisão, estações de rádios realizam programas intitulados de *mesa redonda*, nos quais membros efetivos e seus convidados trazem para apreciação, qual seja, polemizam os fatos ocorridos no jogo, ressaltando não só os aspectos táticos. Ouso a dizer que a *mesa redonda* se torna numa espécie de tribunal no qual as ações e atitudes de treinadores, jogadores e trio de arbitragem são julgadas – em alguns casos, até com certo requinte de hipocrisia e crueldade pelos comentaristas, nesse âmbito os verdadeiros doutores da lei. Essa dinâmica aparentemente de caráter puramente informativo/inofensivo, encontra nos adeptos a esses comentários a ressonância necessária para propagação dessas idéias, as quais alimentam as rodas de conversa (discussão), nos lares, bares, repartições públicas, empresas, ônibus, dentre outros lugares contagiando dessa forma diversos contextos e camadas sociais.

Portanto, quando se fala em futebol se está na realidade falando da própria sociedade brasileira seus costumes, suas crenças, seu modo de ser e agir, enfim de sua cultura, que ao que nos parece, ocorre de permeio à trajetória histórica desse esporte em nosso país. Nesse sentido, “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto descobrir”. (Da Matta, 1982:21)

O começo dessa história em nosso país se deu assim: “Numa tarde fria de outono de 1895, reuni os amigos e convidei-os para disputar uma partida de *Football*. Aquele nome, por si só, era uma novidade, já que naquela época somente conheciam o críquete.

- Como é esse jogo? – perguntavam uns.

- Com que bola vamos jogar? – indagavam outros.

- Eu tenho a bola. O que é preciso é enchê-la.

- Encher com o quê? – perguntaram

- Com ar.

- Então vá buscar que eu encho”.

Assim começou o futebol no Brasil, de acordo com o seu introdutor, o brasileiro Charles Miller (1874-1953), em depoimento dado à revista *O Cruzeiro* em 1952.

No entanto há indícios de que o futebol tenha sido visto na Argentina e no Brasil, pela primeira vez por volta de 1864, em jogos disputados por marinheiros franceses, holandeses e particularmente ingleses, dos barcos mercantes e de guerra ancorados no litoral do Cone Sul. Duas dessas peladas iniciais entraram para a história do futebol brasileiro: uma em 1874, disputada nas praias cariocas, onde hoje está o Hotel Glória, e a outra em 1878, quando tripulantes do navio *Criméia* enfrentaram-se diante da residência da princesa Isabel.

Consta também que, entre 1872 e 1873, um padre professor do Colégio São Luiz, de Itú, São Paulo, teria apresentado a bola a seus alunos na hora do recreio. Em 1882, um certo Mr. Hugh teria introduzido o jogo em Jundiaí, entre seus funcionários, operários brasileiros e ingleses da estrada de ferro São Paulo Railway. Conta-se ainda que, entre 1875 e 1876, no campo do Paissandu, no Rio de Janeiro, funcionários das companhias City e Leopoldina teriam jogado futebol, animados por um tal Mr. John.

No entanto, a versão que prevaleceu sobre o primeiro jogo de futebol realizado no país foi a de Charles Miller. Local: Várzea do Carmo, em São Paulo. Data: abril de 1895.

Adversários: dois times formados por ingleses e anglo-brasileiros, funcionários da Companhia de gás e da Estrada de Ferro São Paulo Railway. Placar: 4 x 2 para o *team* (time) da São Paulo Railway.

Essa história, na verdade, começou um ano antes, quando Charles Miller, descendente de ingleses e escoceses, nascido na Rua Monsenhor Andrade, em São Paulo, retornou de Southampton, na Inglaterra, onde fora estudar na Banister Court School. Era 18 de fevereiro de 1894, e na bagagem Miller trazia duas bolas, ambas da marca Shoot. Uma havia sido utilizada em um jogo entre o Condado de Hampshire e o Corinthians inglês. A outra, entre o mesmo Corinthians e o Condado de Sussex. Atacante amador Dod Southampton e da seleção do Condado de Hampshire, mais conhecido entre os ingleses por *Nipper* (garoto), Miller era tão entusiasta do esporte que, no Brasil chegou a ser jogador, dirigente (sempre do mesmo time, o São Paulo Athletic Club) e, posteriormente, árbitro.

Em 1897, o também estudante Oscar Cox, descendente de ingleses, após retornar da Suíça, onde teve contato com o futebol, chega ao Rio de Janeiro, onde o futebol já era praticado, porém de forma desorganizada, e assume a importante tarefa de organizar e conseqüentemente de despertar o interesse da juventude por esse esporte no Estado, assim tornando efetiva a introdução e a prática deste esporte no Rio de Janeiro.

Mais tarde, cada um dos estados brasileiros teria o seu Charles Miller: Johannes Minerman e Richard Woelckers, no Rio Grande do Sul (1900); José Ferreira Filho, na Bahia (1901); Guilherme de Aquino da Fonseca, em Pernambuco (1903); Vito Serpa, em Minas (1904); Charles Wright, no Paraná (1908). Em 1917, o futebol já havia se difundido em todo o Brasil e se tornaria, aos poucos, uma paixão nacional. (UNZELTE, 2002:20-22)

A disseminação do futebol na sociedade brasileira se constituiu num dos fenômenos esportivos mais importantes, num curto espaço de tempo. Esse sucesso imensurável trouxe em seu bojo, de acordo com as fases pelas quais passou, características de elitismo, de racismo,

de diversão, de disciplina, de ascensão social, dentre outras, se transformando no perpassar do tempo num fenômeno sociocultural de grande relevância no imaginário da sociedade brasileira. Pensar o futebol em sua fase inicial, à égide das características citadas, implica em perceber como se configurava a sociedade brasileira nesta época – a saber, aristocracia, imigrantes europeus altos funcionários das fábricas e o povo (leiam-se, os negros, mulatos e brancos pobres).

1.2.1 – A questão do Elitismo e do Racismo

Sendo Charles Miller integrante da elite paulistana, obviamente suas amizades permeavam essa estirpe social, o solo fértil no qual plantou a semente do futebol por ele trazido da Inglaterra. “De início, logo após a atividade de missionário exercida por Charles Miller, o futebol teve como focos de irradiação o meio industrial e aristocrático, ligados aos hábitos de lazer da colônia européia”. (Helal, 1990:38).

Segundo alguns pesquisadores, o período elitista do futebol no Brasil se confunde com o período do amadorismo, no qual esse fenômeno, que posteriormente tornar-se-ia na própria representatividade identitária nacional, se constituía num símbolo de distinção social, portanto, de acesso possível naquele momento apenas à elite econômica e cultural do país – esse futebol amador jogado pelos próprios associados dos clubes, que o faziam por puro prazer – assumia então a característica de um lazer destituído de qualquer interesse financeiro.

O movimento de popularização do futebol no Brasil enfrentou, já em sua gênese, uma luta em relação ao preconceito racial contra os negros e mulatos, que eram o grande contingente entre as camadas populares, e encontravam-se excluídos desse esporte. Todavia, as barreiras a eles impostas foram sendo transpostas paulatinamente e, graças a esse movimento os negros e mulatos puderam mostrar seu talento no futebol – talento ao qual

Freire (1945:432), se refere dizendo que “acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo o nosso - psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato - inimigo do formalismo apolíneo, sendo dionisíaco a seu jeito - o grande feito mulato”. O povo dessa forma apropriava-se do futebol, e essa popularização é perceptível a partir do início do século XX, com o surgimento de várias equipes desvinculadas de colégios, fábricas ou clubes sociais de elite, que se multiplicam pelos diversos Estados da União, inaugurando a extensão do futebol a toda população brasileira e não apenas restrito aos representantes da classe alta.

No entanto, vale mencionar alguns fatos que se constituíram em marcos importantes nesse processo de popularização do futebol, que se confunde com a problemática do racismo existente em meio esse esporte, oriundo dos colégios da aristocracia inglesa. Por exemplo, a fundação, no Rio de Janeiro, do Bangu Atlético Clube em 1904, pelos dirigentes da Companhia Progresso Industrial Ltda. – fábrica de tecidos situada em Bangu, subúrbio carioca -- que se viram obrigados utilizar em sua equipe alguns operários da fábrica, por não terem entre seus pares o número necessário para formação da equipe. Essa dinâmica criou oportunidades para que os bons jogadores conseguissem certos privilégios, como liberação para treinarem, promoção mais rápida, etc., isso devido ao sucesso conquistado pelo clube (o de maior fama dentre os clubes de fábrica), fato que desencadeia um processo interessante no qual a admissão de funcionários para fábrica sofre uma alteração sensível, ou seja: agora não basta apenas trabalhar bem, mas jogar bem. Esse fato se constitui num passo importante em direção à democratização do futebol brasileiro e, sobretudo na propagação desse esporte entre os operários das diversas fábricas naquele período.

A participação de negros e pobres nas competições de futebol causou muita polêmica e conflitos de classes. Tal era a gravidade da situação que em 1913, o Clube Paulistano, de São Paulo, rompeu com a associação que organizava as competições e fundou uma nova, visto querer selecionar rigorosamente, exigindo que as equipes deveriam ser integradas por “jovens delicados e finos”. Essa nova entidade organizadora propôs medidas como exigência de que esta fosse uma atividade estritamente amadora, provada por meio do exercício de uma profissão ou condição financeira que provasse não depender do esporte financeiramente, bem como a exigência de assinatura em súmula, por saber que a grande maioria dos jogadores das camadas populares eram analfabetos. O próprio presidente Eptácio Pessoa em 1919 proibiu a convocação de jogadores negros para o selecionado brasileiro, sob a justificativa de que a seleção tem o dever de representar bem seu país, sendo, portanto, imprescindível, que nela esteja contido o que a sociedade tem de melhor.

Outro fato significativo foi a conquista do título de campeão estadual do Rio de Janeiro pelo Vasco da Gama em 1923, que contava em sua equipe com jogadores negros e mulatos, portanto, consolidando a vitória da melhor técnica dos jogadores oriundos da camada popular da sociedade e desbancando a pseudo-supremacia da elite social, contrariando a postura daqueles que ainda, teimavam em manter o futebol como um esporte genuinamente branco e elitizado. Nesse contexto a discriminação em relação ao negro era tamanha, que chegava ao ponto de a arbitragem permitir atos violentos, ou seja, entradas desleais dos jogadores brancos nos negros, enquanto punia-se com veemência – chegando-se até a expulsão de campo – se o ato era cometido por um jogador negro contra um jogador branco.

O C. R. Vasco da Gama, teve uma participação efetiva no processo de “extinção” do racismo no futebol – haja visto ter se posicionado contrário à decisão da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos), que exigiu que os jogadores de origem humilde fossem excluídos das equipes chamadas pequenas, vistos alegarem, serem estes jogadores

profissionais. Nessa oportunidade o presidente do Vasco, Dr. José Augusto Prestes, e sua diretoria, aproveitando o apoio recebido dos demais clubes pequenos, enfrentaram a campanha racista encabeçada por Mário Polo, presidente do Fluminense, encaminhando um ofício a Arnaldo Guinle, presidente da AMEA, declarando publicamente que negava-se a participar da nova entidade. Documento histórico, cujo teor segue abaixo na íntegra.

Rio de Janeiro, 7 de abril de 1924

Ofício no. 261

Exmo. Sr. Arnaldo Guinle, M.D. presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos.

As resoluções divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de ontem pelos altos poderes da Associação a que V. Exa. tão dignamente preside, colocam o Club de Regatas Vasco da Gama em tal situação de inferioridade que absolutamente não pode ser justificada nem pela deficiência do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa sede, nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados.

Os privilégios concedidos aos cinco clubes fundadores da AMEA e a forma como será exercido o direito de discussão e voto, e as futuras classificações, obriga-nos a lavrar o nosso protesto contra as citadas resoluções.

Quanto a condição de eliminarmos doze (12) jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Club de Regatas Vasco da Gama, não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa.

Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se a AMEA alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias a do Campeonato de Futebol da Cidade do Rio de Janeiro de 1923.

São esses doze jogadores jovens quase todos brasileiros no começo de sua carreira, e o ato público que os pode macular nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias.

Nestes termos, sentimos ter de comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA.

Queira V. Exa. aceitar os protestos de consideração e estima de quem tem a honra de se subscrever de V. Exa.

Att. Obrigado. Fonte: E:\C_R_Vasco da Gama A extinção do racismo no futebol.mht

Nessa época, inclusive há relatos de que alguns negros tinham que ser embranquecidos com pó-de-arroz a fim de não parecerem tão negros como eram e, assim, serem aceitos pelos sócios brancos dos clubes. Em relação ao exposto Souza, Rito e Leitão dizem:

A queda Bastilha do futebol ocorreu em 1923, quando comerciantes portugueses, preocupados em promover o Vasco da Gama ao estrelato, sustentaram, na primeira divisão do Rio de Janeiro, um time formado por negros e brancos pobre. (...) As marcas registradas daqueles pés-rapados eram a habilidade e o improvisado. Para asco e surpresa dos rivais, foram campeões. Assim, o jogo aristocrático transforma-se, aos poucos, em fenômeno, percorrendo o caminho que conduz da casa grande à senzala. Os excluídos reconheceram os craques vascaínos como ídolos. Perceberam que as regras fáceis e que qualquer bola serviam. Viram naquele esporte um lazer barato e um meio de driblar o apartheid social. SOUZA, RITO E LEITÃO (1988:46)

Esse episódio evidencia o contexto elitista e racista no qual o futebol se desenvolvia, e localiza como a estrutura sócio-econômica interferiu na formação do jogador, sua forma de jogar futebol, bem como na estrutura do futebol brasileiro, haja visto naquele momento haver uma distinção nítida entre o clube e a rua – em que o clube se constituía num espaço necessário para o aprendizado do futebol aos brancos que permeavam a elite. Enquanto que, para o mulato, o negro e o branco pobre, esse aprendizado ocorria nas ruas, onde não eram necessários instrutores, e assim desenvolviam-se habilidades naturalmente, sem grandes preocupações com racionalizações ou sistematizações, confiando sempre em sua naturalidade, capacidade inventiva, bem como na ingenuidade de seu talento. Essa visão permaneceu durante o período do amadorismo do futebol brasileiro. Sabe-se, contudo, que mesmo a despeito da espantosa velocidade com que se deu a propagação do futebol no Brasil, que a superação do racismo não ocorreu na mesma proporção e nem totalmente. Pode-se constatar isso na interpretação que Gordon Jr., faz do livro de Mário Filho “O Negro no futebol brasileiro”, ao dizer:

A constatação dessa lenta mudança, no entanto, não podia ser confundida com a idéia de plena “democracia racial” ou com ilusão de que por intermédio do futebol pusemos fim ao racismo. O livro de Mário Filho nos apresenta fatos que constituem um processo de democratização das relações raciais dentro da sociedade brasileira, no qual o futebol exerceu um papel de grande importância. Mas um

processo que, não custa repetir, está longe de seu término. GORDON JR. (1995:74)

A história do futebol brasileiro traz em seu bojo a questão racial e dá acesso às representações culturais, isto é, às construções ideológicas ou simbólicas sobre o negro e sobre a classe pobre no período do amadorismo, e segue sua trajetória incorporando ao futebol o ideal nacional modelador da raça brasileira. Posto ser o Brasil formado por uma grande diversidade étnica, buscou-se fortalecê-la através da prática do esporte bretão ao dar-lhe a cara da pluralidade brasileira. Atraiu-se esse futebol por nós jogado à nossa cultura, identificando-o ao negro e ao mulato, mormente por suas qualidades artísticas e criativas, contrastando com a possível rigidez dos brancos europeus. Através dos atletas brasileiros seria possível que nos fizéssemos representar no cenário mundial, valorizando-se a natureza dançante brasileira. Destarte, a égide do futebol, criou-se uma visão potencialmente mestiça de nossos jogadores e de nossa cultura, enfatizando a questão de nossa miscigenação como metáfora na luta do povo brasileiro em relação à construção de sua identidade.

1.2.2 – A questão da identificação do brasileiro com o futebol

No Brasil o futebol foi incorporado ao ideal nacional como modelador da raça brasileira. Isto se deve principalmente ao fato do Brasil ser formado por uma grande diversidade étnica. Dessa forma buscou-se fortalecer a nação brasileira, segundo a aproximação dos ideais nacionais, tendo nos esportes, cujo maior referencial foi o futebol, a base para consecução deste ideal. Esse processo ideológico pressupõe pensar a sociedade como um todo, dando-lhe uma nova fundação. Portanto, num só movimento buscou-se organizar a nação definindo elementos como povo e nação visando romper com o passado de crise e de ausência de identidade. Nesse âmbito o futebol brasileiro – futebol-arte construído a partir do estilo de jogo genuinamente brasileiro – nossa identidade – se torna o elo entre os

diferentes setores da sociedade, o que implica em o Estado atento à importância que o futebol possuía na sociedade brasileira devotar atenção especial a este esporte – como modelador do caráter da sociedade.

Em relação a isto Lopes diz:

De fato, essas novas formas de comunicação com as classes populares através do futebol, são aproveitadas na linguagem do corporativismo de Estado contemporâneo ao regime autoritário do Estado Novo assim como na gênese do sindicalismo de Estado. As maiores intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores, aproveitando a popularidade adquirida pelo futebol nos anos 30, aconteceram no estádio de São Januário, do Vasco da Gama, maior estádio do Rio antes da construção do Maracanã em 1950. É ali que a adoção do salário mínimoé anunciada em 1940, ou a criação das leis do trabalho em 1943. O futebol aparece assim como o pano de fundo de um ritual de encenação protocolar das relações entre o poder e o povo. LOPES (1994:77)

Nessa perspectiva a popularização do futebol se deu em meio à expansão urbana e apresentou como consequência o surgimento gradativo de novos centros e, nestes o futebol foi incorporada a vida diária do povo brasileiro e ao estilo de vida desta nova sociedade urbana. O futebol passa a frequentar as rodas de conversas de amigos ou não, se constituindo no veículo através do qual as pessoas que nunca se viram, puderam estreitar relações e trocaram experiências comuns tendo como pano de fundo o futebol. Fato que arremete aos influxos que o futebol exerce na vida do povo brasileiro.

Damatta, afirma que:

Cada sociedade tem o futebol que merece, pois deposita nele uma série de questões e demandas que lhes são relevantes. Assim o futebol brasileiro não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas; não é apenas manifestação lúdica do homem brasileiro; nem tampouco o ópio do povo como prefere alguns. (DAMATTA, 2004:89)

Portanto, a representação social que o futebol permite realizar, favorece o entendimento do papel, que esse fenômeno sociocultural assume na construção dos diferentes estilos de vida dos indivíduos em nossa sociedade. Esse cenário tornou o futebol um solo fértil, que o possibilitou firmar-se como nosso esporte exponencial e, ainda, referência mundial, a partir das exportações dos nossos craques para os diversos clubes de diferentes países, fato que possibilitou mostrarem sua irreverente capacidade de gingar (driblar), habilidade, enfim, sua melhor capacidade técnica, em diferentes estádios de futebol espalhados por todo o mundo.

Nessa ótica, percebemos que há uma relação intrínseca entre o futebol e a sociedade brasileira, na qual a semântica desse fenômeno nos remete à interpretação de que concomitantemente este se apresenta como modelo da sociedade brasileira e se oferece como um canal através do qual esta pode se expressar. Assim, quer nos parecer que o futebol se configura numa forma de linguagem intencional e criativa, através da qual os atores que transitam neste universo acabam por externalizar questões que permeiam a sociedade em que se encontram inseridos. Sendo à ótica deste contexto difícil distinguir o quanto esta influencia o sujeito e o quanto é por ele influenciada.

Essa paixão nacional, pátria em chuteiras, na qual o menino é envolvido desde o seu nascimento, parece se constituir numa espécie de determinismo, que lhe impõe torcer incondicionalmente pelo time do membro mais influente da família, ou tornar-se jogador de futebol profissional, renomado e rico, apresenta uma singularidade que o diferencia do futebol praticado nos mais remotos lugares do mundo, devido à ousadia, irreverência, malandragem, imprevisibilidade e criatividade, que aparentemente, sobrepujam o desenho tático elaborado em treinos exaustivos, que se assemelham em muitos momentos a ensaios coreográficos das mais diversas companhias teatrais.

Portanto, no presente capítulo discutiu-se a importância que o futebol desde o início de sua trajetória, teve nas diversas culturas ao redor do mundo, em diferentes épocas. Viu-se que esse fenômeno sempre esteve atrelado aos costumes, desejos e anseios do povo, que em determinados momentos serviu a interesses políticos, mas que principalmente sempre causou comoção e oportunidade para que a população de diferentes lugares, épocas, estirpe social, enfim, extravasasse emoções, angústias, alegrias, etc. E, que, no Brasil este esporte a despeito de não ter sido criado por nós, se constituiu num fenômeno tão intrinsecamente ligado ao povo, que não se consegue definir com clareza se este é influenciado pela sociedade ou se é ele quem influencia a sociedade em suas ações cotidianas, ou seja: quem toca ou quem é tocado. Dessa forma, pensar o futebol – ícone mundial dentre as modalidades esportivas – implica em aproveitar o grande interesse que desperta na sociedade mundial e potencializar, através deste, ações que permitam levar aos diferentes povos o acesso às diversas culturas espalhadas pelo mundo.

À luz do exposto e no afã de entender as transformações sofridas por este esporte – sua evolução – o próximo capítulo buscará verificar como a história das Copas do Mundo interferiu na identificação do povo brasileiro com o futebol, a transformação do futebol-arte em futebol-força e a estruturação do pensamento em relação a forma de elaboração dos treinamentos para prática deste futebol.

Capítulo II

HISTÓRIA DO TREINAMENTO DO FUTEBOL

Como nos tornamos vira-latas.

Nelson Rodrigues

Percorrer pela história do treinamento do futebol no Brasil, nos levará a searas instigantes e de certa maneira discrepantes, sabe-se que com o objetivo de mostrar sua soberania/superioridade os diversos governos (não só o brasileiro) têm utilizado o esporte como mecanismo/veículo, de modo impingir aos outros sua ideologia, nesse caso específico o futebol. Destarte, ao pensar a questão do treinamento do futebol nos induz a retomar a história das copas do mundo, onde a necessidade de superar os adversários e se firmar como potência sempre se fizeram presentes.

Nesse âmbito é possível identificar após cada Copa do Mundo, como os resultados obtidos influenciavam na maneira de pensar e conseqüentemente estruturar os treinamentos, ações que necessariamente chegavam até aos clubes. Dessa forma viu-se o futebol brasileiro passar do futebol arte ao futebol moderno e a introdução das tecnologias no universo da preparação física, de modo otimizar a performance física dos agora atletas de futebol.

2.1 – Do futebol-arte ao futebol-força (moderno)

O futebol brasileiro é caracterizado por seus "pensadores", acadêmicos ou não, como sendo portador de uma identidade própria que o singularizaria perante outras nações. Portanto, seria:

(...) uma característica inerente aos brasileiros 'jogar bola' de uma determinada maneira, a qual constituiria uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto-representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar tal esporte, pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano. É a esse futebol construído basicamente nos anos que vão de 1930 a 1974, que designamos 'futebol-arte'. (GIL, 1994:100)

Se uma das características marcante apresentada pelo futebol-arte é ser um jogo visto como espetáculo, tal qual a apresentação de uma grande sinfonia. Numa partida de futebol nesse âmbito, o que se leva em consideração, a despeito do desejo da vitória, é a plasticidade com que as jogadas são criadas/encenadas pelos artistas (jogadores) no palco (campo de jogo). Isso torna evidente que o descompromisso com uma métrica que estabelece os caminhos que 'devem' ser seguidos numa partida de futebol favorece o surgimento do futebol-arte, tal qual aquele praticado no jogo informal. Para Gil (1994), essa atitude seria admirada, incentivada mesmo, pelos torcedores, que achavam que o futebol devia ser assim, alegre como um gozo, cheio de enfeites e dribles. Nosso futebol caracterizar-se-ia, portanto, por sua improvisação e prazer, tudo sendo feito para agradar ao torcedor, isto é, "jogaríamos para a arquibancada", como diz nossa gíria futebolística. Prezaríamos tal relação entre o jogador e a torcida, considerando-a essencial para o bom desenvolvimento do jogo. Visto estes estarem "doidos para experimentar aquela coisa gostosa, o aplauso. Jogavam para a arquibancada" (Filho, 1964).

Nesse sentido, falar em futebol-arte é também falar de jogadores como Pelé e Garrincha, que no fim da década de 1950 encantaram o mundo por sua maneira simples, porém deslumbrante e eficaz de jogar futebol. Tampouco se quer dizer aqui que foram só estes os representantes do futebol-arte no Brasil e nem que é apenas neste momento que o jogador brasileiro passa a praticar o futebol-arte, mesmo porque esse jeito particular de jogar futebol se faz presente nos jogadores brasileiros desde o início da trajetória do futebol no

Brasil, e, todavia, imperava entre nós o complexo de inferioridade (vira-lata). Complexo superado de forma inconfundível nas conquistas da Copa do mundo de 1958 na Suécia e de 1962 no Chile, quando o país conquistou e depois ratificou sua superioridade futebolística no cenário mundial, ao que Rodrigues (1994:120), se refere dizendo: “Só em 58 é que, de repente, o Brasil e o brasileiro deixaram de ser vira-lata”. E, eis que num súbito movimento de gangorra, “o Brasil abandonando a posição de humilde aprendiz, alçando-se à perfeição que debalde as demais seleções almejavam” Florenzano (1998:10).

As seleções européias julgavam-se superiores às seleções sul-americanas e, conseqüentemente ao Brasil, que havia participado das demais edições do campeonato mundial, inclusive uma em casa, em 1950, onde era favorito e acabou perdendo para o Uruguai em pleno Maracanã. Com esta derrota, encarnávamos o complexo de vira-lata, assumido pelo povo brasileiro desde a primeira Copa do Mundo (1930). “Ora, naquele tempo, o brasileiro era um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações. Tínhamos futebol, tínhamos talento, tínhamos gênio. Mas nenhum de nós acreditava em nós mesmos. Do nosso lábio, pendia a baba elástica e bovina das humildades abjetas”. Rodrigues (1994:112)

Contrariamente ao sistema de formação do atleta de futebol europeu, que é produto de uma construção realizada à custa de muito treinamento, em que o aprendizado acontece principalmente dentro dos clubes e escolas e, provavelmente, orientado por professores -- processo que na maioria das vezes o torna um jogador competitivo, porém previsível --, o jogador brasileiro que é formado nos campos de várzea, nos terrenos baldios, nas ruas dentre outros espaços, passa então a ser visto e respeitado nesse momento pela sua capacidade criativa, espontaneidade e talento inato – capaz de desmanchar as retrancas adversárias – desfazer sistemas táticos com seus dribles, sua ginga e sua irreverência. “Pouco adiantavam os esquemas táticos forjados precisamente para conter a arte do nosso futebol” Florenzano

(1998:11). “Tal é a nossa perfeição nesse esporte que ainda no último certame mundial, cronistas estrangeiros chegaram a declarar que a seleção brasileira não era formada por elementos humanos, mas sim por personagens vindos de outros planetas, visto não ser possível conceber-se tanta coisa maravilhosa a simples homens terrenos.” (RGE/3/59 n.132 apud Florenzano 1998).

O povo brasileiro traz em si um pensamento comum no qual demonstra o tipo de concepção que tem do futebol. De que a habilidade para a prática do futebol é inata, ou seja, de que o brasileiro já nasce jogando futebol, enfim, associa as suas qualidades referentes à prática futebolística como algo de sua natureza, que está intrínseco em si. Segundo esse jargão, parece haver uma espécie de gene no homem brasileiro (leia-se na raça brasileira, pois existem mulheres que jogam futebol com rara beleza e maestria), que é responsável por essa capacidade ímpar para a arte de jogar o futebol. Este pensamento torna evidente o fato de que no Brasil, para se tornar jogador de futebol, não há a necessidade de um aprendizado formal – de que futebol não se aprende na escola (em relação à pertinência e atuação das escolas de futebol, discutiremos mais adiante) –, pois isso é considerado um dom.

O jogador brasileiro já nasceria com um dom, o de possuir uma técnica inigualável para esse esporte, sendo preciso apenas soltá-lo em campo. Para os adeptos do futebol-arte o treinador não teria capacidade para ensinar táticas ou jogadas ensaiadas a esses artistas de genialidade insuperável. João Saldanha expressaria de forma clara essa posição ao afirmar que o treinador no Brasil não deveria ensinar futebol, já que este seria uma arte, e "arte é talento", e talento não poderia ser aprendido em livros ou teorias (Saldanha, 1980, apud Gil, 1994).

Esse é um pensamento corrente na população brasileira em relação ao futebol, principalmente no período compreendido entre sua disseminação até a Copa do Mundo da Inglaterra em 1966, quando ao perder a Copa, voltamos a ser um povo descrente em nossa seleção e o pior em nós mesmos, povo inferior, de capacidade duvidosa. Nesse sentido lanço

mão da citação de Nelson Rodrigues (1994:122), “Percebi tudo: - perdida a Copa, deu no povo essa efervescente salivação. Repito: - pende do nosso lábio a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento. E o Otto Lara Resende bate o fone para mim. Antes do bom-dia, disse-me ele: - “voltamos a ser vira-latas!”.

A derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra se constitui num marco histórico de relevância imensurável na forma dos treinadores e a mídia esportiva de forma ampla interpretarem e avaliarem o futebol o brasileiro, a partir da campanha caótica que o selecionado brasileiro realizou na Inglaterra – onde a seleção brasileira deixou Liverpool em direção ao Brasil, após amargar duas derrotas as quais o desclassificaram do campeonato mundial, sem ao menos ter passado da primeira fase. “Os jogadores do outro planeta tornavam-se humanos. E humilhados”. Florenzano (1998:11).

Após ter vencido as duas edições anteriores da Copa do Mundo, no Brasil toda a imprensa, povo, jogadores treinadores, enfim, já davam como certa a mais uma conquista da seleção brasileira, até porque ao conseguir êxito nesta empreitada o Brasil teria em definitivo a Taça Jules Rimet e consolidaria sua hegemonia no futebol mundial e romperia definitivamente com o “complexo de vira-lata” do povo e da seleção brasileira. Sentimento ao qual Rodrigues, se refere dizendo:

Se ganharmos na Inglaterra, a Copa será eternamente brasileira. E vamos admitir a santa e límpida verdade: - temos o melhor futebol do mundo. Nunca apareceu na terra nada que se comparasse a um Pelé, a um Garrincha... Ninguém merece mais a posse da Jules Rimet do que a seleção brasileira.

E eu sei que o escrete vai jogar, na Inglaterra, de espora e penacho como um dragão de Pedro Américo.

O grande gol do tri está amadurecendo para o Brasil. RODRIGUES (1994:119)

Todavia, vê-se um misto de decepção e inconformismo, junto a uma memória curta em relação às conquistas anteriores. Pois no curto espaço de tempo de uma semana, viu-se

toda magia, irreverência, graciosidade, genialidade, molecagem, malandragem, mulatice brasileira sucumbir diante do futebol-força praticado pelos jogadores fabricados da Europa, que valorizava a força, a velocidade e a resistência como elementos fundamentais à prática do desporto futebol. Nesse sentido, Zezé Moreira (in Pedrosa, 1968, apud Florenzano 1998:26), diz, “Sabemos que a velocidade numa jogada, com o emprego da força e resistência, constituem o ideal, para qualquer time de futebol. Assim, estes três elementos: ‘força’, ‘velocidade’ e ‘resistência’ constituem a base para o atual futebol da Europa”

Percebe-se nesse momento entre os treinadores, preparadores físicos e dirigentes de clubes, bem como em grande parte da imprensa esportiva, um pensamento que deseja a produção um novo tipo de jogador de futebol – qual seja de um atleta de futebol –, que atendesse à nova ordem futebolística mundial, em que a tônica deixava de ser o jogar para a torcida, mas vencer as partidas mesmo à custa de um futebol pobre, previsível baseado apenas no vigor físico e em jogadas previamente elaboradas e exaustivamente treinadas. Ações, que implicam na necessidade de se adotar a preparação física como o componente central, no treinamento do futebol. Seguindo essa linha de pensamento, segundo Chirol o futebol-força exige uma preparação física que se consolide como principal fator para que uma equipe de futebol possa atingir êxito numa competição:

O futebol este mudando no Brasil. Há uma nova concepção tática que já se generaliza como regra. Segundo ela o jogo é, como nunca, de conjunto. Quem tem o domínio da bola está atacando desde o goleiro. Quem perde a bola está imediatamente em posição defensiva desde o ataque. Para isso, entretanto, talvez seja necessário correr mais que cinco quilômetros cronometrados. E isto só se consegue com um preparo físico perfeito, que englobe, equilibradamente, velocidade, resistência, flexibilidade e força. Um técnico só conseguirá enquadrar a sua equipe no futebol, digamos assim moderno, se receber os jogadores capazes de cumprir pela condição física os esquemas táticos que traçar. (PEDROSA, 1968, apud Florenzano 1998:28)

Destarte, o futebol-força (moderno) exige atletas de futebol capacitados fisicamente para superar aos mais habilidosos. Portanto, força, velocidade, resistência disciplina e sentido coletivo se tornam os atributos prioritários na formação/construção de um novo jogador de futebol, adaptado as novas solicitações que a prática desta nova maneira de jogar demanda.

“Ou melhor, produzir um novo tipo de jogador, adequado às exigências do futebol moderno, exigências estas traduzidas na aquisição de um excepcional preparo físico e a estrita disciplina tática, bem como na prevalência do grupo sobre a individualidade. Em torno desse ideário, envidavam-se agora todos os esforços para conduzir o futebol brasileiro, o mais depressa possível, à modernidade, de sorte a fazê-lo acompanhar a evolução dos novos tempos”. FLORENZANO (1998:30-31)

Todavia, convém deixar patente em relação à questão da preparação física, esta já permeava o desporto futebol desde os idos dos anos 50, porém não era aplicado por especialistas, ou seja, esses treinamentos eram comandados pelos próprios treinadores, de forma relativamente amadora, descompromissada de embasamento científico, nos quais os esforços despendidos pelos jogadores não implicavam em melhora significativa de suas capacidades físicas. Fato que ficou evidenciado por ocasião da derrota do selecionado brasileiro na Copa da Inglaterra. E, que, portanto, implicou na inclusão de um novo personagem nesse universo – o preparador físico –, um profissional especialista que, a partir deste momento, ficaria responsável pela preparação física dos atletas de futebol, de modo, que estes obtivessem um ganho significativo em seus condicionamentos físicos – melhorassem sua performance – e conseqüentemente se apresentassem ao treinador prontos para desempenhar as funções táticas exigidas no futebol-força ou futebol-moderno. Assim, esse profissional ganhou tamanha importância, que se tornou inconcebível imaginar um clube ou mesmo uma seleção de futebol em que não haja na comissão técnica a presença de um preparador físico.

Segundo Cunha:

Hoje o aspecto científico do treinamento físico está muito desenvolvido. Os profissionais se especializam cada vez mais utilizando computadores e os mais variados aparelhos eletrônicos possíveis, para determinar o nível de condicionamento e a evolução dos atletas. Portanto, percebe-se que a preparação física evoluiu de tal maneira que seria impensável a falta de um profissional especializado em treinamento físico integrando a comissão técnica de uma equipe. CUNHA (2003:1).

Portanto, se entende que os recursos tecnológicos, quais sejam, frequencímetros, notebooks, câmeras, palmtops, softwares, internet, dentre outros, que os profissionais que integram a comissão técnica das equipes de futebol passam a utilizar, aliados à possibilidade de se ter armazenadas informações acerca das condições tanto físicas quanto médicas dos jogadores para análise, favorecem a elaboração de treinamentos específicos, de modo, atender às necessidades de cada atleta, a saber, força muscular, velocidade, resistência, dentre outras capacidades físicas inerentes à prática do futebol-força (moderno), segundo as funções que desempenha no campo de jogo e ao esquema tático adotado pelo treinador. Sendo também possível de permeio a este trabalho sanar eventuais deficiências que o atleta possa apresentar. Assim, a preparação física encontra na ciência esportiva o aporte necessário para dar sustentação teórica para transformar/deslocar o trabalho ministrado ao grupo como um todo para o trabalho focado cada vez mais no indivíduo, considerando nessa perspectiva as individualidades de cada jogador. Isso pode ser constatado no exemplo dado pelo São Paulo F. C., que na década de 80, inaugura o Centro Médico Fisioterápico Aplicado à Fisiologia do Esforço. Exemplo seguido na década de 90 pela parceria Palmeiras/Parmalat ao promover a reestruturação do seu Departamento Médico.

Através do trabalho desenvolvido nesses centros, se tornou possível averiguar com precisão as capacidades físicas apresentadas pelos atletas e conseqüentemente estabelecer

qual o melhor trabalho a ser realizado, de modo, otimizar as potencialidades físicas dos mesmos. Essa ressignificação/transformação em relação aos treinamentos no futebol se constitui no início do processo ao longo do qual futebol e ciência irão confundir-se de modo tão estreito e inquestionável. Veja-se o exemplo citado por Florenzano (1998:149), em relação a Edmundo – jogador do Palmeiras em 93: “O seu corpo, submetido à programação científica que o Departamento Médico do clube estava implantando, tornar-se-ia uma máquina irresistível para os zagueiros adversários”. Maior fenômeno do futebol mundial (recente), “Ronaldinho é um exemplo típico do craque criado na era do computador. Com ajuda de um aparelho de musculação informatizado, ele mudou por completo sua força física nos últimos dois anos: passou de 76 para 80 quilos e cresceu de 1,76 m para 1,82 m. (O Globo, 20/10/96 apud Florenzano 1998).

Assim, no afã de obter o máximo rendimento dos jogadores exigia-se a presença de diversos especialistas oriundos de várias disciplinas, como a Educação Física, a Fisiologia, a Psicologia, entre outras. (Florenzano 1998:33). A introdução desses profissionais no futebol possibilitou a consolidação do futebol-força -- o treinamento da técnica perdendo espaço para o treinamento físico propriamente dito –, simbolizando uma ruptura com o futebol-arte –, modelo que passou a ser contestado, devido principalmente à derrota do futebol brasileiro na Copa da Inglaterra. Essas transformações observadas no futebol se impõem como uma evolução – modernização do futebol –, surgem como imprescindíveis ao objetivo de conquistar resultados (títulos), independentemente da satisfação/empolgação do público, onde raramente se vê dribles, jogadas de efeito. O que prevalece é o desenho tático exaustivamente treinado. Assim “o futebol profissional, cada vez mais rápido, cada vez menos belo, tende a se transformar numa competição de velocidade e força, que tem como combustível o pânico de perder”(Galeano apud Florenzano 1998:149):

Imaginemos um futebol órfão de pelés e de manés. Uma docilidade unânime, e repito: - docilidade de focas amestradas. Os dois times não fazem a menor concessão à originalidade, nenhuma concessão à arte, nenhuma concessão à beleza. Se alguém esboçar um esgar de autonomia, será expulso, a pauladas. Em campo, as hordas adversárias varando o campo em correrias brutais. RODRIGUES (1994:132).

Nesse contexto vê-se a transformação paradoxal artístico-competitivo, espetáculo-eficiência, jogo-esporte, habilidade-força, rua-escola, enfim, dionisíaco-apolíneo, do futebol-arte em futebol-força.

2.2 – O processo de introdução das escolhinhas de futebol.

Em decorrência do desenvolvimento desordenado dos grandes centros urbanos, ou seja, mais especificamente devido à grande especulação imobiliária e interesses econômicos, constatamos a redução/extinção dos espaços vagos nas grandes cidades, como praças, jardins, campos de várzea, terrenos baldios, ruas sem grande circulação de carros, ruas de terra (cortadas por sulcos originários das enxurradas das chuvas e das águas que escorriam das casas da vizinhança), de paralelepípedos, de asfalto. Estes eram os locais onde a garotada passava horas a fio a jogar futebol, de forma improvisada, descompromissada de qualquer imposição de técnicos ou professores, acatando apenas o potencial criativo contido em cada um, de modo a atender às solicitações inerentes à prática desse futebol jogado nesses diferentes tipos de pisos, locais, segundo os entendidos do futebol, inadequados para essa prática. Não raro os meninos voltavam à casa muitas vezes com as cabeças dos dedões dos pés esfoladas, escorrendo sangue misturado à sujeira dos pés descalços. Jogos em que o material necessário era apenas uma bola, esta confeccionada dos mais diversos tipos de material. – importava somente reunir a garotada. Brincava-se de bobinho, timinho (2x2, 3x3, 3x2, etc.), linha de passe, onde cada participante jogava em todas as posições e até ficava-se

de fora esperando a sua vez de jogar, de acordo com as regras estabelecidas pelo próprio grupo.

Essas oportunidades, onde a estimulação constante favorecia o fomento desse futebol, desse brincar descompromissado, corroboravam para que a criatividade advinda da variada gama de operações motoras se processasse espontaneamente, visto permitir aos praticantes espaço para o estabelecimento de relações intra e inter-pessoal, questionamentos sobre qual a melhor forma para realizar esse ou aquele movimento em direção ao alvo, que se busca atingir na brincadeira em que está envolvido – assumindo, assim, uma tomada de consciência das possibilidades de seu corpo realizar diversos movimentos, intencionalmente, – sua corporeidade. Porque como se sabe quanto maior forem as oportunidades de envolvimento em diferentes atividades lúdicas, prazerosas, maior será a capacidade dos sujeitos expressarem atos motores inéditos. Essas brincadeiras ainda se constituíam em opções reais ao aparecimento de inúmeros times de garotos que jogavam entre si, nos quais as crianças tinham cada vez mais a possibilidade de desenvolverem as habilidades inerentes à prática do futebol e, conseqüentemente oportunizava o surgimento de alguns meninos que se diferenciavam de outros pela forma como jogavam.

Em meio a essa re-configuração do espaço urbano, portanto, surge a necessidade de criar uma nova opção para que crianças e jovens pudessem praticar esse esporte tão presente no imaginário coletivo brasileiro. Então vê-se com curiosidade e esperança o surgimento das escolhinhas de futebol. De acordo com esse pensar Venlioles, (2001:15), diz “com a extinção desses campos, surge um novo segmento para a ocupação do espaço perdido por jovens e crianças. Surgem as escolinhas de futebol, espaços destinados a crianças e jovens, no intuito de preencher, de uma maneira educativa e recreativa, o vazio que ficou no processo educacional”.

Destarte, o ideal de inserção das escolinhas de futebol no contexto do universo futebolístico brasileiro, se apresenta como uma iniciativa positiva e louvável, a partir da perspectiva na qual se visa proporcionar às crianças e jovens um espaço de aprendizado e formação. Esse complexo processo de implantação das escolinhas de futebol, e as diversas possibilidades surgidas com essa institucionalização, acabaram por estimular a entrada nesse novo nicho de mercado da iniciativa privada, ao visualizar o lucro que essa atividade poderia proporcionar; de prefeituras municipais e entidades não governamentais no afã de cumprir sua função social, ancorado no ideário de através do esporte tirar as crianças e jovens da condição de vulnerabilidade social e pessoal e de clubes que permeiam o futebol profissional no sentido de através dessas escolhinhas obter uma alternativa viável para descoberta/formação de talentos, que lhes dêem o retorno financeiro o mais rápido possível. Assim sendo, há uma multiplicidade de interesses no processo de implantação e disseminação das escolinhas de futebol.

Segundo Venlioies:

Essas escolas de futebol podem ter as mais diversas finalidades: podem ser formativas, ou seja, visando à formação de atletas, podem ser comerciais, visando ao lucro através do esporte ou sociais, que têm por objetivo a integração e atuam sem fins lucrativos. Sejam quais forem os fins dessas escolinhas, o que importa é que as crianças terão a oportunidade de se socializarem através do esporte, estarão se descobrindo através do corpo em movimento, descobrirão o prazer do jogo, das brincadeiras, conhecerão direitos e deveres, estarão saindo das ruas e sendo educadas através do esporte. E mesmo que um dia não cheguem a ser profissionais de futebol, conhecerão o seu papel na sociedade: de homens responsáveis, que saberão cumprir suas obrigações graças à Escola de Futebol. (VENLIOLES, 2001:16)

Destarte, de acordo com os interesses/objetivos de seus idealizadores bem como da competência dos professores que planejam e executam os treinamentos, as escolhinhas de futebol, segundo sua estrutura organizacional, apresentam diferentes finalidades, *formativas*, *comerciais* ou *sociais*. Para Venlioies (2001) as escolhinhas formativas visam a formação de

atletas profissionais de futebol, pautam seu trabalho em treinamentos constantes cuja tônica é dotar de alto rendimento equipes competitivas. Para tanto o processo seletivo nessas instituições é rigoroso, utilizam-se de uma metodologia que implica vencer sempre, posto ser seu objetivo a obtenção de lucros a partir dos investimentos feitos nas categorias de base, visando revelar atletas para grandes equipes de futebol, das quais fazem parte ou se encontram associadas.

Já as escolhinhas comerciais pensam o desporto como um recurso através do qual pode propiciar aos seus alunos tornarem-se cidadãos, os recursos financeiros para realização deste trabalho são oriundos das mensalidades pagas pelos alunos, portanto não favorecem os mais habilidosos em detrimento dos menos habilidosos, visto pautarem o trabalho preocupado com o bem-estar e o desenvolvimento integral de seus alunos. Estas instituições encontram-se alocadas em clubes, condomínios, etc.. Atualmente se tem percebido em meio às escolhinhas comerciais de futebol uma nova dinâmica – o surgimento das franquias –, no afã de estimular a adesão de novos alunos, deslumbrados pela possibilidade (status) de estar treinando numa escolhinha, que é uma espécie de filial de uma grande equipe do futebol profissional.

Há neste cenário também as escolhinhas sociais, estruturadas de modo a atender as comunidades de menor poder sócio-econômico, que não visam lucro. Seus profissionais são preocupados com a formação integral das crianças e adolescentes que freqüentam essas instituições, e nesse sentido buscam desenvolver as capacidades cognitivas, motoras e especificamente as afetivo-sociais. Os recursos para a realização desse trabalho se dão através de patrocínios e doações – na maioria das vezes são projetos sociais vinculados ao poder público municipal, dessa forma apresentam como principal objetivo a recreação, a socialização e a iniciação esportiva.

Essa sistematização das escolhinhas nos leva à percepção de que paira uma situação paradoxal, quando se analisa detalhadamente a introdução do trabalho realizado em

escolinhas de futebol, o qual se assemelha em muitos casos aos treinamentos executados na categoria profissional, onde intensidade e volume são a tônica dos treinos, que visam o alto rendimento. Portanto, não respeitando as fases de desenvolvimento motor⁴ na qual a criança se encontra, onde segundo Gallahue e Ozmun (2003:7) “ (...) Cada indivíduo tem época peculiar para a aquisição e para o desenvolvimento de habilidades motoras”. Essa postura pode acarretar danos irreparáveis na trajetória de crianças e jovens rumo ao profissionalismo, fato observável principalmente quando se leva em consideração, que o desenvolvimento motor de crianças e jovens apresentam particularidades que estão atreladas à faixa etária em que se encontram e, que, portanto, comprometem-se na apreensão de determinado padrão de comportamento motor –, que implica em alterações no aprendizado motor – como possibilidade de mudança sistemática do comportamento motor, bem como no desenvolvimento dos indivíduos, segundo o envolvimento dos processos maturacionais atrelados à capacidade de desempenho motor.

Dessa forma, o trabalho realizado pelas escolhinhas deve levar em consideração os pressupostos gerais do ensino, onde o treinamento seja incorporado como uma forma de educação. É importante ressaltar a relevância de fatores como princípios do treinamento, individualidade biológica dentre outros que estão envolvidos e devem ser observados, de modo a promover aos alunos/atletas as condições necessárias para seu desenvolvimento rumo ao suprimento das necessidades básicas, no sentido de se tornar praticante desta modalidade

⁴ O processo de desenvolvimento motor revela-se por alterações no comportamento motor. Todos nós – bebês, crianças, adolescentes e adultos estamos envolvidos no processo permanente de aprender a mover-se com controle e competência, em reação aos desafios que enfrentamos diariamente em um mundo em constante mutação. Podemos observar diferenças desenvolvimentistas no comportamento motor, provocadas por fatores próprios dos indivíduos (biologia), do ambiente (experiência) e da tarefa em si (físicos/mecânicos). Podemos fazer isso pela observação das alterações no processo (forma) e no produto (desempenho). Assim, um meio primário pelo qual o processo de desenvolvimento motor pode ser observado é o estudo das alterações no comportamento motor no decorrer do ciclo da vida. Em outras palavras, o comportamento motor observável real de um indivíduo fornece uma “janela” para o processo de desenvolvimento motor, assim como indicações para os processos motores subjacentes. GALLAHUE, David L. e OZMUN, John C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos: Tradução Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo. – São Paulo: Phorte Editora, 2003.

esportiva ou atleta profissional de futebol, já que, para tanto o trabalho deve ser pensado e estruturado a longo prazo.

Todavia, vê-se tomar conta do cenário futebolístico uma onda de precocidade onde importa o lucro e não o indivíduo, independentemente dos males que possam vir a causar-lhe. Subjugam-se meninos que poderiam se tornar futebolistas de qualidade em detrimento do interesse de agremiações e diretores, cujo, principal objetivo é a consolidação de sua patente, como se fossem fabricantes de mercadorias/produtos de alto valor comercial, apenas. Portanto, a ênfase é segundo o aspecto financeiro, ou seja, na forma intencional de usar o outro para se auto-promoverem e, também promoverem ao clube ao qual pertencem.

Aliado a isso vemos a entrada do setor empresarial, ou seja, de empresas como Traffic (marketing esportivo) grupo Sonda (supermercados), EMS Sigma Pharma (farmacêutico), dentre outras, mormente após a promulgação da Lei Pelé⁵ (Lei 9.615/98) – Lei esta que aboliu a questão do clube ter direitos exclusivos sobre o passe do atleta nesse cenário. Portanto, esse segmento tem intensificado cada vez mais sua participação nesse importante mercado em que se tornou o futebol, ora se associando aos clubes, de modo, manter os jogadores no clube até a idade permitida para uma transferência à Europa, e também atingirem o valor comercial desejado. Ou ainda, implantando seus próprios centros de treinamentos – verdadeiras fábricas de jogadores de futebol, com o objetivo de vender atletas, principalmente para o mercado europeu.

Esse imediatismo desenfreado promotor de uma precocidade e de um mecanismo de massificação de treinamentos estereotipados, no qual a intensidade e a frequência das atividades extrapolam o nível de entendimento, a capacidade motora, fisiológica e psicológica das crianças, acaba exigindo destas um alto nível de especialização, que as afasta do seu

⁵ Verifica-se como problema central em relação ao passe do atleta quando se examina a Lei Pelé (Lei 9.615/98), especificamente o art. 28, parágrafo 2º, prevendo o sistema do passe livre, segundo o qual, há dois vínculos na contratação de um jogador, o vínculo desportivo do atleta com a entidade desportiva contratante tem natureza acessória ao respectivo vínculo trabalhista. Assim, cessado o contrato de trabalho, cessa também o vínculo desportivo, que é acessório do vínculo trabalhista. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/pdf/lei9615.pdf>.

melhor desenvolvimento. Como se sabe, aos alunos/atletas em idades mais tenras, menos expectativas e comparações devem ser geradas. Visto essa postura não atender, na maioria das vezes, aos anseios destas e muito menos lhes proporciona prazer e espaço para otimização de seu potencial criativo. Se configurando, portanto, numa dinâmica na qual vemos entristecidos e preocupados a robotização de crianças e adolescentes, em nome de uma pretensa qualificação/excelência técnica e física – mais física do que técnica – que os tornaria futuros craques de futebol –, agravada em muitos casos, pelas pressões da própria família, que vê nessa criança a oportunidade de uma independência financeira.

Corroborando com este pensar Venlioles, diz que:

Talvez um dos maiores erros encontrados hoje em dia nas Escolas de Futebol seja o de não estarem respeitando os alunos no que concerne às diversas faixas etárias, privando-os de passarem, progressivamente, por experiências, que servirão de fonte de processamento de informações. Muitas vezes, eles são submetidos a treinamentos para os quais não estão preparados, e os quais encontram-se bem distantes de serem apropriados ao grau de maturação dessas crianças. (VENLIOLES, 2001: 19)

E, ainda Greco e Brenda (1999: 117), ao afirmarem que: “A criança até a puberdade ainda não tem condições para suportar um treinamento de alto rendimento, direcionado à perfeição da técnica. Neste período é necessário conhecer um número maior de movimentos para poder aplicá-los no movimento correto”. Portanto, julga-se ser necessário que se valorize a bagagem motora que o aluno/atleta já possui e, ainda, dar ênfase a um processo no qual se consolide uma nova dinâmica, em relação às novas metodologias de trabalho com alunos/atletas, mormente nas categorias de base.

Por isso, às escolhinhas de futebol é imprescindível uma estrutura organizacional tal que viabilize um trabalho que venha suprir a questão da falta de espaços nos grandes centros urbanos para a prática do futebol de várzea, da pelada descompromissada onde o objetivo primeiro não é vencer a qualquer custo, mas o jogo como atividade lúdica, espontânea, que

diverte. Segundo Maturana e Verden-Zoller, 1994 (apud Ministério dos Esportes:107), “O jogo nos seres humanos... de fato... qualquer atividade humana feita no momento em que é feita com a atenção nela e não no resultado, isto é, vivida sem propósito ulterior e sem outra intenção além de sua realização, é jogo (...)”. – jogo como espaço de manifestação da expressividade intencional, criativa de corpos – fenômenos que são vistos ou que se deixam ver de diferentes maneiras em diferentes situações, dependendo obviamente das oportunidades que lhes são ofertadas, de modo a favorecer a transcendência das experiências vivenciadas em novos gestos motores.

Este capítulo nos levou a searas importantes, acerca das transformações que o fenômeno futebol sofreu ao longo de sua história, principalmente quando nos reportamos à questão do advento Copa do Mundo – que se constituiu em parâmetro para mudanças significativas no comportamento ideológico do povo brasileiro – ao mexer com a seleção brasileira. Observou-se um movimento de gangorra ora éramos vira-latas ora deixávamos de sermos vira-latas, mesclando sentimentos de inferioridade e orgulho/supremacia. Também nos possibilitou ver a mudança na estruturação dos treinamentos do futebol –, que passou de futebol-arte a futebol-força, para tanto lançou mão dentre outros recursos do grande acervo tecnológico existente, com o objetivo de condicionar fisicamente os agora atletas profissionais de futebol para cumprir a determinações táticas que esta nova maneira de jogar demanda.

Vimos com certa preocupação o trabalho realizado pelas escolhinhas de futebol, processo deflagrado devido dentre outras coisas à especulação imobiliária nos grandes centros, dinâmica que suprimiu aos meninos o espaço para prática do futebol espontâneo, improvisado – portanto, escolhinhas que atende ao interesse de vários segmentos, mas quanto à criança e ao adolescente em formação, percebeu-se a necessidade de um trabalho focado nas reais necessidades destes seres. E, é a este Ser como sujeito de sua ação, Ser que se movimenta intencionalmente, portanto, que sugere reflexões acerca de como se percebe no

mundo a partir das interações relacionais que realiza, é que nos enveredaremos no próximo capítulo.

Capítulo III

CORPO, APRENDIZAGEM E CONHECIMENTO

Não é pensando que somos, mas é sendo que pensamos.

Manuel Sérgio

O conhecimento perseguido pelo ser humano em sua trajetória ao longo dos tempos implica numa tomada de consciência em relação a este conhecer. Fonte inesgotável de possibilidades de um aprendizado diferencial inerente à condição humana, apreendido/percebido numa intersecção das dimensões bio-psico-social desse ser-no-mundo. Neste movimento em direção ao conhecimento, se encontra alocada de maneira muito própria, uma originalidade organizacional, individual e complexa, que concomitantemente, conhece o fenômeno e também se dá a conhecer.

Destarte, nos deparamos com toda nossa potencialidade complexa. E, desse modo, a partir das diferentes faces que os objetos nos mostram, é perceptível a cada olhar que se direciona ao fenômeno/objeto na busca de compreendê-lo melhor, pairar um universo adormecido, repleto de possibilidades interpretativas e, que, portanto, implica diferentes situações onde a percepção fundada na experiência do sujeito expressivo – percepção que ocorre no entrelaçamento desse sujeito com o mundo ao buscar soluções para entender como as coisas são –, favorece a criação de sentidos a partir de um movimento intencional em direção ao fenômeno. Portanto, momento em que a corporeidade⁶, movimento dialético entre

⁶ Corporeidade, numa definição ampla, é uma idéia abstrata de corpo, de ser corpóreo. Este sentido é herança do pensamento grego, expresso no conceito de soma ou somático. Para os gregos *soma* designa o que é material, especialmente no homem, em oposição à psique ou psíquico. As culturas latinas e cristãs reforçam esta significação ao entender a *corporalitas* como aquilo que é de natureza material ou, simplesmente, materialidade, radicalmente oposta à espiritualidade. Nesse sentido, portanto, corporeidade diz respeito a tudo o que é material, porque todo ser material se manifesta no corpo. SANTIN, Silvino. Dicionário Crítico de Educação Física. – Org.

corpo e mundo – estado de atenção corporal, consciência – que se traduz na própria existência, constitui um manancial de possibilidades onde se aloca toda potencialidade criativa dos sujeitos. O corpo se percebe nos movimentos expressivos do sujeito, que se reconhece como corpo capacitado; este perceber atribui, a cada momento, significado aos objetos através da existência do corpo que, ao expressar nos movimentos intencionais sua potencialidade de interagir com o mundo, o faz a partir da unidade corpo/mente como propiciadora de manifestações intencionais recursivas –, portanto resposta corporal ao mundo a partir do próprio entrelaçar desse corpo com o mundo. A superação do dualismo⁷ corpo/mente consolida a passagem do corpo pensado apenas como corpo-objeto⁸ em direção ao corpo-sujeito⁹, corpo percebido como possibilidade de intensa interação relacional, portanto, veículo de comunicação com o mundo que aí pré-existe.

Sob essa perspectiva de um corpo-cognoscente, aquele que tem capacidade de adquirir e assimilar percepções, conhecimentos – portanto, autonomia nesse processo de construção; que se organiza a partir de sua espontaneidade motora, intuitiva, intencional, tomemos o futebol-arte – tela onde se vê momentos de plasticidade imperiosa e ao mesmo tempo singela, os traços descritos pela trajetória da bola em direção ao companheiro de equipe, ao gol; ou mesmo os rabiscos realizados pelos jogadores ao realizarem uma finta, um drible desconcertante no adversário que tenta lhe tomar de qualquer jeito a posse da bola, são qual os

Fernando Jaime Gonzáles e Paulo Evaldo Fensterseifer. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. – 424 p. (Coleção educação física).

Corporeidade, como condição de presença, participação e significação do homem no Mundo. a motricidade emerge da corporeidade como sinal de quem está-no-mundo-para-alguma-coisa, isto é, como sinal de um projeto. Toda conduta motora inaugura um sentido, através do corpo. SÉRGIO, Manuel. Para uma Epistemologia da Motricidade Humana – Prolegómenos a uma nova ciência do homem. Lisboa: Compendium. s/d.

⁷ s.m. Todo sistema religioso ou filosófico que admite dois princípios, como a matéria e o espírito, o corpo e a alma, o bem e o mal, e que se supõe estejam em luta eterna um contra o outro. / Qualidade de dual. © 2008 Dicionário Do Aurélio Online.

⁸ Corpo-objeto fruto da cultura moderna – corpo dessacralizado, manipulável e útil aos interesses capitalista, que necessitam de corpos produtores e consequentemente consumidores, cujos investimentos implicam a visão onde funcionamento material e de consumo se faz presente.

⁹ A expressão corpo-sujeito compreende os sujeitos no entrelaçamento da complexidade do sentir, do pensar, do expressar-se, do agir, construindo assim uma unidade corpórea que singulariza a presença do homem no mundo. SCHWENGBER, Maria S. Vione. Dicionário Crítico de Educação Física. – Org. Fernando Jaime Gonzáles e Paulo Evaldo Fensterseifer. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. – 424 p. (Coleção educação física).

traços de um pintor em sua tela no ato da criação de sua obra prima. Para que esse nível de desempenho aconteça, não basta oferecer somente a preparação física, tática e técnica – para as quais a tecnologia trouxe grandes contribuições – é preciso que esse conhecimento se dê, sobretudo no âmbito da motricidade humana¹⁰, bem como das capacidades de um corpo encontrar soluções criativas em meio a situações de alta complexidade cognitiva, como aquelas solicitadas numa situação de jogo¹¹; implica em soluções perceptuais-motoras demandadas por um jogo de futebol, em que a performance do corpo é mais imprevisível do que em qualquer outro esporte.

Como se pode pensar este corpo, para além dos indicadores numéricos de performance dos jogadores (gols, passes, finalizações, tudo que hoje se denomina “scout”) ou do atleta (rendimento, performance aeróbica, etc.), de tal modo que se possa compreender como pensam os jogadores num contexto real do jogo? Um dos caminhos talvez seja oferecido pelo pensamento fenomenológico, em especial pelo trabalho de Maurice Merleau-Ponty, que colocou o corpo em circunstância no centro de uma filosofia – propondo um olhar interrogativo em direção ao mundo, às coisas do mundo onde o corpo que se constitui como condição primeira através do qual é possível vivenciar/travar relações consigo, com os outros, enfim com o mundo – unidade subjetiva onde se dá o encontro do *sujeito* com as *coisas*, com os fenômenos dos quais emana um universo de possibilidades que impulsionam esse Ser em

¹⁰ Processo evolutivo, adaptativo e criativo de um ser prático, carente dos outros, do mundo e da transcendência. Intencionalidade operante, segundo Maurice Merleau-Ponty. O físico, o biológico e o antropossociológico estão nela como a dialética numa totalidade. Como ser carente, o homem é um ser prático e onde, por isso, a motricidade se afirma na intencionalidade eletiva. Mas motricidade humana e, conseqüentemente, cultura, acima do mais – cultura não ancilosa em erudição inerte, mas cultivada porque praticada. A motricidade não se confunde com a motilidade. Esta não excresce a faculdade de execução de movimentos que resultam da contração de músculos lisos ou estriados. A motricidade está antes da motilidade, porque tem a ver com os aspectos psicológico, organizativo, subjetivo do movimento. A motricidade é o virtual da motilidade, o atual, de todo movimento. Afinal, a motilidade é a expressão da motricidade. SÉRGIO, Manuel. Para uma Epistemologia da Motricidade Humana – Prolegômenos a uma nova ciência do homem. Lisboa: Compendium. s/d.

¹¹ O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana'. HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. – São Paulo: Perspectiva, 2005.

diversas direções: “A coisa e o mundo me são dados com as partes de meu corpo não por uma “geometria natural”, mas em uma conexão viva comparável, ou antes, idêntica à que existe entre as partes de meu próprio corpo” (Merleau-Ponty, 2006:276):

Corpo pensado/compreendido à égide da plasticidade desse corpo que se move no mundo, corpo aí, corpo próprio/vivido/consciência – espaço organizado – esquema corporal¹² que se configura e expressa através de seus movimentos intencionais em direção à apreensão de conhecimentos do mundo. Em relação a esse pensar Sérgio (1986: 90), fala que “O mundo está aí, como realidade pré-objetiva e pré-reflexiva e o nosso primeiro contato com ele é sentido e vivido, antes de ser conhecido”.

Destarte, Merleau-Ponty dá nova significação ao corpo ao pensá-lo como:

Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio. Por vezes forma-se um novo nó de significações: nossos movimentos antigos integram-se a uma nova entidade motora, os primeiros dados da visão a uma entidade sensorial, repentinamente nossos poderes naturais vão ao encontro de uma significação mais rica que até então estava apenas indicada em nosso campo perceptivo ou prático. (MERLEAU-PONTY, 2006:212)

Existem desafios que implicam um *pensar* e um *agir* – a construção de um novo modelo, no qual seja possível libertar o corpo das amarras de um pensamento que privilegia a relação causal e as oposições sensível-inteligível, corpo-alma, sujeito-objeto, dentre outras. Trata-se, então, de romper com tais dicotomias que valorizam *um* em detrimento do *outro*, dando o devido relevo, nessas relações, ao corpo-vivido/corpo-sujeito que se dirige ao mundo,

¹² Esquema corporal – Conceito vinculado à neurologia, tendo-se sua maior referência nos estudos do membro-fantasma, caracterizado pela ilusão que as pessoas têm de permanência de parte do corpo que foi amputada. Na estruturação do esquema corporal, atribui-se ao sistema nervoso, a partir das experiências motoras e sensoriais que vivenciamos desde o nascimento, a responsabilidade de estruturar a diagramação do nosso corpo em áreas específicas do cérebro, denominadas de áreas do esquema corporal. Na verdade, o termo remete-nos à idéia de que as experiências interoceptivas e exteroceptivas por nós vivenciadas permitem estruturarmos, paulatinamente, uma diagramação do nosso corpo. MELO, José Pereira de. Dicionário Crítico de Educação Física. – Org. Fernando Jaime Gonzáles e Paulo Evaldo Fensterseifer. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. – 424 p. (Coleção educação física).

e deste apreende as coisas tal como estas se lhe aparecem – sempre num caráter provisório, em contínua construção. Principalmente, neste momento em que o foco é entender as implicações do movimento do corpo, ou seja, sua cultura-motora¹³ em direção à aprendizagem e qual(is) a(s) interferência(s) que o disciplinamento provoca, tendo como tecido-fundo o futebol, modalidade esportiva que exerce forte influência na sociedade brasileira.

Assim, destacar o futebol numa perspectiva figura-fundo em relação à cultura é dispor de um terreno privilegiado, no qual o corpo se apresenta como elemento imprescindível na aquisição das aprendizagens, permitindo refletir em como este corpo se apodera do conhecimento. Em tal horizonte, é possível enxergar no desenvolvimento da prática do futebol o deflagrar do processo ensino e aprendizagem dos sujeitos.

Portanto, para superação desse cenário, lançar-se-á às reflexões de Maurice Merleau-Ponty. Seduzido nessa escolha pela forma como esse filósofo trabalha com as questões relacionadas ao corpo em sua dimensão complexa, a saber, (corpo-sujeito, corporeidade, esquema corporal, motricidade, etc.), existência como morada da essência – consciência intencional operante expressa nos movimentos direcionados à compreensão dos fenômenos do mundo. E, ainda, de Michael Foucault ao contemplar em suas considerações um olhar para as questões de como o mundo moderno estabelece formas de controle sobre os corpos dos sujeitos, na qual o sentido de normalidade surge como princípio de coerção – corpo social homogêneo a serviço do jogo de poder, de regulamentação. Assim, vê nas diversas instituições saberes de caráter repressivo, econômico ou pedagógico se tornarem ações, que atuam sobre os corpos dos indivíduos, implicando num controle detalhado, rigoroso, porém

¹³ Nível de humanização, alcançado pela assimilação das condutas motoras, sistemática e livremente adquirida, através da instrução e da educação (nomeadamente a educação continuada). Também pode entender-se a cultura motora como o conjunto de comportamentos representativos de uma determinada sociedade ou grupo natural... a cultura motora, qualquer que seja a forma como a percebemos, é um elemento integrante da dignidade da pessoa. A cultura implica uma aquisição de saber e ao mesmo tempo resulta dele: exige trabalho de assimilação e de interioridade. SÉRGIO, Manuel. Para uma Epistemologia da Motricidade Humana – Prolegómenos a uma nova ciência do homem. Lisboa: Compendium. s/d.

sutil sobre seus gestos, costumes, atitudes e comportamentos. Assim, acabam por tornar estes, corpos úteis, dóceis e disciplinados – máquinas desejantes.

3.1 – A fenomenologia e o corpo.

Pensar fenomenologia implica voltar à segunda metade do século XIX, aos pensamentos de Franz Brentano, que pautou seus estudos nos atos e processos psíquicos – qual seja, na intencionalidade da consciência humana, que trava relações com os objetos existentes em si mesma – fenômeno psíquico no qual pré-existe a direção da mente para um objeto – Brentano sugere que no intuito de descrever, compreender e interpretar os fenômenos a mente pode dirigir-se ao objeto sob as perspectivas da *percepção*, do *juízo* e do *amor* ou *ódio*.

O pensamento de Brentano exerceu profunda influência sobre Husserl, que buscou compreender o caráter imanente dos objetos sob o olhar da fenomenologia, ancorando-se na estrutura da consciência enquanto estrutura intencional.

Consciência esta que no dizer de Husserl.

É sempre consciência de alguma coisa, conseqüentemente o objeto apreendido em sua relação com a consciência e, nesse sentido, ele supera-se a si mesmo. Uma vez que o traço essencial da consciência é a intencionalidade, o objeto pode ser considerado como escopo dessa mesma intencionalidade e, assim, transcende a si mesmo, pois, sendo um conteúdo da intencionalidade, o objeto pode ser considerado como escopo dessa mesma intencionalidade e, assim, transcende sua própria existência real, enquanto existência empírica imediata”. (HUSSERL, 1980:X).

Assim, sugere que o conhecimento acerca do fenômeno se dá a partir do ato intencional da consciência, que cobra a necessidade de descrição do fenômeno tal qual ele se mostra em sua significação. A fenomenologia surge como uma investigação, que busca a

compreender a aparência que se manifesta ou se revela, a própria realidade do fenômeno em direção a sua verdade. Portanto, é uma discussão acerca do ser e da verdade, que implica inicialmente o modo como o conhecimento do mundo acontece e posteriormente a visão que o indivíduo tem do mundo – caminha no sentido do retorno às coisas mesmas, entendendo o que nos é dado, aquilo com o que nossa consciência se depara. Para Critelli (2006:11), “A interrogação básica desta discussão é o interesse em se saber e delimitar, entre outros, o melhor caminho, o ângulo mais adequado, a forma mais plausível de se captar e expressar, verdadeiramente, o que são e como são as coisas”.

Compreender como se dá o desvelamento do fenômeno nos instiga à percepção de que a consciência vê os objetos de diferentes maneiras; bem como entender que esses objetos não se apresentam à consciência sempre do mesmo jeito. Dessa forma, distinguir, tornar claro, revelar o essencial na percepção do fenômeno se constitui numa tarefa imprescindível à fenomenologia. Porém essa não ocorre de maneira simplória, tranqüila, se constitui num trabalho árduo, constante e complexo, sobretudo por saber haver nos fenômenos a propriedade intrigante e intensa de aparecer, se deixar ser visto pelos sujeitos – dinâmica a qual Critelli (2006:44), se refere dizendo que “(...) O jogo do aparecer é um movimento do ente parecer ser tal ou qual, deste ou daquele modo para espectadores... o aparecer das coisas está condicionado a que elas apareçam para alguém (indivíduo ou coletividade)”. Aparecer que, no dizer de Arendt (apud Critelli, 2006:44), “significa sempre aparecer para outros e este aparecer varia de acordo como o ponto de vista e com a perspectiva dos espectadores. Em outras palavras, tudo o que aparece adquire, em virtude de sua fenomenalidade, uma espécie de disfarce que pode de fato, embora não necessariamente, ocultar ou dificultar”.

O método fenomenológico segundo Heidegger (1979) possibilita o acesso ao verdadeiro conhecimento. Assim, propõe uma discussão da problemática do ser e da verdade,

cuja filosofia se encontrava afastada, devido ao pensar metafísico, que entende o conhecimento sob a perspectiva de uma verdade única, imutável, que, todavia, limita a busca da verdade do ser dos entes. O filósofo vê esse *Ser* como a pedra angular, a partir da qual faz suas reflexões em relação ao conhecimento do homem no mundo, isto porque este se dá a conhecer imanentemente, pois se encontra sozinho ao interrogar-se, refletir sobre seu próprio ser. Heidegger (1979:VIII), diz: “[...] partir da existência humana (na linguagem heideggeriana, *dasein*: ‘ser-aí’), tal como se dá imediatamente à consciência, a fim de elevar-se até o desvendamento do ser em si mesmo, último objetivo de toda reflexão filosófica”.

Abrir-se à verdade implica os modos, as maneira de enunciação do ser-no-mundo apropriar-se do sentido das coisas – horizonte fundo de toda investigação, sentido de *Ser*. Cada ente necessita ser abordado adequadamente e conseqüentemente entendido em sua particularidade, como o modo de ser próprio do ente. Para Heidegger (*ibidem*), mundo e *Ser* formam uma unidade a priori que não se separa, portanto, há um processo de mútua e constante implicação entre o ser e o ser-aí.

Para Merleau-Ponty:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade” (MERLEAU-PONTY, 2006:1).

Partindo desse pressuposto, vê-se desvelar novas perspectivas acerca do conhecimento do ser-no-mundo, pois ao referir-se à análise da percepção, a fenomenologia se torna existencial, pressupondo como logos, o próprio mundo, e ensina que é preciso é reaprender a ver o mundo, ou seja, para o pensamento fenomenológico a problemática do *Ser* saiu do universo do conceito para apresentar-se no universo da existência – retorno às

próprias coisas –, estudo das essências recolocando-as na existência. É na existência que se dão os significados, mesmo porque às coisas os significados são decorrentes da ligação estabelecida nas ações dos homens entre si e com o mundo.

Nesse sentido Critelli, diz.

Em si mesmas as coisas não são coisa alguma. Elas só são o que são porque podem acoplar múltiplos significados que não lhes são intrinsecamente inerentes, mas lhes vêm desde o mundo, dos relacionamentos interpessoais. É esse modo de ser dos homens, interagindo uns com os outros no mundo, que se oferece como a origem do ser dos entes. (CRITELLI, 2006:47-48)

E também Carmo ao dizer que:

[...] essa filosofia que se preocupou com o homem muito mais na sua existência do que na sua essência. O homem é pensado em seu meio natural, cultura e histórico, ou seja, como ser-no-mundo, mais do que como ser ideal, privilégio anteriormente dado pela filosofia da consciência. (CARMO 2000:13)

Merleau-Ponty (2006), ao encaminhar seu pensamento em direção à existência diz que há um predomínio dos atos inconscientes sobre os conscientes, sustenta que toda atividade é fruto da percepção do mundo – mundo que é percebido sem necessariamente solicitar uma reflexão acerca de como se dá a nós –, crença perceptiva do mundo e das coisas. Sugere existir um mundo que está lá antes mesmos de ser pensado reflexivamente ou de que se torne consciência sua existência. Busca no mundo anterior ao pensamento subsídios para evitar o dualismo sujeito-objeto. Compreende que a filosofia não pode desprezar a origem dos fatos, visto ser essa reveladora de que a experiência vivida é condição ímpar para a reflexão, que exige um movimento de retorno a si mesma, ou seja, de pensar o próprio pensamento – ato pré-reflexivo, que segundo Castro (2006:38), “é, assim, uma espécie de inconsciente, jamais manifesto na sua totalidade por um ato de vontade da consciência e da reflexão”.

Nessa perspectiva, consciência não se resume em desprezar o mundo vivido, principalmente por saber não haver ruptura entre o vivido e o pensado, antes se constituem passos dialéticos necessários à compreensão do desvelamento do mundo real. Nessa relação consciência-mundo surge, segundo Merleau-Ponty (1980:X), “uma consciência perceptiva solidária com o corpo, enquanto corpo próprio ou vivido, maneira pela qual nos instalamos no mundo, ganhando e doando significados”. Isso é abrir-se ante ao mundo, não somente à minha presença, mas à presença do outro, à percepção de que o verdadeiro pensar não é definido pela existência do sujeito pelo pensamento que ele tem de si mesmo, nem tampouco pela certeza do pensamento que tem do mundo. Buscar a essência da percepção não significa dizer que a percepção que temos é a verdade absoluta, porém uma via de acesso a verdade –, ao contrário, se a partir de uma evidência se adota uma posição idealista acreditando cegamente que se está diante da verdade absoluta, se torna essa experiência de mundo inverídica:

O mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentidos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele e, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixarmos viver para nele penetrar. Contudo, isso não passa de uma falsa aparência. (MERLEAU-PONTY, 2004:1)

Destarte, Merleau-Ponty contrapõe-se ao paradigma analítico intelectualista onde o corpo é visto como um conjunto de partes distintas e, procura situar a consciência no corpo e o corpo no mundo. Partindo do conceito de consciência intencional proposto por Husserl e se deslocando em direção à consciência, que deve ser compreendida sempre como consciência perceptiva, pois na medida em que está ligada inextrincavelmente ao corpo, mantém um permanente diálogo com o mundo. Dessa forma, centraliza no corpo a questão da existência humana – Ser corporal no mundo (corpo fenomenal) – solo de onde emergem todas as relações da percepção e do mundo sensível num movimento dialético.

O corpo é gênese de infinitas inquietações, desde os tempos mais remotos até os dias atuais. Apresenta-se como um enigma, que incita intensas reflexões acerca de sua origem, de modo, justificar diferentes teorias em torno do surgimento do Homem na terra, assim tem-se, por exemplo: a religião que aceita e conseqüentemente defende a teoria do criacionismo, enquanto que a ciência adota a teoria do evolucionismo à luz do pensamento Darwiniano. Assim cada uma destas teorias, embasa sua linha de raciocínio pensando o Ser Humano de forma estritamente peculiar. Essas teorias, assim como as demais, se constituem em inúmeras perspectivas, ao se desdobrarem em diferentes possibilidades para entendimento do corpo humano como um universo inesgotável de reflexões desse ser no mundo. Corpo que já foi visto como um mistério inviolável – corpo fechado pelas civilizações mais remotas –, corpo que no período moderno com a instauração da visão mecânica passa a ser manipulado, aberto, dessacralizado, fragmentado, ficando dessa forma exposto a todo tipo de exploração, por parte dos diferentes ramos da ciência, que se preocupam em entender/compreender esse corpo que é o veículo primeiro pelo qual o homem se manifesta no mundo e, que, portanto, através dele efetiva suas relações e abarca os conhecimentos.

3.2 – O corpo como fonte de conhecimento

Do corpo emerge uma infinidade de possibilidades sensório-motoras, que implicam na contribuição que a percepção proporciona ao ampliar a compreensão de como se realiza o fenômeno *conhecer*, no qual a cognição ocorre no entranhamento com o corpo – vivenciada em meio as experiências que acontecem através da ação corporal –, portanto, tomada de consciência em relação ao conhecer; movimento recursivo – fenômeno que apresenta como característica a particularidade/propriedade de desvelar-se e ocultar-se, que, portanto, promove o desencadear de uma consciência perceptiva (percepção relacionada à atitude corpórea, diferentemente da visão objetiva, onde a percepção ocorre numa relação causal de

estímulo-resposta), na perspectiva da concepção fenomenológica, onde a apreensão do sentido das coisas se faz pelo corpo, e, se traduz numa expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo. Assim se constitui num movimento onde o conhecimento produzido no mundo, para ser visto, compreendido e conseqüentemente abarcado, exige um intenso processo relacional e circular de todas as partes que compõem os sujeitos.

Fundamentar/compreender a experiência do conhecimento tendo como ponto de partida o corpo, se constitui num trabalho que exige um pensar que transcende ao universo do ser corporal, leva à percepção de que para esta compreensão necessita-se ir além, ou seja, entendê-lo como um ser bio-psico-social. Todavia, pretendo neste momento focar em alguns pontos que julgo serem necessários para a compreensão de como se processa essa questão, tendo como base epistemológica a fenomenologia de Merleau-Ponty. Este filósofo contempla em suas reflexões o corpo numa perspectiva crítica – corpo fenomenal –, e preocupa-se com novas concepções acerca do físico, do vital e do psíquico. É evidente sua oposição ao entendimento do Ser humano na perspectiva meramente substancialista – relação de causa e efeito entre alma e corpo, assim seu pensamento remete a aceitação das reflexões à ótica da relação dialética entre a alma e o corpo. Portanto, o ser humano entendido em sua completude – existência de um corpo-sujeito consciente de sua unidade ímpar, todavia, decorrente de intra e inter-relações efetuadas no cotidiano de suas ações, de seus atos no mundo.

O corpo fenomenológico provoca entendê-lo numa perspectiva, que implica numa reflexão sobre a sua condição de ser humano; a entender de que maneira essas experiências vividas com o corpo, no corpo, desde o corpo, portanto através do corpo, lhe possibilitam o abarcar de conhecimentos significativos. Condição que interroga o próprio saber que perpassa o mundo e em qual medida ampliar o horizonte de conhecimento se encontra fundamentado

numa idéia de que o mundo surge na intersecção das relações do ser humano com o mundo, onde esta compreensão sugere um movimento recíproco entre os diversos atores que nele transitam – as relações intra e intersubjetivas direcionam para os processos de apreensão de conhecimento tendo como base de sustentação o corpo dos sujeitos, que se encontram referenciados num mundo compartilhado – corpos que têm a capacidade de adotar diferentes modos de ser e agir e conseqüentemente de incorporar o conhecimento.

O sujeito é um corpo que reconhece sua história se entranhando nesse mundo e de forma alguma separado dele ou da vida e, nesse momento o conhecimento é abarcado, se realiza. Nesse sentido, a fenomenologia se apresenta como uma oportunidade de reflexão, na qual pensar o mundo requer que ele tenha sido anteriormente ofertado ao sujeito da percepção – a um sujeito encarnado, situado no mundo que antecede a reflexão – portanto, retorno às coisas mesmas como origem do sentido, direcionando para um conhecimento inserido no real, dado entre outras coisas pelo mundo natural e o mundo humano numa relação dialética.

Sérgio concorda com esse pensamento de Merleau-Ponty, quando cita que.

O verdadeiro saber determina-se tão só, nos horizontes abertos pela percepção. E tudo isso porque o Homem, mais do que um conceito operatório, consiste numa consciência encarnada, que concretiza a sua intencionalidade, através do corpo, o qual, por seu turno, não exhibe ‘um conjunto de órgãos justapostos, mas um sistema sinérgico cujas funções todas se reconhecem e vinculam no movimento geral do ser-no-mundo’. (SÉRGIO, 1986[?]:88)

Toda percepção ocorre no mundo, não é apenas subjetiva, por isso, não está apenas dentro do sujeito, mas ocorre no entrelaçamento sujeito/mundo sendo mediada pelo corpo. Merleau-Ponty vê o mundo natural como o mundo da percepção, que é intencional, ao passo que sua significação transcende a própria existência como um saber latente, num ritmo onde a existência é dada pelo sensível. Essas relações se constituem no verdadeiro cogito.

Para Merleau-Ponty,

[...] as relações entre as coisas ou entre os aspectos das coisas são sempre mediadas por nosso corpo, a natureza é a encenação de nossa própria vida ou nosso interlocutor em uma espécie de diálogo. Eis por que, em última análise, não podemos conceber coisa que não seja percebida ou perceptível...nesse sentido, toda percepção é uma comunicação ou comunhão...de nossas potências perceptivas e como um acasalamento de nosso corpo com as coisas (MERLEAU-PONTY, 2006:429).

Essencialmente imprescindível em todas as manifestações do ser humano em direção ao conhecimento, o corpo se apresenta como peça fundamental ao projetar-se intencionalmente para o ser das coisas – ato que ocorre numa intrincada rede de significados/significação, tecida nesse complexo que é o Ser humano em movimento no mundo – portanto, no movimento em direção ao significado de conhecer. Esse movimento assume um caráter próprio, cuja percepção ampliada do mundo o transforma num universo rico, através do qual o Ser humano, com sua capacidade perceptiva, apreende as sensações, os influxos do mundo em que se encontra inserido – de tal forma que as coisas parecem se constituírem num prolongamento do próprio corpo – cito como exemplo os movimentos dos dribles e fintas realizados pelo jogador de futebol ao deslocar-se por entre os adversários, tendo sob seu poder o domínio da bola. Nesse momento pé, chuteira e bola se transformam num todo único, sem que cada parte perca sua organização – movimento intencional, em que esse acoplamento estrutural¹⁴ permite ao jogador exibir sua potencialidade criativa, bem como sua habilidade no trato com a bola. Portanto, essa experiência de mundo favorece o processo de conhecimento, que posteriormente tornar-se-á saber.

¹⁴ Ficará claro que as interações – se forem recorrentes entre unidade e meio – constituirão perturbações recíprocas. Nessas interações, a estrutura do meio apenas desencadeia as modificações estruturais das unidades autopoieticas (não as determina nem as informa). A recíproca é verdadeira em relação ao meio. O resultado será uma história de mudanças estruturais mútuas e concordantes, até que a unidade e o meio se desintegram: haverá o acoplamento estrutural. MATURANA, Humberto R., VARELA, Francisco J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. – tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. – São Paulo: Palas Athena, 2001.

De acordo com Merleau-Ponty:

Se sou capaz de reconhecer a coisa, é porque o contato efetivo com ela desperta em mim uma ciência primordial de todas as coisas, e porque minhas percepções finitas e determinadas são as manifestações parciais de um poder de conhecimento que é coextensivo ao mundo e que o desdobra de um lado a outro. (MERLEAU-PONTY 2006:494)

Esse corpo fonte de interpretações em que é possível ver decalcada sua história cultural, social, biológica, psicológica, enfim holística, produz inquietações ao expressar em gestos motores toda a variada gama de comportamentos vividos na dimensão social, pertinente ao seu repertório cultural de informações. Sérgio (1986:109), corrobora com esse pensamento ao dizer que, “o movimento humano, como intencional, reflecte alguém com a consciência da sua contingência e complexidade e, ele mesmo, enquanto movimento, transfigura a vida intrapessoal e a interpessoal, dando novas pistas à intencionalidade futurante do Homem”.

Assim, pode-se estabelecer o corpo em sua complexidade como espaço de exteriorização intencional própria dos diferentes estratos, no qual estão inscritas toda potencialidade expressiva bem como a capacidade de construção de pensamentos agindo como promotora na realização de movimentos/gestos únicos. Nesse âmbito, vemos o corpo se transformar em instrumento com o qual o homem habita o mundo e a ele pertence. Nesse sentido consciência e corpo se tornam inseparáveis. Carmo (2007:23) diz, “se o homem é um ser-no-mundo, a consciência tem de coexistir com esse mundo que desde sempre nos envolve” – portanto, vemos a corporeidade como uma possibilidade de o indivíduo deflagrar seu processo de apreensão do conhecimento onde a ampliação de seu universo perceptivo tem função fundamental no processo de compreensão do mundo. Nesta perspectiva este corpo não é um mero instrumento através do qual temos acesso ao mundo, todavia um corpo que é e se

constrói no mundo, portanto, aberto às infinitas e inexploradas possibilidades de ser e estar no mundo.

3.3 – O corpo próprio: movimento e criatividade

Perspectivar o corpo como locus que estabelece e dá sustentabilidade a relação do homem no mundo vivido, implica em perceber que é via o corpo que o ser humano habita e tem consciência do mundo –, portanto, o corpo se constitui no principal elemento da existência humana – “meu corpo é pivô do mundo” (Merleau-Ponty 2006:122) – existência através da qual é possível ver a manifestação do sensível em sua experiência com o outro com o mundo, num intenso processo relacional, que envolve de maneira significativa investimentos afetivos e sociais na produção/transformação dos corpos – cunhando dessa forma os próprios corpos em corpos-sujeitos onde a intersecção complexa do sentir, pensar, expressar-se e do agir configura-se numa unidade corpórea singular – constituindo-se no esvaecimento das dicotomias, que se fundamentam na separação sujeito-objeto, visto como realidades heterogêneas. É, portanto, na confluência/congruência sujeito-objeto, ou seja, corpo-mundo, que surgem os sentidos fundamentais de toda experiência – visto que a propriedade de ser corpo se dá no atrelamento deste com o mundo – uma vez que, dessa forma, há cotidianamente a apreensão de aprendizados significativos à percepção existencial do ser humano em direção ao conhecimento oferecido através da ponte relacional sujeito-objeto, corpo-mundo.

Para Merleau-Ponty:

A relação corpo-mundo é estesiológica: há a carne do corpo e a do mundo; há em cada um deles uma interioridade que se propaga para o outro numa reversibilidade permanente... corpo e mundo são um “campo de presença” onde emergem todas as relações da vida perceptiva e do mundo sensível” (MERLEAU-PONTY, 1980:X).

Posto dessa forma o corpo permite ao ser humano uma viagem, uma aventura em torno de sua existência – o abrir-se do sujeito ao mundo, o posicionar-se nele, de modo, dele aprender como habitá-lo com seu próprio corpo. “Neste sentido tenho consciência do mundo por meio de meu corpo”. (Merleau-Ponty, 2006:122)

Essa tomada de consciência sobre si mesmo que o indivíduo adquire em meio às experiências vividas, oportuniza o descortinar do corpo diante de si mesmo, do outro e do mundo – e, deste modo, atribui ao corpo a particularidade de entender o mundo sensível ao instalar-se nele. Possibilitada pela manifestação do “ser-aí” – no dizer de Heidegger, *Dasein* (1979)

Esse o corpo, organismo vivo que se compreende, se confunde com o mundo; corpo entranhado, vivido – sujeito da experiência perceptiva advinda do mundo, que ao ancorar-se no corpo favorece a manifestação de sua expressividade, numa relação de reciprocidade entre intencionalidade, sentido e significado que se traduz em sua maneira unívoca de ser e estar no mundo. Nesse sentido a percepção de que é através do corpo que se dá a apreensão do mundo, e que esta ocorre no envolvimento de um agir que se estabelece num universo de infinitas relações, situadas também no horizonte desse fenômeno, implica o saber em que “aprender a ver...é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal”. (Merleau-Ponty, 2006:212).

Desta forma, o corpo próprio necessita ser entendido como mediador atuante entre o sujeito e o mundo, não apenas à luz de um fisiologismo, mas a partir da percepção de que há diversas maneiras de ser corpo – corpo próprio através do qual se dá nossa apreensão do mundo, onde as experiências interoceptivas e exteroceptivas vivenciadas corroboram na estruturação desse entendimento, principalmente através do momento em que se tem consciência do corpo. “Trata-se de reconhecer a própria consciência como projeto de mundo,

destinada a um mundo que ela não abarca nem possui, mas em direção ao qual ela não cessa de se dirigir”. (Merleau-Ponty, 2006:15).

Essa consciência corporal¹⁵ – maneira do Ser humano estar no mundo de maneira muito própria e, nele efetivar relações recíprocas com outros seres, com as coisas, onde através dos movimentos/ações que realiza modifica e é modificado. Portanto, estar consciente corporalmente implica em transcender as explicações do corpo apenas pelas vias neurológicas ou psicológicas. Assumir o corpo como fenômeno bio-psico-sócio-cultural, do qual completude se dá infinitas possibilidades do movimentar-se no mundo:

Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. (MERLEAU-PONTY, 2006:269)

No mundo com o qual se relaciona, o Homem experimenta inúmeras ações corporais, estas construídas segundo uma intencionalidade que move o ser humano em direção às coisas com sentido/significado, visto todo gesto, toda ação motora pressupor sempre um dado significado. Nesse âmbito as construções, nas quais os sujeitos estão envolvidos exigem experimentações, vivências a partir do entranhamento sujeito/mundo, tecido onde se dão múltiplas intersecções – vivências corporais que redimensionam as ações motoras. Há sempre uma intencionalidade que se apóia no movimento em direção à compreensão de que sua plenitude ocorre segundo uma experiência original.

¹⁵ Concebidas nas reflexões filosóficas sobre a organização da noção de corpo, a expressão consciência corporal remete-nos à idéia de refletirmos sobre nossa existência corpórea no mundo e as relações entre ambos estabelecidas, tendo-se nos trabalhos de Merleau-Ponty uma das mais relevantes contribuições para esse intento. MELO, José Pereira de. Dicionário Crítico de Educação Física. – Org. Fernando Jaime Gonzáles e Paulo Evaldo Fensterseifer. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. – 424 p. (Coleção educação física).

Portanto, esse movimento não se constitui num movimento qualquer, mas naquele que transcende o mecanicismo cartesiano, que ultrapassa o universo puramente substancialista – consciência representativa, centralizada unicamente no Ser pensante --, visto possibilitar ao Ser humano uma perspectiva dialógica entre corpo, consciência e mundo – unidade existencial repleta de intencionalidade.

Sobre esse pensamento Merleau-Ponty argumenta dizendo:

[...] a vida da consciência – vida cognoscente, vida do desejo ou vida perceptiva – é sustentada por um “arco intencional” que projecta em torno de nós nosso passado, nosso futuro, nosso meio humano, nossa situação física, nossa situação ideológica, nossa situação moral, ou antes, que faz com que estejamos situados sob todos esses aspectos. É este arco intencional que faz a unidade entre os sentidos, a unidade entre os sentidos e a inteligência, a unidade entre a sensibilidade e a motricidade. (MERLEAU-PONTY 2006:190)

Essa relação de reciprocidade motricidade/percepção, interface privilegiada constitui o movimento humano, no qual o corpo próprio enquanto vivido e vivendo, formam um sistema único e apresenta uma intencionalidade original, consciência, ou seja, motricidade como um caminho que nos impulsiona em direção ao mundo – lugar de significações.

Segundo Sérgio, a motricidade constitui entre outras coisas:

O processo criativo de um ser, em que as práxis lúdicas, agonísticas, simbólicas e produtivas traduzem a vontade e as condições de o Homem se realizar como sujeito, ou seja, como autor responsável dos seus actos; designam, além disso, a capacidade (e o direito) de construir uma situação pessoal e social de maturidade e de sonho (ou de imaginação, que torne possível uma existência liberta e libertadora e que adquira a expressão do inédito e do absoluto. (SÉRGIO, 1986[?]:110)

O mundo, terreno sensível no qual o corpo-sujeito se reconhece e se expressa, através de movimentos dotados de significação e plasticidade – corpo criativo – cujas idéias independentemente de serem inéditas ou não, podem ser criadoras devido conseguir olhar de maneira nova algo que anteriormente era adequado a uma dada situação. Concebe ao

pensamento criador como inovador/explorador, um sentido de perplexidade diante do mundo que o antecede. Sente-se desafiado pelo desconhecido/indeterminado, pela incerteza que implica para efetivação do processo criativo da intersecção de capacidades tais como percepção, fluência e originalidade dentre outras.

Segundo OSTROWER:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se, nesse ‘novo’, de coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 1986, p.09)

Dessa forma é a dimensão experiencial que possibilita atrelar ao desenvolvimento da criatividade¹⁶ o desenvolvimento humano, visto ser esta fruto de uma experiência subjetiva, particular, inerente a cada indivíduo em sua unidade pessoal, segundo o entrelaçamento de todas as partes que compõem esse Ser bio-psico-sócio-cultural. A motricidade como movimento humano é que possibilita o conhecimento, dado que ele não é uma cópia da realidade, mas a manifestação de potencialidades internas associadas às experiências vivenciadas no entorno, no mundo cultural que o envolve.

3.4 – O disciplinamento do corpo.

Se para Merleau-Ponty o corpo não apenas foi recolocado como tema filosófico e como fonte do conhecimento, mas foi pensado como um ser no mundo – em que sua existência surge como uma perspectiva para estabelecimento de novas relações consigo, com

¹⁶ Segundo a etimologia da palavra, criatividade está relacionada com o termo criar, do latim *creare*, que significa “dar existência, sair do estabelecido pelo universo do indivíduo, visando determinados fins” (PEREIRA *et al.*, 1999: 4). Criatividade – s.f. Faculdade ou atributo de quem ou do que é criativo; capacidade de criar coisas novas; espírito inventivo: criatividade artística. © 2008 Dicionário Do Aurélio Online

o outro e com o Mundo (físico, vital e psíquico) – torna-se evidente sua oposição ao entendimento do homem na perspectiva puramente substancialista, numa relação causal de corpo e alma – pensamento que sugere a aceitação de reflexões à ótica da relação dialética entre corpo e alma –, e emerge um ser humano entendido em sua completude existencial – corpo-sujeito, dotado de uma consciência ímpar no que tange sua unidade subjetiva.

Já o pensamento de Michael Foucault definitivamente evidenciou as normatizações impostas ao corpo pelas formas de poder e pelos valores da cultura moderna, procurando assim encontrar nos mecanismos de poder os interesses e as táticas que perpassam esse jogo social, visto observar na sociedade moderna mudanças que sistematizaram novos instrumentos de controle, vias de canalização do poder, com o intuito de superar as formas nas quais a força se impõe como norma.

Foucault se propõe a mostrar um poder menos opressivo, todavia, mais instigante – o indivíduo aceita com naturalidade ser subjogado –, onde a intervenção do poder público na vida privada transforma os agentes particulares em públicos, incitando-os a revelar suas questões mais íntimas. Dessa forma o poder se constitui numa realidade produtiva, eficaz na qual a intenção não é mais reprimir os indivíduos, mas sim adestrá-los.

Na modernidade o poder penetra o corpo dos indivíduos de diferentes maneiras, criando uma espécie de camuflagem, de modo causar a impressão ilusória de que ao desenvolverem suas ações cotidianas estes corpos têm liberdade e autonomia. Esta estrutura social exige dos indivíduos hábitos e costumes – apreensão da cultura – segundo uma ideologia que está a serviço da classe dominante, visando nesse movimento à manutenção do status quo.

Portanto:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do

corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por um lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 1987:119)

Essa maquinaria do poder centrada no corpo do Ser humano trabalha no sentido da coercitividade social através da manipulação calculada dos gestos e comportamentos, tendo como objetivo primeiro seu adestramento, tornando-o submisso – essa perspectiva implica na necessidade de se primar pela consecução de conceber via movimento o emergir de um corpo liberto da prisão da razão, que subjuga, pune e controla. É necessário atentarmos para Foucault (1979:237), quando diz que, “as relações de poder estão talvez entre as coisas mais escondidas no corpo social”. Portanto, não se está negando a história cultural, social, biológica dos sujeitos, mas afirmando-se que é preciso saber que há, no tecido social onde esse corpo se expressa e se situa, padrões pré-estabelecidos, estereótipos, bem como um modelo de corpo imposto pelo organismo social à luz de uma fragmentação do corpo em partes diversas, corpo que traz em si as mazelas do esquarteramento próprio desse pensar cartesiano. Para Foucault (187:126) “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. Esta concepção reduz o ser humano, a alguém que imita, copia movimentos estereotipados, onde as relações de poder controlam, incitam os corpos a reproduzirem em seus movimentos/gestos as representações da estrutura social em que esses indivíduos se encontram inseridos. Ações que nem sempre estão em acordo com a possibilidade de criatividade/espontaneidade, inerente a todo sujeito, como ser autônomo.

A consciência humana como reflexão depara-se, previamente, com o mundo presente, que está aí, e o ser humano que nele habita está sujeito às mazelas que lhe são alocadas, principalmente devido ao poder de coercitividade da sociedade -- que manipula os gestos, os

comportamentos, transformando estes corpos humanos, em corpos submissos, acomodados, úteis – “corpos dóceis”, disciplinados, adestrados, prontos para atender às imposições ou solicitações do poder existente na sociedade, que é determinante na regulação dos comportamentos, mas que na sociedade moderna ocorre de maneira subliminar, sutil.

Há um poder que, pensado na perspectiva dos aparelhos institucionais, implica a congruência das relações de saberes e subjetividade. Poder como conjugação de fatores – caráter múltiplo e dispersivo –, dispersão entendida em Foucault como localização, instituições. Nesse sentido romper com esse modelo é urgente, todavia, sabe-se que essa é uma tarefa difícil, pois apresentar uma proposta de resistência já implica de certa forma um comprometimento com uma nova forma de poder -- poder que está em todo lugar e em todas as coisas. Destarte, todas as manifestações corporais se constituem em resultante das constantes e minuciosas ações do poder sobre o corpo.

3.4.1 - O regime disciplinar

Foucault traz a lume a questão do regime disciplinar a que o ser humano é submetido na sociedade, a partir do estudo das diferentes formas de controle social, as quais utilizam diversos mecanismos no sentido de esclarecer questões como *coerção*, *suplício*, de modo a identificar a maneira como a sociedade moderna, disciplinadora e normativa, assume o controle dos corpos, impingindo a estes formas de regulamentos que atendem aos interesses da ordem capitalista.

O corpo, universo do qual emergem inúmeros pensares acerca de sua relação existencial com o mundo e as coisas que o perpassam, se constitui em um solo fértil, para o qual são dirigidos diferentes olhares – e, que, portanto, recebe potencialmente toda gama de influxos produzidos pela sociedade que o cerca no sentido de disciplinar comportamento, gestos, enfim toda movimentação dos sujeitos em direção a satisfação de seus anseios e

consecução de seus objetivos. Dessa forma, há na sociedade moderna formas de poder disciplinar que se utilizam de diferentes técnicas/mecanismos, que se tornam eficazes no controle dos sujeitos. A isto Foucault se reporta ao salientar alguns aspectos relevantes à multiplicidade humana:

...tornar o exercício do poder o menos custoso possível (economicamente, pela parca despesa que acarreta; politicamente, por sua discrição, sua fraca exteriorização, sua relativa invisibilidade, o pouco de resistência que suscita); fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão longe o quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento 'econômico' do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (sejam os aparelhos pedagógicos, militares, industriais, médicos), em suma, fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema (FOUCAULT, 1987:191)

Nesse sentido o corpo aparece como objeto de investimentos, no qual se pode ver localizadas limitações, imposições e obrigações. Surge, portanto, como objeto e alvo do poder, ou seja, um corpo que, através dos mecanismos coercitivos disciplinares da sociedade, é controlado de forma minuciosa em suas operações corporais, tornando-os indivíduos muito mais dóceis que úteis.

Nesse sentido:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política (FOUCAULT, 1979:80)

No momento hodierno o poder assume diferentes formas coerção, de modo a camuflar suas ações dominadoras na condução dos comportamentos dos corpos, ou seja: cria várias formas de impingir mecanismos, que subjagam as vontades particulares dos sujeitos, fazendo-os assumirem na maioria das vezes passivamente atitudes, ações irrefletidas, paulatinamente incorporadas ao cotidiano dos sujeitos de forma velada, acabando por impregná-los,

adicionando aos seus comportamentos uma ideologia, que fica adormecida para ser expressa quando esse corpo for chamado a se manifestar.

Como por exemplo, numa partida de futebol em que o atleta é chamado a pelo treinador a cumprir uma determinada ação tática, na realização de uma jogada que foi exaustivamente ensaiada, visando à feitura de um gol. Pois, para cumprir essa exigência o atleta anula sua vontade espontânea e traz à execução o acervo de ações motoras estereotipadas, conseguidas a custo de muito treinamento. Isto significa dizer que os indivíduos são chamados a cumprir e exibir gestos e ações que se esperam deles, disciplinarmente, de acordo os modelos exigidos pela sociedade em que se encontram inseridos. Assim no corpo “aparece, através das disciplinas, o poder da norma (na sociedade moderna). O normal se estabelece como princípio de coerção... (e sinal) de filiação a um corpo social homogêneo... o poder de regulamentação obriga à homogeneidade” (FOUCAULT, 1987:164).

Nessa perspectiva vemos os corpos executarem gestos, ações motoras como se fossem réplicas de outros corpos, há o dirigir-se desses corpos em direção a uma homogeneidade, traduzida em movimentos estereotipados. Reprodução tal qual a imagens refletidas em vários espelhos simultaneamente a partir dos movimentos realizados por um corpo posicionado diante deles. Assim o poder se materializa torna-se efetivo por meio de variadas formas disciplinares. E, passa a compor as partes do próprio Ser de cada indivíduo, há dessa maneira uma ação do poder sobre os corpos, que implica a aceitação destes aos diferentes mecanismos de regulação que, portanto, ditam as normas as quais devem seguir.

Esse disciplinamento exigido pela sociedade moderna se constitui numa relação de poder que implica formas de dominação, exploração e sujeição dos indivíduos, uma vez ser indutora de comportamentos, em que a dialética indivíduo/sociedade se dá sob a tutela de um pensar sutil e dissimulado, um agir revestido técnicas corporais desenvolvidas no sentido de

instaurar uma nova identidade integral e homogênea – corpo que se torna alvo de poder e espaço para elaboração de novas formas de saber, obediente às normas e regulamentos da sociedade.

Destarte, no presente capítulo tratou-se sobre as questões do ser-aí, ser que pensa, age, se movimenta sempre de forma intencional na busca conhecer-se, portanto, de conhecer o mundo no qual se encontra entranhado. Falou-se sobre a Fenomenologia, que se abre como janela através da qual o corpo se percebe como potencialidade relacional e rompe com a dicotomia corpo-objeto fruto do pensamento cartesiano impregnado na sociedade moderna -- aqui superado quando do encontro com o corpo-sujeito, corpo percebido, canal aberto à sua comunicação consigo, com o outro e com mundo, numa via de acesso ao conhecimento, que é sempre provisório. Nessa trajetória viu-se como o corpo – a corporeidade – se oferece ao processo de criação e, ainda, também como o disciplinamento deste corpo, visto em Foucault, é levado de forma dissimulada a atender à coercitividade da sociedade moderna, na qual o poder se estabelece impingindo ao corpo um saber que se consolida numa nova forma de dominação.

Sob a visão das implicações existentes na busca de tentar entender e conseqüentemente ofertar ao ser que se movimenta intencionalmente – sujeito cognoscente – um acervo de possibilidades onde possa desenvolver suas potencialidades, o próximo capítulo discute as questões relacionadas ao desenvolvimento motor e a aprendizagem.

Capítulo IV

A APRENDIZAGEM NO FUTEBOL

“O sujeito da educação é o corpo, porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. É ele que dá as ordens. A inteligência é um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver”

(Rubem Alves)

Pensar o futebol como link entre a sociedade e esta modalidade esportiva nos faz retomar a Daólio (2005), quando diz que “O futebol serviria como uma espécie de linguagem vital por meio da qual, questões profundas da sociedade estariam expressas, como o orgulho, o luto e a euforia”. Esse poder simbólico do futebol permite deflagrar sentimentos, que interferem decisivamente na forma de ser e agir dos indivíduos – linguagem que possibilita a milhares de pessoas de variadas estirpes sociais em diferentes contextos sociais estabelecerem relações, ora discutindo questões específicas relacionadas ao time de sua preferência, ora questões de natureza diversas, nas quais se vê o emprego de termos comum no universo do futebol propriamente dito, como por exemplo, quando num concurso público o candidato quase consegue a vaga e diz que “bateu na trave” sua chance de ingresso no concurso ou quando alguém erra no trato com o outro é comum dizer-se que este “pisou na bola”, isso nos faz perceber como essa linguagem nos remete a diferentes pensares do quão entranhado está em nossa cultura o fenômeno futebol.

Linguagem que se ensina a si própria, e, neste caso, poder-se-ia dizer que o futebol mesclado no tecido da cultura brasileira, também se ensina, unicamente, por si próprio. A criança vê os amigos durante os jogos, ganha uma bola, dá seus chutes, e, quando vê, está jogando uma pelada – paixão nacional, pátria em chuteiras, na qual a criança é envolvida desde o seu nascimento, parece se constituir numa espécie de determinismo, que lhe impõe

seguir o caminho do futebol ora na qualidade de torcedor ou jogador de final de semana, ora como jogador profissional de futebol. Nesse âmbito, penso será possível implementar um processo em que seja possível estabelecer uma relação entre a aprendizagem do futebol, as fases de desenvolvimento da criança, ludicidade e uma performance, que o faça transpor as barreiras da representatividade, que inibe sua capacidade criativa.

4.1 – O desenvolvimento motor (da criança).

Como se sabe, em cada idade o movimento apresenta características particulares e significativas, nesse momento a aquisição ou o surgimento de determinadas condutas motoras¹⁷ tem repercussões importantes no desenvolvimento da criança e do adolescente, principalmente ao se levar em consideração, que o mesmo cérebro que planeja o movimento também é aquele que controla os comportamentos sociais e os valores pessoais, a intenção do movimento, o seu significado, ou a motivação que certamente farão diferença na construção dos gestos motores.

Nessa perspectiva, o ser humano, que nasce incompleto, envereda-se numa trajetória rumo à sua completude – encontra-se em permanente desenvolvimento –, que se dá como resultado de uma multiplicidade de fatores que interagem entre si. Dessa forma as mudanças qualitativas adquiridas, bem como o aperfeiçoamento das capacidades e funções, possibilitam aos mesmos realizarem ações motoras, progressivamente mais complexas, como também apresentar maior habilidade na resolução das dificuldades com as quais o indivíduo se depara

¹⁷ Conduta motora como comportamento motor enquanto portador de significação, de intencionalidade, de consciência clara e expressa e onde há vida, vivência e convivência. A conduta motora realiza-se através de uma concreta dialéctica entre o interpessoal e o intrapessoal e manifesta um dinamismo integrador e totalizante. SÉRGIO, Manuel. Para uma Epistemologia da Motricidade Humana – Prolegómenos a uma nova ciência do homem. Lisboa: Compendium. s/d.

cotidianamente. O desenvolvimento motor é um fenômeno que permeia a vida de todas as pessoas; ele possibilita a realização de atos motores essenciais à vida diária não só por sua excepcionalidade, mas também por sua ubiquidade (CONNOLLY, 2000).

Portanto, seja através de estudos que pensam o desenvolvimento motor como processo, seja como um produto, os padrões motores ou habilidades motoras são adquiridos de maneira complexa, segundo a conjugação das questões da hereditariedade, do ambiente, ajustados às solicitações específicas das tarefas motoras. Nesse sentido, tratar-se-á nesse momento de alguns fatores que interferem no processo do desenvolvimento motor, quais sejam, os inerentes aos indivíduos, ao ambiente ou à tarefa que deve ser realizada. Todavia, não é pretensão adentrar de forma amíuade em cada um desses fatores, mas ater-se àqueles que se julga pertinente nesse estudo. Nessa direção Gallahue e Ozmun (2003), citam que os *fatores internos dos indivíduos*, ou seja, a herança genética peculiar que é responsável pela individualidade também poder ser pela similaridade – essa entendida como possibilidade do desenvolvimento humano ocorrer de maneira ordenada e previsível – disso decorre que vários fatores biológicos afetam o desenvolvimento motor a partir desse padrão previsível; *fatores ambientais*: nesse âmbito diversas pesquisas se reportam à relação de dependência que os seres humanos têm dos seus protetores desde seu nascimento – extenso período de dependência, inspirando de seus tutores cuidados que influenciam seu desenvolvimento posterior, devido principalmente proporcionar estímulos ou privação ambiental; *fatores da tarefa física*, o desenvolvimento motor é um processo dinâmico, que é afetado além dos fatores biológicos, bem como pelos influxos do entorno e leis físicas, que se influenciam mutuamente, interferindo significativamente na forma como o indivíduo se desenvolve, nesse caso em específico o desenvolvimento motor desde o nascimento até a idade adulta.

De acordo com o objetivo que se pretende atingir neste capítulo, dentre os fatores intrínsecos ao indivíduo destaca-se a *aptidão*, que segundo Gallahue e Ozmun (2003:64),

“pode ser definida como as condições intrínsecas à tarefa, a certo indivíduo e ao ambiente que tornam o domínio de uma tarefa particular apropriado... estende-se além da maturação biológica e inclui a consideração de fatores que podem ser modificados ou manipulados para promover o aprendizado”. Ainda, em respeito aos fatores individuais, ressalta-se a importância de atentar para os períodos *críticos* ou *suscetíveis* em que os indivíduos estão abertos de forma ampla ao desenvolvimento de suas possibilidades motoras.

Gallahue e Ozmun a esse respeito se manifestam dizendo:

O que se deve notar é que períodos críticos ou suscetíveis não deveriam ser definidos estreitamente. Caso não se considere as diferenças individuais e as circunstâncias ambientais especiais, pode-se concluir que um período suscetível é um ponto universal. Ao invés disso, deveria ser adotada a noção de períodos suscetíveis a orientações amplas e gerais, passíveis de modificação. GALLAHUE e OZMUN (2003:66)

Mesmo porque ao se tratar do fenômeno aprendizagem, sabe-se que este é um processo que ocorre durante toda trajetória de vida dos indivíduos.

Dentre os fatores do ambiente evidencia-se a questão dos estímulos e privações como agentes potencialmente capazes de influenciar o desenvolvimento que são discutidos em Gallahue e Ozmun (2003), sob três pontos principais, quais sejam, os relacionados às idades aproximadas nas quais várias habilidades podem ser aprendidas mais efetivamente; os relacionados aos efeitos do treinamento especial sobre o aprendizado de habilidades motoras; os relacionados ao efeito das oportunidades limitadas ou restritas para a prática na aquisição das habilidades motoras. Exemplificando, um indivíduo recebe influências negativas em seu desenvolvimento quando é protegido de forma exagerada ou quando não recebe a estimulação necessária. Ao contrário quando estimulado adequadamente, através da exploração do meio ambiente, apresenta um amplo repertório motor e um maior domínio dos seus movimentos. Isso mostra ser inviável apontar uma hipótese única, quer seja em direção à maturação, ao

aprendizado ou às bases para o desenvolvimento motor. Carmichael (apud Gallahue e Ozmun 2003:73), “reconheceu que a hereditariedade e o ambiente não são incompatíveis nem podem ser separados, porque, em toda maturação existe o aprendizado e em todo aprendizado existe maturação hereditária”.

Portanto, para tarefa de aquisição das habilidades motoras tanto a maturidade quanto o aprendizado se constituem em componentes importantes, pois mesmo que a experiência pareça não apresentar um ganho significativo em relação à seqüência com que as habilidades motoras surgem nos indivíduos, ela realmente se faz presente no momento do surgimento de determinados movimentos e, ainda, se apresenta na extensão do seu desenvolvimento.

Para Gallahue e Ozmun:

Uma das maiores necessidades das crianças é praticar habilidades em certa época, quando estão aptas...a beneficiar-se do máximo dessas habilidades. A prática especial antes da aptidão maturacional é de benefício duvidoso. A chave é ser capaz de julgar acuradamente a época na qual cada indivíduo está “maduro” para o aprendizado e, então, fornecer uma série de experiências motoras experimentais e efetivas. GALLAHUE e OZMUN (2003:73)

Neste momento os desafios que se colocam diante nós implicam no atendimento às necessidades do desenvolvimento motor de crianças e adolescentes, e também em se considerar a variabilidade em nível de habilidades motoras, inerentes aos indivíduos nessa faixa etária. Assim é importante oportunizar-lhes espaços, de modo, que estes obtenham experiências e atividades desafiadoras que estimulem seu potencial. Assim, Haywood e Getchell (2004) reportam “que o desenvolvimento do indivíduo depende da implementação de contextos apropriados, entre eles os contextos de ensino, a motivação, o desenvolvimento neurológico, as condições sociais e culturais e as experiências passadas”. Por isso, é primordial que, tanto no ambiente familiar, escolar e/ou social, exista a preocupação em estruturar possibilidades para que a criança seja estimulada amplamente a dominar seus

movimentos. Portanto, a atenção deve estar voltada para que a criança tenha acesso a um desenvolvimento motor adequado (NETO et al, 2004).

O desenvolvimento motor, devido ao seu dinamismo ocorre no entrelaçamento dos aspectos biológicos, psicológicos e social, envolvendo conseqüentemente o diálogo entre vários fatores inerentes às várias áreas do comportamento humano, a saber, cognitivo, afetivo e psicomotor, que, portanto influenciam o desenvolvimento. Quanto aos fatores de tarefa física, destacam-se os níveis de aptidão e dentre estes os fatores da tarefa pertinentes à área psicomotora que são denominados fatores “físicos” e “mecânicos”(GALLAHUE e OZMUN 2003). Os fatores físicos e mecânicos interferem significativamente no processo de aquisição, manutenção e declínio das habilidades motoras dos indivíduos ao longo da vida. A aptidão física aliada às exigências mecânicas de uma determinada tarefa influencia decididamente na habilidade de movimentação controlada, hábil e segura. A figura 3.2, adiante evidencia esse conceito. A aptidão física se apresenta como uma pré-disposição de um indivíduo desempenhar suas atividades cotidianas sem desestabilizar seu equilíbrio biopsicossocial. A aptidão física tem sido definida, em termos gerais, como um conjunto de atributos que as pessoas possuem ou atingem, e que se relacionam à habilidade de desempenhar atividade física. (Caspersen, Powell e Christenson, 1995, apud Gallahue e Ozmun, 2003:85). Ao se pensar a aptidão física a serviço do bem-estar dos indivíduos, percebe-se que esta é influenciada pelo estado nutricional, pela estrutura genética e pela freqüente participação em atividades físicas de moderadas a intensas permanentemente. (Gallahue e Ozmun 2003:85).

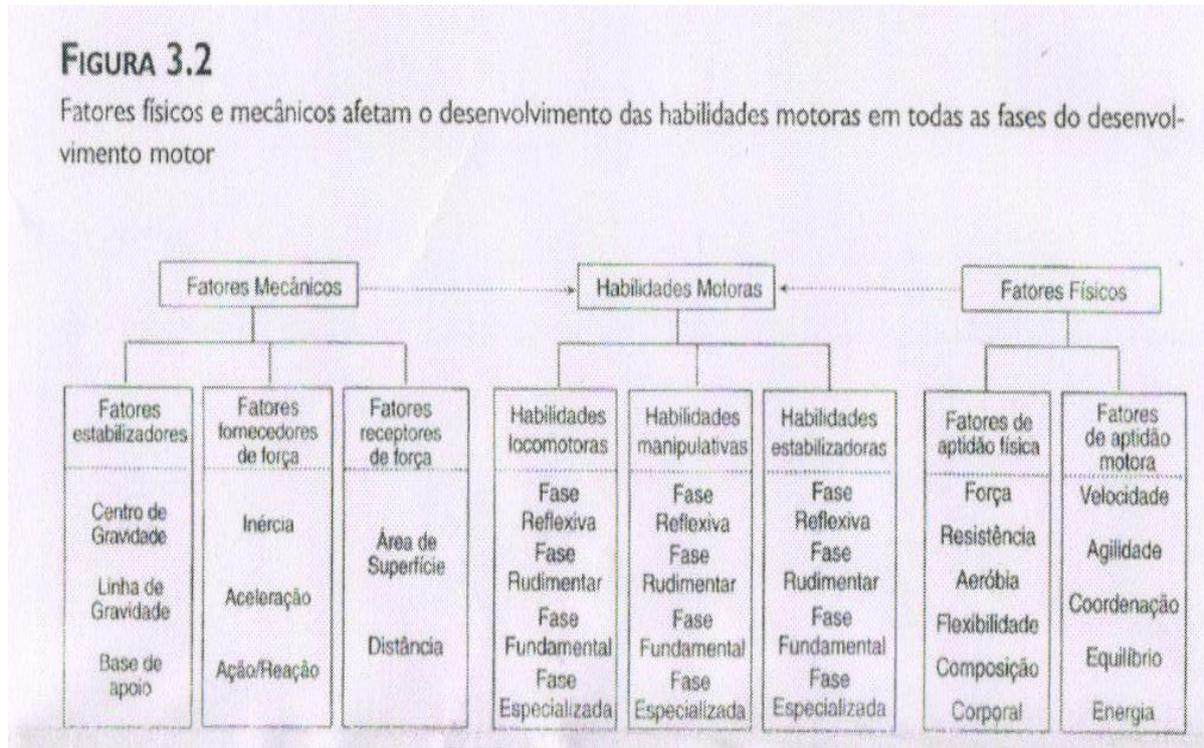
De acordo ainda com Gallahue e Ozmun (2003), a aptidão pode ser subdividida em componentes relacionados à saúde e componentes relacionados ao desempenho. No tocante aos aspectos da aptidão física relacionados à saúde há variação no nível de exigências entre os indivíduos que influenciam no desempenho das tarefas diárias dentro de um patamar

aceitável, sem estresse indevido. A aptidão física relacionada à saúde é a característica orgânico-funcional associada ao nível de produção de energia para o trabalho e o lazer e a um menor risco de doenças ou condições crônico-degenerativas, que depende de características herdadas e da atividade física habitual (NAHAS, 1989). Dentre os componentes da aptidão física relacionada à saúde pode-se citar: a força muscular e a resistência muscular localizada (RML), a flexibilidade, a resistência aeróbia e a composição corporal. Já a aptidão física relacionada ao desempenho, confunde-se com a aptidão motora, a qual Gallahue e Ozmun (2003:87) se referem dizendo: “A “aptidão motora” é geralmente considerada como o nível de desempenho atual do indivíduo, conforme influenciada por fatores como movimento, velocidade, agilidade, equilíbrio, coordenação e força”.

A aptidão motora tem ação decisiva – interfere no desempenho de todas as atividades motoras que o indivíduo realiza, quer exijam reações rápidas, força, agilidade, coordenação de movimentos, dentre outras. O corpo humano possui ampla capacidade de movimentar-se, talvez por isso não se saiba com exatidão qual a real dimensão do potencial motor dos indivíduos. Gallahue e Ozmun (2003:87) dizem que: “Aprender todas as habilidades envolvidas no desempenho de atividades de dança, esporte e jogos de crianças pode parecer tarefa impossível. Uma inspeção mais próxima do espectro total do movimento revelará, entretanto, que leis mecânicas fundamentais afetam todos os movimentos humanos”. Isto vai ao encontro do que diz Paim, (2003) “As práticas de criação infantil têm influência direta no nível de desenvolvimento das habilidades motoras das crianças, uma vez que, quanto maior o número e a variedade de experiências e vivências individuais da criança em seu ambiente natural, melhor será o desenvolvimento nas tarefas cotidianas”.

Na figura abaixo apresentamos o esquema de Gallahue e Ozmun (2003), de modo a possibilitar uma visão geral dos conceitos acima explicitados em relação à interferência dos

fatores físicos e mecânicos no desenvolvimento motor, a partir da aquisição das diversas habilidades, a saber, habilidades locomotoras, habilidades manipulativas e habilidades estabilizadoras.



O estudo do aprimoramento progressivo da capacidade motora, processo complexo base sobre a qual os indivíduos constroem sua autonomia, associada aos aspectos cognitivos e sociais conduz a compreensão sobre as fases do desenvolvimento motor, como das alterações que provoca nos indivíduos durante toda a vida. Segundo Gallahue e Ozmun (2003:3), “Desenvolvimento motor é a contínua alteração no comportamento motor ao longo do ciclo da vida, realizado pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente”. Nesse sentido, a figura abaixo apresenta o esquema de Gallahue e Ozmun (2003), que permitirá a visualização de como estão dispostas as fases do desenvolvimento motor.

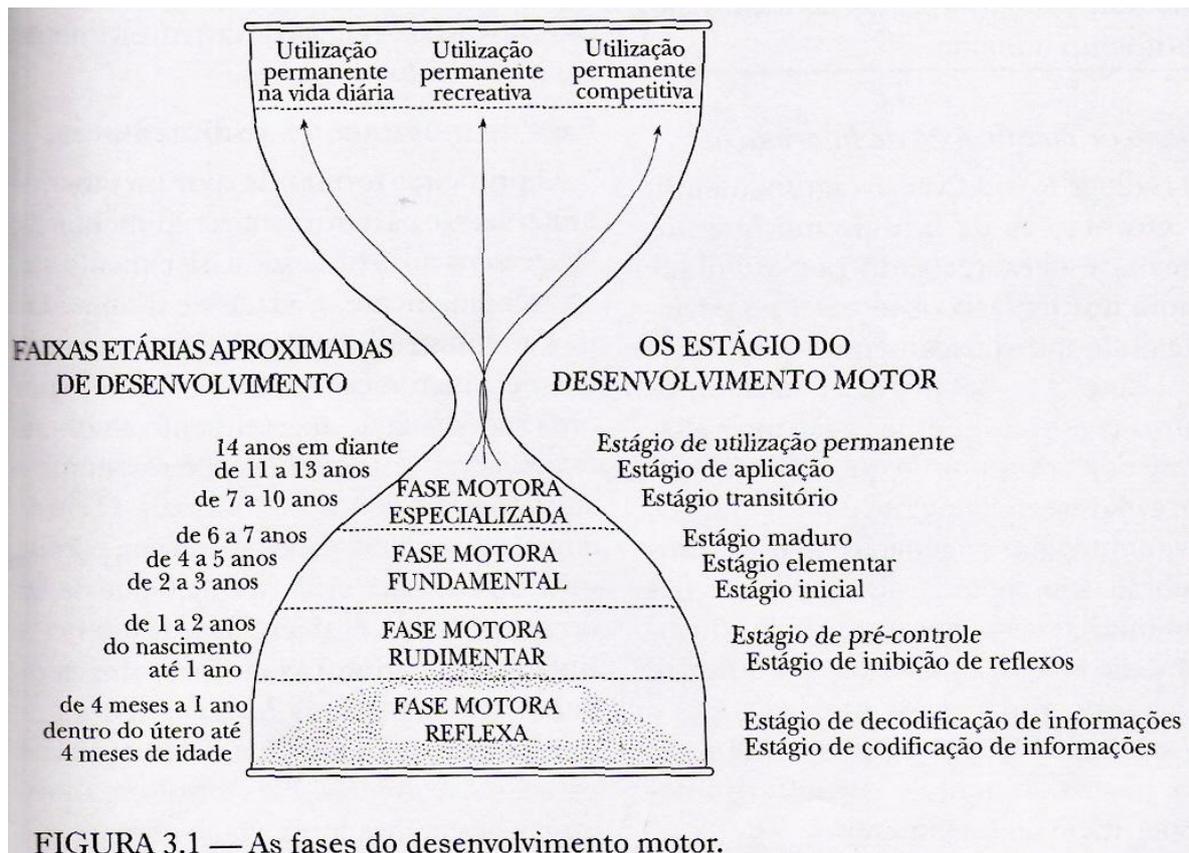


FIGURA 3.1 — As fases do desenvolvimento motor.

A partir desse esquema tratar-se-á, ainda que sucintamente cada fase do desenvolvimento motor, segundo a perspectiva de Gallahue e Ozmun (2003):

Fase motora reflexiva – nesta fase os reflexos são movimentos involuntários, controlados subcorticalmente, se constituindo em base sobre a qual se dará as fases do desenvolvimento motor. No bebê os movimentos reflexos possibilitam a obtenção de informações acerca do entorno – movimentos involuntários – que atrelados ao aperfeiçoamento do córtex tem a função de auxiliar a criança a saber mais sobre o seu corpo e o mundo à sua volta, fazem parte desta o estágio de codificação de informações e o estágio de decodificação de informações.

Fase de movimentos rudimentares – os movimentos voluntários surgem nesta fase, sendo determinados de forma maturacional, apresenta como característica uma sequência previsível, resistente às alterações em condições normais. Todavia, o nível das habilidades

surtem, à luz dos fatores biológicos, ambientais e de tarefa, porém há variações no nível de desempenho destas habilidades entre os indivíduos. As “habilidades motoras rudimentares” do bebê representam as formas básicas de movimento voluntário que são necessárias para a sobrevivência. Elas envolvem movimentos estabilizadores...as tarefas manipulativas...e os movimentos locomotores (GALLAHUE E OZMUN, 2003:102). Portanto, ainda que haja certa invariância na sequência com que determinados movimentos aparecem, existe uma cronologia variável, em que mesmo a despeito da sequência quase universal o comportamento motor se manifesta num determinado tempo e é extremamente dependente de fatores biosociais (qualidade de estimulação, condições ambientais, espaço habitacional, etc.). Esta fase de desenvolvimento pode se apresentar sob dois estágios, são eles: estágio de inibição de reflexos e estágio de pré-controle.

Fase de movimentos fundamentais – é nesta fase do desenvolvimento motor que se dá a exploração e a experimentação das capacidades motoras dos próprios corpos ativamente, pelas crianças pequenas. O organismo adquire novas formas de comportamento em cima de ou a partir de capacidades adquiridas já existentes (PELLEGRINI, 2000). É um período para descobrir como desempenhar uma variedade de movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos, primeiro isoladamente e, então, de modo combinado. As crianças estão desenvolvendo padrões fundamentais de movimento estão aprendendo a reagir com controle motor e competência motora a vários estímulos. (GALLAHUE E OZMUN, 2003:103). Há um equívoco quando se busca conceituar na perspectiva desenvolvimentista, as habilidades como um produto, que é determinado maturacionalmente, atribuindo pouca importância a influência da tarefa e dos fatores ambientais no processo de aquisição das habilidades motoras. A despeito da influência que a maturação exerce sobre o processo do desenvolvimento motor dos indivíduos, não se deve pensar neste fator como único a interferir no desenvolvimento de

padrões de movimento fundamentais. Compõe esta fase os estágios inicial, elementar e maduro.

Fase de movimentos especializados – distingue-se das demais pela aplicabilidade de movimentos específicos em atividades motoras complexas do cotidiano, em atividades recreativas e desportivas. As variações aprendidas são aperfeiçoadas a partir de um conjunto de fatores condicionantes, definidos, em consonância com os processos complexos de prática. Esse é um período em que as habilidades estabilizadoras, locomotoras e manipulativas fundamentais são progressivamente refinadas, combinadas e elaboradas para o uso em situações crescentemente exigentes... o aparecimento e a extensão do desenvolvimento de habilidades na fase de movimentos especializados depende de muitos fatores de tarefa, individuais e ambientais. O tempo de reação e a velocidade do movimento, a coordenação, o tipo de corpo, a altura e o peso, os hábitos, a pressão do grupo social a que se pertence e a estrutura emocional são apenas alguns desses fatores. (GALLAHUE e OZMUN, 2003:105). Essa fase para melhor compreensão é dividida em três estágios: estágio transitório, estágio de aplicação e estágio de utilização permanente.

4.2 – A influência dos jogos digitais (games de futebol) no aprendizado do futebol.

4.2.1 A construção de novos modelos de aprendizagem do futebol.

Novos conhecimentos, instrumentos e procedimentos surgem continuamente como resultado do desenvolvimento sócio-cultural da humanidade. Em decorrência desse processo o desenvolvimento tecnológico se dá numa velocidade sem igual atualmente. A Tecnologia se torna, portanto, uma atividade do domínio humano, sustentada no conhecimento de um processo ou no manuseio de diferentes ferramentas. Apresenta-se como possibilidade para

acrescentar mudanças aos meios através de resultados adicionais à competência natural, proporcionando, desta forma, uma evolução na capacidade das atividades humanas. Fato, que sugere existir mudanças/transformações constantes, quando se busca compreender os diferentes modelos que a sociedade utiliza, de modo, empregar os novos adventos tecnológicos nas diferentes áreas do conhecimento científico.

Sabe-se que o futebol, sendo uma modalidade esportiva cujo principal objetivo é potencializar o rendimento, procura agregar ao seu acervo metodológico, novos movimentos metodológicos que viabilizem re-estruturar os modelos de treinamentos até então utilizados, no afã de atingir o êxito, quer seja na formação de atletas direcionados ao alto rendimento, quer seja na melhora do desempenho da equipe, visto estes mecanismos se constituírem no diferencial entre uma equipe e outra. A utilização dessas tecnologias inovadora/renovável vem ao encontro da busca incessante para superar marcas, índices, recordes, enfim, os limites da potencialidade humana até então estabelecidos/conhecidos.

Hoje, sabe-se que os games exercem uma influencia muito grande sobre os jovens, tendência esta iniciada na década de 90, quando o primeiro jogo da série FIFA chegou ao mercado brasileiro. E, desde então se vê crescer a paixão por esta forma de jogar – em nosso caso específico o futebol – passa a ser praticado até por aqueles, que jamais pensaram em se tornar atletas de futebol. A geração de garotos que hoje estão na faixa etária dos 17/18 anos nasceu praticamente junta com a introdução dos games relacionados ao futebol. Portanto, muitos desses garotos aprenderam a utilizar um joystick¹⁸, antes mesmo de serem capazes de

¹⁸ Joystick (também conhecido como manete no Brasil) é um periférico de computador e videogame pessoal ou um dispositivo geral de controle que consistem em uma vara vertical na qual os pivôs se aproximam de uma extremidade e transmitem seu ângulo em duas ou três dimensões a um computador. O joystick é usado freqüentemente para controlar os jogos de vídeo, e têm geralmente um ou mais botões de pressão cujo estado pode também ser lido pelo computador. O termo joystick transformou-se em um sinônimo para controladores do jogo que podem ser conectados ao computador desde que o computador defina a entrada como uma "porta de jogos". Além de controlar jogos, os manches são usados também para controlar máquinas tais como elevadores, guindastes, caminhões. Os joysticks mais diminutos recentemente foram adotados como dispositivos navegacionais para equipamentos eletrônicos menores tais como telefones móveis. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Joyopis.svg>.

manejar com certa destreza uma bola de futebol. Destarte, a jogabilidade realística, quais sejam, chutes, passes, dribles muito próximos aos executados pelos atletas no campo de jogo se tornaram o grande elo de aproximação entre o futebol virtual e o jogo real. Esse cenário virtual parece criar no imaginário desses garotos, uma espécie de representação do real que propícia aos mesmos experimentarem neste momento a sensação de se sentirem verdadeiros jogadores de futebol.

Portanto, pergunta-se se a prática do futebol se manifesta através do jogo, em suas diferentes manifestações lúdicas, e se estas incitam a aprendizagem não só em relação ao futebol propriamente dito, porém de forma mais abrangente, a partir da variada gama de possibilidades que cria para cada situação que se lhe apresenta a cada momento. Será que os games relacionados ao futebol, poderiam contribuir para que esses alunos/atletas pudessem realizar através das vivências que estes jogos proporcionam, no sentido da realização /elaboração de jogadas criativas, desprovidas de uma organização tática rígida, mas improvisadas? Será que estas experiências não lhes proporcionariam melhorar ou potencializar suas ações táticas, uma vez já terem conhecimento prévio das necessidades urgentes na elaboração/construção de esquemas táticos? Ou, ainda, uma melhor performance no sentido de suprir às demandas em termos de concentração, atenção, rapidez de raciocínio, visão periférica, ou seja, aspectos cognitivos, que são imprescindíveis na constituição/realização de suas ações motoras no jogo real? Focado nessas conjecturas, sentiu-se necessidade de buscar nas características dos games relacionados ao futebol, analisando especificamente o FIFA 2008, subsídios que viabilizassem um melhor entendimento sobre a dinâmica desses jogos e, ainda, porque despertam tanto interesse principalmente na população com a faixa etária pertinentes às categorias de base.

4.2.2 – Descrição do FIFA 2008 PC

O FIFA 08 permite que jogadores de futebol casuais e fanáticos joguem como profissionais de verdade em modos de jogo competitivos e sociais, utilizando novos controles e aproveitando uma apresentação ainda mais autêntica. Chegue mais perto do que nunca da ação.

- Aspectos Físicos:

Ficha Técnica

Fabricante e Distribuidor: Eletronic Arts

Suporte: 1–8 jogadores, multiplayer online

Configuração Mínima: Processador de 1.3 GHz ou superior; 256 MB de RAM (512 MB para Windows Vista); 4GB de HD; DVD-ROM 8x; placa de vídeo de 64 MB; Windows 2000, XP ou Vista.

Requisitos solicitados pelo sistema FIFA 2008:

- S.O.- Windows 2000/XP/Vista
- Processador - 1.3 GHz ou superior (o Windows Vista requer processador de 1.5 GHz)
- Memória - 256 MB de RAM (Windows Vista requer 512 MB de RAM)
- Disco Rígido - 3,92 GB
- Unidade de DVD - 8x
- Placa de Vídeo – com 64 MB de memória**
- Placa de Som – Compatível com DirectX 9.0c
- DirectX - Versão 9.0c (incluído no disco)
- LAN (Rede Local) - Compatível com TCP/IP - 2 e 8 jogadores
- Multiplayer On-line - 512 Kbps ou superior - 2 jogadores
- Multiplayer em um computador - 2 a 8 jogadores
- Controles - Teclado, Mouse ou Gamepad Dual Analogue

Verifica-se no mercado uma briga pela preferência dos jogadores de games relacionados ao futebol, que não é recente, esse fato ocasiona muita polêmica e conseqüentemente uma corrida pelo amadurecimento dos games do gênero. De um lado, os entusiastas por gráficos de ponta e times oficiais defendem estes referenciais com todas as forças, no sentido de melhor desempenho destes recursos, enquanto os amantes mais críticos do esporte argumentam a necessidade de melhor jogabilidade como fator diferencial na qualidade desses jogos. De fato, a partir destas observações dos usuários, nas últimas versões, os fabricantes têm se preocupado em promover correções e avanços tecnológicos, de modo,

proporcionar e solidificar uma dinâmica mais semelhante às partidas reais. É, portanto, perceptível a evolução do "FIFA 08" em alguns aspectos dentro de campo, aproximando-se mais do status de simulador de futebol.

4.2.3 – Características Funcionais

Controles Manuais

Os novos controles manuais para bolas enfiadas e cruzamentos possibilitam adequar o ritmo do jogo à capacidade motora do usuário. Controlar o goleiro quando o atacante estiver a sua frente, de modo evitar o gol. E, ainda, escolher um jogador específico que deseja controlar usando a troca de jogadores com a alavanca analógica direita.

IA Melhorada

A nova IA de defesa e posicionamento significa que os jogadores sempre estarão no lugar certo e na hora certa para receber os passes e efetuarem as finalizações. As novas características de jogadores e times diferenciam os craques e os clubes.

Seja um Profissional

Este mecanismo possibilita que se assuma o papel de um único jogador. Domine o posicionamento e encontre os espaços para penetrar na defesa adversária. A realização de diferentes tarefas individuais e para o time desafiam você durante toda a temporada cooperativa. Coopere ou entre em competição com seus amigos, acompanhando seu desempenho através das estatísticas.

Esquemas Personalizados

Favorecem a utilização de uma estratégia própria, exclusiva para criar esquemas e táticas perfeitos. Atribuir funções e mover os jogadores para a posição exata com relação aos

companheiros para minar o adversário. Definir corridas ofensivas e defensivas para os membros do seu time. Cada clube tem um esquema único.

Modo Dirigente

A inclusão de novos recursos, incluindo amistosos de pré-temporada para testar o seu time antes de iniciar a campanha, de novas opções de treinamento para aprimorar o seu elenco e expectativas dinâmicas da diretoria que mudam de acordo com os sucessos ou fracassos.

Replays

Permitem capturar, gravar e compartilhar os melhores momentos com seus amigos e familiares. Para tanto você seleciona as principais jogadas e os gols ou capture todos os 90 minutos de ação para reviver suas partidas.

Autenticidade Completa

Você tem à sua disposição uma gama de opção para montar sua equipe. São 30 ligas, 40 estádios reais e milhares de jogadores que podem ser recriados com precisão.

Jogabilidade

O jogo está mais solto, com jogadas de linha de fundo, tabelas, viradas de jogo, contra-ataques. Entretanto, a principal novidade ficou por conta da interatividade do Wii, é claro! O nunchuck¹⁹ faz o papel de movimentar o jogador e mais algumas funções como correr,

¹⁹ Nunchuk Desenhado para caber perfeitamente na mão do jogador, o **Nunchuk** é conectado para uma expansão ao Wii Remote e pode ser usado juntamente a ele em alguns certos jogos, como o de boxe, onde as luvas do jogo, são os dois controles ligados um ao outro. O Nunchuk possui a mesma tecnologia de sensor de movimento, mas inclui também um controle analógico (como o do seu antecessor, o Nintendo GameCube), e mais dois botões adicionais para auxiliar na execução do movimento da personagem. Em diversos jogos, os jogadores podem usar o controle analógico do Nunchuk para mover suas personagens e o Wii Remote para executar uma ação específica, como por exemplo, se está fazendo um passe no futebol americano ou mirando uma arma para

direcionar a bola, etc... já a brincadeira mesmo fica com o wiimote²⁰, com ele você passa, lança, chuta, e o mais divertido é que o chute é interativo, ou seja, conforme você mexe com o controle de baixo para cima ou de cima para baixo o chute sai forte ou fraco e a direção fica no direcional nunchuck. No lateral deve ser feito o movimento igual como se estivesse jogando, isso mesmo coloque o controle por de trás da cabeça e arremesse a bola. Gráficos o que ainda precisa melhorar e o cabeceio e o voleio (chute de primeira), uma vez que no começo fica tudo meio confuso, mas você se adapta.

Gráfico

As telas para escolher campeonatos, clubes e seleções estão bonitas, os estádios estão praticamente perfeitos, um show a parte. O ponto negativo é em relação aos jogadores, pois não estão muito parecidos, os rostos, os estilos em campo e também em relação à animação de comemoração. Isso não significa que não estejam bons, mas que podem melhorar ainda mais.

dar o tiro. Junto com o controle analógico, o Nunchuk também contém dois botões posicionados para um fácil acesso na mão do jogador. Uma vez que o Wii Remote e o Nunchuk são relativamente dependentes um do outro, o jogador está livre para segurá-los na mão que lhe for mais conveniente e apropriada. A natureza ambidestra dos controles do Wii garantem a acessibilidade que raramente é vista em controles de outros modelos. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nunchuk#Nunchuk>

²⁰ O **Wii Remote**, apelidado também de **Wiimote**, é o controle principal do Console(console pt-PT) da Nintendo, o Wii. Outrora chamado apenas como "freehand", o Wii Remote é o coração do Wii; reside nele, todo o discurso da Nintendo sobre a revolução no modo de se jogar. Ele é um controle (semelhante ao de uma TV) que capta os movimentos que o jogador faz ao movê-lo, através de três acelerômetros embutidos e de uma câmera infra-vermelho, funcionando como uma espécie de *mouse aéreo*. Além disso, ele terá com sistema de vibração e um pequeno alto-falante que emitirá sons mais simples e próximos, como o bater da espada, o som de um tiro ou até raquetes de tênis e uma bateria de 6 V. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nunchuk#Nunchuk>



Som

Neste quesito, a EA trabalhou com esmero, utilizando músicas atuais e atrativas. Só ficou devendo maior barulho da torcida. Por exemplo, quando seu time marca um gol ou quando avança, ela se empolga pouco. A narração em inglês está razoável, apesar de o narrador citar o nome dos jogadores quando recebem a bola, também falta emoção no gol e nos lances perigosos.

4.2.4 – Análise e discussão

Um dos motivos que incita experimentar "FIFA 08" é o modo Seja um Pro, no qual o jogador assume o papel de um atleta específico dentro de campo. Trata-se de um recurso, que permite utilizar dez jogadores contra dez em partidas online. Vale escolher qualquer função - criando um atleta a partir do zero ou escolhendo um entre os já existentes na equipe. No PC, até quatro jogadores podem participar da temporada cooperativa – a dificuldade é organizar todo mundo entre teclado e joysticks. Há objetivos específicos a cumprir, desde chutar a gol

um determinado número de vezes até anotar o gol da vitória. Além disso, o atleta sobe de nível e ganha pontos que podem ser distribuídos entre uma série de atributos.

No início, verifica-se certa confusão no meio do campo e, principalmente, em relação às regras, como por exemplo a do impedimento, principalmente se o atleta escolhido for um meia ou atacante. É desnecessário ficar correndo atrás da bola, pois isso apenas vai deixá-lo cansado mais rapidamente, portanto, é coerente buscar um melhor posicionamento dentro de campo e orientar sua equipe.

Quando se está sem a posse da bola, é possível pedi-la ao companheiro e, mesmo que este a chute em direção ao gol, ou seja, finalize ao gol adversário. Ainda é possível pressionar a equipe adversária, ou seja, os adversários utilizando-se de uma forte marcação (pressão).

A forma de jogar é legal, divertida e, efetivamente acrescenta novidades ao "FIFA 2008", todavia, como em toda criação a execução poderia ser melhor. O principal adversário é a própria inteligência artificial: que em alguns momentos faz os companheiros de equipe controlados pelo CPU realizar jogadas ruins, sem que você possa interferir de maneira mais efetiva. Tornando muitas vezes, a partida feia, literalmente. Isto é semelhante a muitos jogos pertinentes ao futebol brasileiro.

Treino, amistosos, torneios personalizados, desafios específicos e partidas online figuram entre as demais opções de jogo. Em moldes parecidos ao do Seja um Pro, existe ainda a opção de jogar por zona, ou seja, controlando atletas de setores específicos do campo: defesa, meio de campo e ataque.

Dentro do campo de jogo, o "FIFA 08" apresenta um sistema de passes e, principalmente, de cruzamentos, mais elaborados, permitindo ao jogador colocar a bola exatamente na direção ou local certo, o que quebra o efeito da "bola magnética" que passa de pé em pé como se neles houvesse um ímã. No que concerne a parte tática, agora é possível criar esquemas personalizados, definindo a exata posição de cada atleta em campo e até

mesmo o que vão fazer sem a posse da bola, caso se esteja avançando em direção ao ataque ou à defesa. É, sem dúvida, um progresso para uma série que sempre foi considerada "arcade"²¹. As jogadas e possibilidades, inclusive de dribles, ganharam em abrangência e complexidade. É recomendável utilizar um joystick, de modo, poder coordenar melhor as diversas funções, pois somente através das teclas fica bem complicado.



A versão nacional chega totalmente em português. A transmissão das partidas é encabeçada por Nivaldo Prieto e Paulo Vinícius Coelho, narrador e comentarista, respectivamente. As equipes presentes na liga brasileira, todas com escalações atualizadas, são elas: Atlético Mineiro, Atlético Paranaense, Botafogo, Corinthians, Cruzeiro, Figueirense,

²¹ **Arcade** ou fliperama, como é tradicionalmente conhecidos no Brasil, é um videogame profissional usado em estabelecimentos de entretenimento. Este video game é composto por um gabinete (caixa de madeira ou material plástico), tubo de imagem (CRT), monitor (componentes para geração da imagem, como fly-back, resistores, capacitores etc), fonte de alimentação, e sistema de jogo. Este último varia de acordo com o fabricante do jogo, sendo alguns compostos por uma única placa (PCB), ou conjuntos como placa-mãe e cartuchos (ex; SNK Neo-Geo e a Capcom CPS-2 e 3). Há também os Arcades dedicados (com jogos que não podem ou são de difícil substituição. Ex; simuladores de corrida de carros, motos e outros. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arcade>.

Flamengo, Goiás, Grêmio, Juventude, Náutico, Palmeiras, Paraná, Santos, São Paulo, Sport e Vasco da Gama.

A partir do acima exposto, penso ser pertinente iniciar-se essa discussão atentando para a questão de como se dá o processo de formação esportiva da criança e do adolescente nas categorias de base, onde se prima, por sessões de treinamentos especializados, que na maioria das vezes não promovem a otimização do caráter lúdico e prazeroso, mas sim de uma sobrecarga de treinamentos que privam esses alunos/atletas, portanto, crianças e adolescentes em formação de desenvolverem e externalizarem o seu melhor potencial espontâneo/criativo.

Há outro caminho a seguir no desenvolvimento esportivo que não esse percorrido tradicionalmente, que inclui, nos casos extremos, especialização precoce, contusões, limitações da inteligência, excessos de treinamento? Claro que há, e foi seguido por vários excepcionais atletas do futebol, entre eles, Garrincha, Pelé e Maradona, que aprenderam enquanto brincavam, como qualquer criança de vida normal. Fossem nossos técnicos esportivos melhores observadores, encontrariam nesses fenômenos esportivos a orientação mais segura para suas pedagogias. FREIRE (2002).

Dessa forma, penso que os games relacionados ao futebol, têm a particularidade de poder contribuir para desencadear no aluno/atleta aprendizados que transcendem ao universo dos games propriamente dito; ou seja, favorecer aos alunos/atletas entender o pensar dos treinadores, ao elaborarem o esquema tático de suas equipes; e, ainda, entender a pretensão destes treinadores quando exigem dos alunos/atletas o cumprimento de determinadas ações táticas pertinentes à sua parcela específica num esquema – que se constitui na forma como a equipe deve se apresentar diante dos adversários, de modo a conseguir êxito nesses confrontos.

Nesse sentido, quer nos parece que os games relacionados ao futebol despertam mais interesse na garotada que os vídeos antigos de jogadores consagrados. Essa realidade pode ser

constatada em algumas falas como a de Tiago (atleta da categoria juvenil do Corinthians), “como atacante, eu consigo me inspirar nas pedaladas e nos elásticos que dou no jogo”; de Gauthier Martins, (goleiro da categoria juvenil do Corinthians): “dá para aprender alguns movimentos apenas de olhar o jogo. Eu consigo estudar posicionamento, salto e saída de gol”. Ou de Philippe Coutinho, 17 anos (jogador do Vasco da Gama), “eu levo meu PS3 pra concentração e todo mundo vem jogar. Para mim o jogo ajuda a entender um pouco a cabeça do treinador, a pensar na formação do time”. O fato é que isso só virou realidade graças ao alto grau de realismo alcançado pelos jogos – talvez fosse melhor chamá-los de simuladores – de futebol (ROSA, 2010)

Entre os jogadores da equipe de base do Corinthians, os videogames já são usados como objeto complementar dos treinos. “Aprendo uma grande variedade de passes, dribles e lançamentos. Antes eu entendia menos de tática, desse negócio de 4-4-2, de 3-5-2” diz o zagueiro Lucas Alves, referindo-se à formação dos times em campo (4-4-2 significa que o time joga com quatro zagueiros, quatro meio-campistas e dois atacantes). Ao seu lado o meia Fran Papaiordanou resume as palavras do colega: “No campo a gente pensa como atleta. Nos games, aprendemos a pensar como técnico”. O Santos, em 2010 o time mais badalado do futebol nacional, mostra habilidade no Joystick e comemoram os gols como se estivessem jogando videogame “A idéia foi minha, a gente tinha de comemorar de algum jeito”. Diz Neymar, atacante 18 anos. O jogador afirma que os games de futebol são uma mania entre todos os meninos da Vila. Nessa relação entre o gramado virtual e o real, eles acabam até encarando situações inusitadas. “Já enfrentei o Ronaldinho e o Roberto Carlos em campo, jogadores que eu controlava no videogame. E tem o caso do Robinho também, mas o de verdade joga muito mais”. (ROSA, 2010)

Porém, é claro, não se pretende aqui atribuir aos games a responsabilidade de tornar os alunos/atletas em craques – até porque o futebol é um fenômeno complexo, comparável em

muitos sentidos a uma obra de arte devido, talvez ou principalmente, ao seu caráter de imprevisibilidade, tanto em relação à elaboração e execução das jogadas, quanto em relação ao resultado – nem sempre a equipe favorita consegue vencer a partida, fato, que não raramente vemos acontecer no mundo futebolístico.

Percebe-se o futebol como um jogo de julgamentos e decisões, onde estas são tomadas num espaço de tempo infinitamente pequeno, precipuamente por seu caráter de urgência, em que aluno/atleta diante de uma dada situação/problema, julga a melhor jogada a ser realizada e toma a decisão de fazê-la – momento, no qual é possível ver expresso em seus movimentos (dribles, fintas, passes ou finalizações) a potencialidade criativa desses alunos/atletas – essa tarefa implica num movimento de retorno ao repertório anteriormente adquirido através das experiências vivenciadas no cotidiano de treinamentos e jogos (que podem e devem ser desenvolvidos explorando-se ao máximo a característica lúdica que estes possuem).

Todavia, não se está preconizando a expressão de movimentos repetitivos, estereotipados, que roubam a beleza e espontaneidade criativa, a magia, a ‘arte’ enfim. Mas o movimento que surge como um diálogo com o mundo, que demonstre um acervo de aprendizagens onde o movimento se confunde com a própria expressão do ser humano.

Nesse sentido, Merleau-Ponty (2006), diz que o movimento surge como uma resposta. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à uma obra de arte.

4.3 – O processo ensino-aprendizagem e o futebol

Sabe-se que a aprendizagem é inerente a todo indivíduo independente de sua condição social, econômica, e, ainda, do seu acervo cultural. Todavia, é perceptível que cada um aprende, segundo sua individualidade biológica, seu objeto de interesse e a partir do

entendimento da pertinência e do valor dessa aprendizagem em seu contexto sociocultural, ou seja, de sua significância e possibilidade de transcendência dos conhecimentos adquiridos para aplicabilidade em situações posteriores. Destarte, o transitar em um universo rico em oportunidades, no qual o indivíduo tenha acesso a diferentes modelos de aprendizagens, onde o entorno lhe propicie ter contato com diversos recursos metodológicos, torna-se a gênese de um processo ensino aprendizagem diferencial. Onde o indivíduo, poderá configurar diferentes maneiras de significar a captação e absorção de informações, matizá-las e ressignificá-las, segundo sua história de vida e percepção obtida nesse dinâmico processo. Nesse sentido Carmo (2007:79), afirma “o humano não vem dotado de uma conduta preestabelecida, rígida, está aberto a respostas improvisadas e criativas, vai além do real, concebendo uma multiplicidade de possíveis. Seu corpo é visto como expressão e realização de intenção, desejos e projetos”.

Portanto, não há um desenvolvimento pronto estabelecido como prognóstico dentro de cada indivíduo que vai sendo aprimorado ao longo do tempo. Esse desenvolvimento pensado como um processo, deflagrado mediante as relações entre os indivíduos oportuniza o contato dos mesmos com a cultura produzida pela humanidade e se constitui num processo que facilita o acesso a conhecimentos, que conseqüentemente se revertem em aprendizagem. Assim é possível perceber uma relação intrínseca entre desenvolvimento e aprendizagem.

Nesse sentido, para se discutir as questões relacionadas à aprendizagem tendo como objetivo a aprendizagem do futebol, pensa-se ser necessário buscar entender como esse processo é desencadeado nos indivíduos imersos e envolvidos com esse mundo, em que se dá o processo ensino-aprendizagem, no qual o professor tem um papel imprescindível. Precipuamente ao deixar de ser aquele que apenas ensina para tornar-se co-aprendente e promotor da aprendizagem, que, portanto, junto à educação contribuí para a formação de uma nova forma de humanidade, na qual urge a necessidade de uma ligação intrínseca entre seus

membros. Assim, é fato que as atividades dos homens, demandam esforços no sentido da construção e incorporação/acoplamento de significados, que acabem por dar sentido a concretude da vida, de modo, que esses se constituam em maneiras de conceberem-se inseridos nessa realidade social. Parafraseando Merleau-Ponty, entende-se que o corpo não é apenas uma intersecção de órgãos, uma vez se poder falar nos sentidos traduzindo-se mutuamente, para além da necessidade de sua especificação pela consciência.

Em meios às questões da aprendizagem, é imprescindível destacar a afetividade, como viés promotor de significação nesse processo, uma vez ser possível identificar, segundo a fala de Freire (2006:21), que “a afetividade se desenvolve em situações emocionais que, na criança, são nitidamente corporais; as crianças precisam de contato corporal com outras pessoas, precisam ser acariciadas, é preciso que se converse com elas, precisam brincar”.

E, Freire ao dizer que:

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever como professor no exercício de minha autoridade...a prática educativa é: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.(FREIRE, 1996:160-161)

Nesse sentido, independentemente do direcionamento que se queira dar ao ensinar o futebol em específico – seja tendo como objetivo formar atletas profissionais ou homens na acepção da palavra – importa que o trabalho se volte para o pleno desenvolvimento dos indivíduos primando a propagação dos conhecimentos, de maneira que os mesmos percebam e valorizem a aprendizagem abarcada e vejam nesta um aporte, em que esses conhecimentos lhes possibilitem transcender o universo do futebol em si para as outras áreas onde se dê sua atuação.(ver qual melhor local para colocar se na introdução, ou conclusão)

Ao que Freire se reporta dizendo que:

...estamos tratando de um universo em que os atos motores são indispensáveis, não só na relação com o mundo (nesse aspecto, serão sempre indispensáveis), mas também na compreensão dessas relações. Por um lado, temos a atividade simbólica, isto é, as representações mentais (a atividade mais solicitada pela escola); por outro lado, temos o mundo concreto, real, com o qual se relaciona o sujeito. Ligando- os está a atividade corporal. (FREIRE, 2002:81)

Nesse sentido discutir a questão da importância das ações motoras na aprendizagem implica em situar o corpo como espaço de apreensão do mundo. A partir da percepção de que esta se dá via transformação da corporalidade dos sujeitos em relação às diferentes, formas apoderar-se dos conhecimentos – é ter um olhar ampliado sobre a motricidade humana, esta entendida como veículo de abertura aos outros e ao mundo, através da qual se compreenda que nos atos motores não estão presentes apenas movimentos mecânicos, mas a potencialidade biológica e cultural do homem – expressividade onde se encontram intenções, sentimentos e emoções. Portanto, superação do paradigma cartesiano rumo à aprendizagem – Fernández (1991:59), “parte do princípio que a aprendizagem passa pelo corpo. Uma vez que o corpo está presente na aprendizagem, não somente como ato, mas também como prazer; porque o prazer está no corpo, sua ressonância não pode deixar de ser corporal, porque sem signo corporal de prazer, este desaparece”.

Destarte, urge que os profissionais envolvidos em trabalhos nos quais se priorizam as questões de aprendizagem sejam no âmbito do futebol ou de qualquer outra modalidade de ensino. Conduzam o processo ensino-aprendizagem, atribuindo-lhe importância significativa, percebendo este momento como imprescindível na construção de conhecimentos. De modo, que as novas informações, possibilitem o abarcar de novas aprendizagens, sobretudo à ótica da percepção, onde se pressupõe que este processo deve ser concebido, se e somente se, acontecer em via de mão dupla, na qual o professor ao mesmo tempo em que ensina demonstre também estar aprendendo.

Para Begler.

Ensino e aprendizagem constituem passos dialéticos inseparáveis, integrantes de um processo único em permanente movimento. Porém não só pelo fato de que quando existe alguém que aprende tem que haver outro que ensina, como também em virtude do princípio segundo o qual não se pode ensinar corretamente enquanto não se aprende e durante a própria tarefa de ensino. (BEGLER apud WEISS, 1996:176)

Neste contexto, as mais diversas instituições de futebol podem assumir a importante função de tornar-se o canal introdutório da criança, no mundo esportivo, grupo social significativo, que permite à criança e ao adolescente travar relações sociais relevantes, viabilizando mecanismos para que tenham como sanar suas dificuldades, defasagens e, ainda promover a aquisição de novos conhecimentos que tornem reais suas possibilidades no mundo hodierno. Portanto, segundo Freire (2006:29), “é interessante que o professor saiba analisar os fundamentos para conhecer essas habilidades e proceder corretamente no momento de criar situações para ensinar o aluno...sem dúvida, saber que habilidades e capacidades principais integram o gesto desportivo facilita bastante o ato de ensinar”.

Dessa forma é pertinência tanto dessas instituições de futebol quanto dos profissionais, que tem sob sua responsabilidade a tarefa de implantar, planejar e executar o trabalho, que deverá ser desenvolvido nessas instituições, cujos objetivos deverão estar em consonância com a vocação destas, com a finalidade de sua criação, quer seja formativa, comercial ou social como visto anteriormente. De modo, atender aos anseios dos alunos/atletas em suas expectativas de participarem de treinamentos, que minimizem a distância entre estes e o sonho de se tornarem atletas profissionais de futebol.

Freire, diz que:

Ao ensino do futebol. Trata-se, em primeiro lugar, de adaptar as habilidades existentes no sujeito ao contexto desse esporte; de socializar, no universo do futebol, a motricidade de cada um... Na aprendizagem desportiva, as questões sociais é que orientam o exercício das ações de cada um; em seguida, o exercício social das

habilidades motoras exigirá o aperfeiçoamento e a integração, entre si, de diversas habilidades individuais. (FREIRE 2006: 19)

Então o trabalho desenvolvido segundo uma nova concepção, pautado à luz de conhecimentos científicos significativos, que promova o surgimento de alunos/atletas, dotados de capacidade técnica e de um potente poder de criatividade, deve ser perseguido em todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem do futebol. Onde, se deve priorizar o estabelecimento de sessões de treinamentos prazerosas, lúdicas que se constituam em ancoras, na qual seja possível identificar um avatar na maneira de execução dos fundamentos básicos necessários à prática do futebol, de modo, tornar-se um aluno/atleta de qualidade.

Portanto, é imprescindível ao professor atuante no futebol assumir uma postura crítica em relação à qualidade do trabalho que desenvolve, de maneira que a partir (de um planejamento exequível) propicie a seus alunos/atletas, tornarem-se capazes de apresentar uma gama de recursos técnicos, que lhes possibilite solucionar criativamente as diferentes situações problemas, com as quais se deparam inesperadamente, porém que surgem oportunamente nos jogos de futebol. Por isso a aplicabilidade de uma metodologia coerente, eficaz deve constituir-se numa diretriz, que propicie ao professor conduzir de forma diferencial o processo de produção e a propalação de conhecimentos científicos significativos, numa abordagem que permita a intersecção de diferentes modalidades de conhecimentos, de modo a tencionar esse emaranhado que é o processo ensino-aprendizagem, por meio de uma modalidade esportiva central na cultura brasileira, o futebol.

Neste capítulo verificou-se nos estudos de Gallahue e Ozmun, que o desenvolvimento é um processo desencadeado desde a concepção dos indivíduos até a morte, porém como nosso objeto de estudo é a criança e o adolescente em meio às questões do processo de aprendizagem do futebol, de modo transcender este universo. Detivemo-nos em perceber como se dá o desenvolvimento motor da criança e do adolescente nas diferentes faixas etárias.

Preocupou-se em saber se os games relacionados ao futebol contribuem e de que maneira na formação/estruturação dos alunos/atletas das categorias de base e das escolhinhas de futebol, que almejam se tornarem atletas profissionais e finalizou-se discutindo como se dá a questão do processo de ensino aprendizagem aos alunos/atletas, de modo, proporcionar a estes o desenvolvimento salutar à luz de uma aprendizagem significativa que favoreça a otimização de suas potencialidades.

Assim posto, percebemos que no universo do futebol há a necessidade de atentar para as fases do desenvolvimento motor das crianças e adolescentes, pois elas se constituem em referencial a partir do qual se devem planejar os treinamentos, de acordo com as capacidades que estes apresentam em cada faixa etária. Sobretudo através de atividades em consonância com a capacidade cognitiva dos alunos/atletas, entendendo-os como possuidores de grande poder de criatividade, que por isso, necessitam de atividades que tenha significados – e se constituam em situações-problemas cujo grau esteja consoante à sua capacidade. Nesse âmbito os games, pode-se pensar, se oferecem como uma grande oportunidade.

CONCLUSÕES

Ao percorrer a trajetória do futebol nas diversas culturas, em diferentes épocas, nos possibilitou acessar uma vasta gama de conhecimentos acerca de como essas sociedades se manifestavam através deste esporte. Ficou evidenciado, que, devido à sua forte influência no seio da sociedade mundial e, muito particularmente da sociedade brasileira, se constituiu num esporte que move os comportamentos de forma diferencial ocasionando sentimentos por vezes paradoxais, alegria-tristeza, paixão-ódio, enfim. Observou-se a chegada do esporte bretão ao Brasil em 1894, através de Charles Miller ser aceito pela elite paulistana, como possibilidade de diversão e lazer acessível naquele momento à elite, devido aos altos custos dos implementos para sua prática, esse futebol teve durante muito tempo um caráter também racista e, nesse sentido viu-se exposto no primeiro capítulo deste trabalho fatos inusitados. Em relação a essa questão como exemplo o atleta Carlos Alberto do Fluminense embranquecendo o rosto para parecer mais claro e ser aceito pelos torcedores de seu próprio time.

Um ato que vale ressaltar foi a posição do Clube de Regata Vasco da Gama que se sagrou Campeão Carioca de 1923, aliando em suas fileiras jogadores negros, mulatos e brancos pobres, mesmo contra vontade de seus adversários. A essa época também se destaca a atuação das equipes de fábricas que se tiveram mudanças na forma de contratação de funcionários, uma vez que os funcionários precisavam além de trabalhar bem também jogar bem futebol. Percebe-se então o quanto o futebol a partir de sua disseminação em meio à sociedade brasileira desde sua chegada por aqui influencia a estrutura social do país.

Nesse ínterim vê-se o quanto a história da Copa do Mundo, estabelece mudanças no imaginário coletivo brasileiro, após conquistas ou derrotas da seleção brasileira em campeonatos mundiais. Já fomos vira-lata, deixamos de sê-lo, já reassumimos esse estigma enfim. E também a partir das desses certames viu-se a transformação do futebol-arte em

futebol-força (ou moderno) e, nesse bojo a entrada de profissionais de diferentes áreas formando a comissão técnica (equipe multidisciplinar), clubes reestruturarem Departamentos Médicos, de modo esquadrihar o corpo dos atletas e conseqüentemente, dar nova significação aos treinamentos individualizando-os de maneira que os atletas possam apresentar um condicionamento físico, de acordo com a velocidade e força exigidas nessa nova maneira de jogar futebol onde importa o resultado e não o espetáculo.

Ainda sob o advento da evolução do futebol vê-se a introdução da escolhinhas de futebol, instituição, que surge com o objetivo de recuperar os espaço perdido pelos meninos para brincarem de futebol, mas que de certa forma rompe com o modelo de aprendizagem do futebol que nesse momento passamos a discorrer é fácil constatar que em sua gênese a aprendizagem ocorria de forma não institucionalizada, ou seja, sem uma organização pré-estabelecida, dessa maneira era possível ver praticantes dessa modalidade por toda parte: em terrenos baldios, nas ruas, praças, enfim em qualquer lugar onde houvesse a possibilidade de se improvisar uma trave. Estas feitas com os mais diferentes tipos de materiais como chinelos, camisetas, pedras, pedaços de madeiras e, utilizar uma bola que igualmente podia ser também de diversos tipos de materiais desde bolas de meias até as bolas de capotão (couro).

A aprendizagem do futebol ocorrida através desses jogos, não exigia a orientação de um professor, um treinador, etc., para que os praticantes aprendessem as técnicas/habilidades necessárias à participação na prática desses jogos, que surgiam no decorrer dessa prática. Portanto, essa aprendizagem espontânea, informal, desprovida das imposições que um sistema institucionalizado exige, quer nos parecer propiciava o surgimento de jogadores com um alto potencial criativo, pois as improvisações realizadas na solução dos problemas, que lhes acometiam a todo o momento, lhes possibilitavam vivenciar e incorporar um vasto repertório de habilidades perceptivo/motoras.

Portanto, pensamos ser oportuno o aproveitamento deste recurso, como veículo para oportunizar através de sua aprendizagem a ampliação do universo de conexões, de modo, que os alunos/atletas aprendam conhecimentos que os capacitem à prática dessa modalidade, sobretudo, segundo a qualidade necessária para os um aproveitamento significativo em relação às ações solicitadas neste esporte, e, ainda, que estas transcendam o imediatamente exigido, para as diversas áreas de atuação em que o mesmo se encontre inserido, de maneira, que a otimização desses recursos se constitua numa base mais sólida sobre a qual o aluno/atleta tenha também ampliada suas potencialidades, portanto, fortalecendo-se no sentido da busca de seu objetivo como atleta profissional de futebol.

Destarte, pensamos que um modelo de aprendizagem reducionista/mecanicista no qual o aluno/atleta tenha apenas que reproduzir gestos motores repetitivos, estereotipados desprovidos de oportunidade para pensar essas ações, contribui apenas no sentido de torná-lo, um indivíduo copista (reprodutor) desses gestos, fato, que lhe suprime a oportunidade de vivenciar intensamente sua plasticidade e, ainda, de pensá-lo como um momento oportuno para exprimir e alocar nestes, suas potencialidades criativas, o que possibilita ao aluno/atleta torna-se apenas um bom jogador ou um craque de futebol.

Acredito, contudo, que ao futebol brasileiro cabe focar-se nessas questões, de modo a criar alternativas à luz de um processo pedagógico embasado em conhecimentos científicos, que se constitua em um trabalho diferencial coerente com as diferentes faixas etárias, pertinentes ao ciclo das categorias de base, na qual o período sensível para o desenvolvimento das diversas capacidades físicas como, coordenação motora, força, resistência, velocidade, flexibilidade, equilíbrio, agilidade, ritmo e descontração, devem ser o referencial para elaboração do planejamento e execução dos treinamentos, no sentido de oportunizar aos alunos/atletas, através dos treinamentos, momentos de maximização de suas potencialidades.

Todavia, sem tolher a liberdade criativa e nem o caráter lúdico que o futebol proporciona a quem o pratica.

Pelos caminhos percorridos neste trabalho, penso que uma aprendizagem qualitativa/significativa do futebol, implica em percorrer caminhos, ainda pouco explorado qual seja um modelo híbrido onde possa ser visto no trabalho principalmente nas categorias de base, o respeito às fases do desenvolvimento motor da criança e do adolescente, segundo a visão de que esse desenvolvimento ocorre na intersecção simultânea de diferentes elementos; a valorização dos períodos sensíveis para o estabelecimento do trabalho, que potencialize as capacidade física pertinente a cada faixa etária e às fases e níveis do rendimento esportivo da criança. Utilizando diferentes recursos metodológicos e, aqui penso que os games se oferecem, portanto, como um poderoso aliado na tentativa de dar ao aluno/atleta a oportunidade de perceber como suas ações táticas compõem esse mosaico, que configuram as ações táticas executadas por cada um os jogadores de sua equipe, bem como a maneira como sua função deve ser desenvolvida articuladamente às funções dos demais companheiros de equipe.

Todavia, não deixando de enfatizar o dizer de Merleau-Ponty (2006:203), “Diz-se que o corpo compreendeu e o hábito está adquirido quando ele se deixou penetrar por uma significação nova, quando assimilou a si um novo núcleo significativo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ⊙ ARENDT, Hannah *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002
- ⊙ BORSARI, J. R. *Futebol de Campo*. São Paulo: E.P.U.,1989. Cap. 1, p. 11-14.
- ⊙ CARMO, Paulo Sérgio do. *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.
- ⊙ CHALITA, Gabriel Benedito Issaac. *Educação: A solução está no afeto*. São Paulo: Editora Gente, 2001.
- ⊙ CONNOLLY, K. *Desenvolvimento Motor: passado, presente e futuro*, *Rev. Paul. Educ. Fís.*, São Paulo, supl. 3, p. 6-15, 2000.
- ⊙ CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do sentido: uma aproximação do real de orientação fenomenológica*. – 2ª Ed. – São Paulo: Brasiliense, 2006.
- ⊙ CUNHA, Fábio Aires. *Evolução do futebol no cenário mundial*. Revista Eletrônica Cooperativa do Fitness
- ⊙ CUNHA, Fábio. *Histórico e imortância da preparação física para o futebol no Brasil*. Revista Digital – Buenos Aires – Ano 9 – nº 63 – Agosto de 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> acessado em: 26/08/2010.
- ⊙ DA MATTA, Roberto et. al. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- ⊙ DUARTE, O. *Todas as copas do mundo*. São Paulo: Makron Books, 1994. 584 p
- ⊙ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *O Futebol*. In: *Enciclopédia Mirador Universal*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, p. 5030-5060, 1987.

- ⊙ ESPORTE E SOCIEDADE / Comissão de Especialistas de Educação Física (DO Ministério do Esporte) – 2 Ed. – Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2004.
- ⊙ FERNÁNDEZ, Alícia. A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher da corporalidade e da aprendizagem. Tradução: Neusa Kern Hickel – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- ⊙ _____, Alícia. Inteligência Aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ⊙ FIFA, http://www.fifa.com/fifa/history_E.html. Acesso em: 28/07/2010
- ⊙ FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1964.
- ⊙ FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1987. 280 p
- ⊙ _____, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- ⊙ FLORENZANO, José Paulo. Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro. – São Paulo: Musa Editora, 1998
- ⊙ FREYRE, Gilberto. Sociologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- ⊙ FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física – 4ª ed. - São Paulo: Scipione, 2002.
- ⊙ _____. Pedagogia do Futebol. – 2 Ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- ⊙ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. – 18 Ed. – São Paulo, 1996.

- ⊙ FRISSELLI, Ariobaldo, MANTOVANI, Marcelo. Futebol: teoria e prática. – 1 Ed. – São Paulo: Phorte, 1999.
- ⊙ GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método II: complementos e índice. Tradução de Ênio Paulo Giachini; revisão da tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- ⊙ GALLAHUE, David L. e OZMUN, John C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos: Tradução Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo. – São Paulo: Phorte Editora, 2003.
- ⊙ GIL, Gilson. O drama do "futebol-arte": o debate sobre a seleção nos anos 70. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: ANPOCS, n. 25, ano 9, junho de 1994, p. 100-109.
- ⊙ GONZÁLES, Fernando Jaime, FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Dicionário Crítico de Educação Física. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. – 424 p. – (Coleção Educação Física)
- ⊙ GORDON Jr. C. 1995 “história social dos negros no futebol”, in Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol (Rio de Janeiro: De Cultura, UERJ) nº 2.
- ⊙ HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. Desenvolvimento motor ao longo da vida. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ⊙ HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos; tradução e notas de Ernildo Stein. – São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)
- ⊙ HELAL, R. O que é sociologia do esporte. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Coleção Primeiros Passos)

- ⊙ HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. – São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ⊙ HUSSERL, Edmund. Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento; seleção e tradução de Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. – São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores)
- ⊙ <http://campus.northpark.edu/history/WebChron/Americas/ChichenItza.html>. acesso em: 28/07/2010
- ⊙ JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. – 4ª Ed. Atual. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2006.
- ⊙ KORSAKAS, P. Encontros e desencontros entre o esporte e a educação. In: DE ROSE, revista mackenzie de Educação Física – Ano 1, número 1. 2002.
- ⊙ library.thinkquest.org/C0115986/origem.html. acesso em:31/07/2010
- ⊙ LOPES, José S. Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. Revista USP, Dossiê Futebol, São Paulo, n.22, p. 64-83, 1994.
- ⊙ MATURANA, Humberto R., VARELA, Francisco J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. – tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. – São Paulo: Palas Athena, 2001.
- ⊙ MATURANA, Humberto R. *Da Biologia à Psicologia*. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- ⊙ MERLEAU-PONTY, Maurice. Conversas – 1948. Tradução Fábio Landa e Eva Landa. - 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- ⊙ _____, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. -3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ⊙ _____, Maurice. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ⊙ _____, Maurice. Textos escolhidos. - seleção de textos de Marilena de Souza Chauí; traduções e notas de Marilena de Souza Chauí...et el.- São Paulo: abril Cultural, 1980.
(Os pensadores)
- ⊙ MORIN, E. Sete Saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2001.
- ⊙ _____, Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 4 Ed. – Rio de Janeiro: DP&A.1997.
- ⊙ NAHAS, M. V. *Fundamentos da aptidão física relacionada à saúde*. Florianópolis: UFSC, 1989.
- ⊙ NETO, A. S. et al, Relação entre fatores ambientais e habilidades motoras básicas em crianças de 6 e 7 anos. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* – 2004, 3 (3): 135-140.
- ⊙ OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- ⊙ PAIM, M. C. C. Desenvolvimento Motor de Crianças pré-escolares entre 5 e 6 anos. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 8, n. 58, Marzo. 2003.
<http://www.efdeportes.com/efd58/criancas.htm>
- ⊙ PELLEGRINI, A. M., A aprendizagem de habilidades motoras I: O que muda com a prática? *Revista paulista de Educação Física*, São Paulo, supl. 3, p. 29-34, 2000.
- ⊙ RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras: novas Crônicas de futebol; organização Ruy Castro. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- ⊙ SÉRGIO, Manuel. Para uma Epistemologia da Motricidade Humana – Prolegómenos a uma nova ciência do homem. Lisboa: Compendium, [1986?]. (Educação Física e Desporto)
- ⊙ SCHULZE – DIETRICH Marmeling. A emancipação do futebol Africano. <http://www.eurozine.com/articles/2010-06-16-schulze-en.html>. Acesso em 23/06/2010
- ⊙ UNZELTE, C. O Livro de Ouro do FUTEBOL. São Paulo: Ediouro, 2002. 696 p
- ⊙ WIPÉDIA: "<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Joyopis.svg>". Acesso em 31/07/2010.
- ⊙ _____: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arcade>. Acesso em 31/07/2010.
- ⊙ _____: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nunchuk#Nunchuk>. Acesso em 01/08/2010.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)